

Edilene T. Toledo

O AMIGO DO POVO: GRUPOS DE AFINIDADE E A
PROPAGANDA ANARQUISTA EM SÃO PAULO NOS PRIMEIROS ANOS DESTES
SÉCULO

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento de
História do Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas

p.p. Schallner

Orientador: Prof. Dr. Cláudio H. M. Batalha

Este exemplar corresponde a
edição final da dissertação
fornecida e aprovada pela ^{Campinas} 1993
emissão fulguradora em 16.03.94



O AMIGO DO POVO: GRUPOS DE AFINIDADE E A
PROPAGANDA ANARQUISTA EM SÃO PAULO NOS PRIMEIROS ANOS DESTA
SÉCULO

Edilene T. Toledo

Este trabalho, embora modesto, só se tornou possível pela ajuda e o estímulo de muitas pessoas.

Agradeço ao Sidney Chalhoub que desde a nossa chegada à UNICAMP realimentou o nosso interesse pela história.

Agradeço também ao meu orientador Cláudio Batalha em quem encontrei interesse pelo meu trabalho e oportunidades de discutir as fontes e a bibliografia.

A Michael Hall agradeço por tudo. Os conselhos, as indicações bibliográficas preciosas, a leitura interessada, o estímulo e a paciência.

A amiga Silvana, que fez por mim o que ninguém mais faria. A Valéria e Erminia, elas sabem porque. E a tantos outros amigos que me incentivaram.

A minha família.

A Cristina, que me ensinou a sonhar.

Ao Luigi pelo afeto.

Ao CNPQ agradeço a imprescindível ajuda financeira.

INDICE:

INTRODUÇÃO.....	01
I. ANARQUISMO E HISTORIOGRAFIA.....	08
II. ANARQUISTAS E TRABALHADORES NO INICIO DO SÉCULO.....	23
III. O AMIGO DO POVO.....	48
- Grupos de Afinidade.....	53
- Teorias.....	65
- Os Inimigos do Povo.....	84
- Rumo ao Sindicato.....	96
- Educação e Propaganda.....	105
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
V. FONTES.....	132
VI. BIBLIOGRAFIA.....	134

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu de um interesse pela questão da educação. Em um dos cursos da Licenciatura, deparei-me, certa vez com um texto do psicólogo comportamentalista Skinner intitulado "Por que os professores fracassam?" Nele o autor argumentava que apesar da unanimidade em torno da idéia de que algo não ia bem com o ensino, a simples supressão da autoridade no processo de aprendizagem não garantiria o sucesso de uma mudança. Para ilustrar o argumento, ele observava que as experiências anarquistas em educação não haviam obtido êxito. Eu tendia a não concordar com ele. Nesse momento eu já tinha uma considerável experiência como aluna e alguma como professora, bem como uma série de críticas à educação atual. Isso veio então a despertar a minha curiosidade sobre as atividades que os anarquistas tinham realizado em relação à educação: como teriam sido essas experiências? Quanto tempo duraram? Teriam mesmo fracassado? Eram minhas simples perguntas de pesquisador principiante.

Fiquei entusiasmada ao descobrir que há muito tempo os anarquistas já haviam apontado para os efeitos negativos de uma educação controladora e disciplinadora, que criava indivíduos submissos, sem iniciativa, sem autonomia. E eles não somente haviam feito a crítica dos objetivos, princípios e métodos das formas de educação existentes, como também haviam proposto e experimentado um tipo de educação

completamente novo, que abolia práticas como a autoridade, a disciplina e as classificações, buscando estimular a originalidade, a iniciativa e a responsabilidade no aluno, para torná-lo autônomo, com capacidade de caminhar por si próprio. Realmente me fascinava ler no "Boletín de la Escuela Moderna de Barcelona"(1901), o que me pareciam idéias extremamente revolucionárias em relação à educação:

"A criança não necessita de dogmas, mas de descobrir verdades com sua atividade, porque a verdade não existe, se cria".

"A escola verdadeira será aquela que evite todo adiestramento das crianças, toda coerção sobre seus interesses e necessidades e as deixe viver sua liberdade."

"A liberdade na educação constitui a base de todas as mudanças sociais."¹

A versão brasileira dessa nova experiência educacional, bem como a de outros países da América Latina, foi sem dúvida profundamente influenciado por um amplo movimento de renovação pedagógica que ocorre na Europa no fim do século XIX e início do XX.

Descobri então que já havia dois trabalhos interessantes sobre essa experiência anarquista de educação formal no Brasil. Um historiador e uma educadora haviam se dedicado a descrever e analisar as atividades das escolas libertárias.²

1 Francisco Ferrer, Charles Albert, Paul Robin in Boletín de la Escuela Moderna, Barcelona, Tusquet Editor, 1982.

2 LUZZETTO, Flávio - Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional 1900-1920, São Paulo, USP, 1984. e JOMINI, Regina - Uma educação para a solidariedade, Campinas, Unicamp, 1991.

O surgimento de vários novos estudos sobre o anarquismo devia-se sobretudo ao fato de que a decepção com as "ditaduras do proletariado" havia aberto um espaço para o estudo da perspectiva libertária na história do socialismo, deixando de analisá-la unicamente como curiosidades pré-políticas ou fracassos históricos. De fato algumas das previsões anarquistas haviam se mostrado realistas e a retomada de alguns temas caros ao anarquismo fizeram ressurgir seu lado forte.

Minhas passagens iniciais pelo começo do século no Brasil colocaram em meu caminho homens como João Fenteado e Adelino de Pinho que, entre outros, dedicaram suas vidas a essas experiências novas em educação. Adelino viveu pobremente de uma escolinha para filho de trabalhadores. Antes fora motorneiro e analfabeto até a idade adulta. Instruiu-se por conta própria, "graças à intensa paixão cultural dos meios anarquistas".³ Nesse encontro, eu associava o interesse pela educação com outro grande interesse, os trabalhadores.

Dai foi um passo para perceber que esse projeto de educação formal era indissociável de um projeto muito maior. Os anarquistas faziam parte da longa história das utopias: compartilhavam o que há muito tem perdurado na imaginação humana, o sonho de uma vida melhor. A utopia anarquista

³ Cândido, Antonio. *Sobre a retida* in *Libertários no Brasil - Memórias, lutas, cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p.15.

deveria ser uma construção tanto exterior como interior: os homens deveriam trazer o novo mundo em seus corações.

É claro, porém, que o anarquismo enquanto movimento organizado, assim como o socialismo, surgiu num momento histórico muito preciso: nasceu da crítica à sociedade industrial, aos males do capitalismo e sua crescente indiferença diante do sofrimento humano. Assim como na Europa, o anarquismo brasileiro surge nesse contexto.

Assim eu chegava ao que seria o tema do projeto no seu início. Meu objetivo era estudar "o projeto anarquista de transformação moral e cultural das massas trabalhadoras no Brasil da Primeira República". Isso incluía tanto as experiências educativas a nível formal nas escolas, como os centros de estudo, sindicatos, literatura, teatro, jornais. A isso eu associava a necessidade de compreender a problematização dos anarquistas em torno dos costumes, ou seja questões como o trabalho, a sexualidade, o casamento, a condição feminina, o lazer, e os chamados "prazeres viciosos" como o álcool, o baile, o carnaval. Pretendia compreender a relação dos anarquistas com as culturas populares do período, quando eu já desconfiava da complexidade dessas questões, mas não tinha uma noção muito precisa da sua dimensão.

Ora, tudo isso era exageradamente ambicioso, consideravelmente vago e equivocado em alguns aspectos. Isso

sé devia a uma ingenuidade de principiante e a um conhecimento bem pequeno das fontes.

Ora, é impossível falar de um projeto anarquista no Brasil, presente e imutável durante toda a Primeira República.

A diversidade da experiência no Brasil, exigia um recorte temático, espacial e cronológico mais preciso. Do longo espaço de tempo inicialmente eleito, acabei por me deter nos primeiros anos do século, momento que julguei especialmente privilegiado para compreender a constituição dos trabalhadores como classe no Brasil bem como a presença dos anarquistas nesse processo. A pesquisa e parte da historiografia me ajudara a perceber outros aspectos dos anarquistas em relação aos trabalhadores no seu projeto de educação, o que me fazia relativizar as idéias entusiasmadas do início e então os problemas que eu levantava e o objeto em si foram tomando novas formas. Do Brasil, passei à cidade de São Paulo, onde a influência anarquista foi maior.

Como a maior parte da historiografia tratara do anarquismo globalmente e privilegiando a sua atuação dentro do movimento sindical, optei por tentar compreender uma dimensão própria da ação anarquista através do estudo dos grupos que tinham uma concepção diferenciada da estratégia a ser seguida. Em São Paulo essa questão toma maior importância se considerarmos que o que desencadeia os movimentos de 1917 são as ligas de bairro, ao contrário do

Rio de Janeiro onde são os sindicatos que tem esse papel.⁴ Entretanto procurei mostrar que também esses grupos anarco-comunistas haviam optado pela presença anarquista nos sindicatos. As diferentes opções de atuação dos grupos visavam de uma e outra forma a educação dos trabalhadores.

Enfim optei pelo estudo de um único jornal - O Amigo do Povo - opção que se deveu à citada necessidade de um recorte geográfico e cronológico mais preciso, que tornasse exequível a elaboração de uma dissertação em um período de tempo reduzido. O estudo desse jornal permite conhecer não só o grupo editor - que englobava as figuras mais importantes do movimento naquele momento e em momentos posteriores como Neno Vasco, Benjamim Mota, Alessandro Cerchiai, Oreste Ristori, Giulio Sorelli, Tobia Boni, Gigi Damiani, Angelo Bandoni, Augusto Donati - mas também conhecer as relações com os anarquistas do Rio de Janeiro, as mulheres anarquistas, as leituras que faziam, os outros grupos e jornais com que O Amigo do Povo se relacionava. Os diferentes temas apresentados no jornal iam do anti-parlamentarismo à emancipação da mulher, da imigração à violência do Estado, da opressão e exploração dos trabalhadores no campo ao despotismo dos patrões nas fábricas das cidades, notícias do Brasil e do mundo, lamentos, histórias, denúncias. Trazem problemas de um mundo em movimento, muitas vezes em conflito.

⁴ CAMPOS, Cristina Hebling - O senhor libertário - movimento operário nos anos de 1917 a 1921, Campinas, Unicamp, 1988.

Meu trabalho pretende ser um novo olhar sobre esse mundo, consideravelmente distante de nós e muitas vezes tão próximo. A fonte escolhida não é propriamente original, embora ninguém tenha feito ainda um trabalho sistemático desse jornal. Creio que no cruzamento com outras fontes esse jornal pode mostrar-se uma interessante para compreendermos um pouco mais um momento importante da história do anarquismo e dos trabalhadores brasileiros.

ANARQUISMO E HISTORIOGRAFIA

Os primeiros estudos sobre o movimento anarquista no Brasil foram realizados por escritores diretamente ligados a política operária. Astrogildo Pereira, por exemplo, tratando do anarquismo como tema secundário, considerou-o como uma ideologia pequeno-burguesa, responsável pela debilidade e pelos insucessos do primeiro movimento operário ¹. Essa desqualificação é completamente equivocada pois "quaisquer que fossem suas limitações o anarco-sindicalismo brasileiro era uma doutrina tanto proletária quanto revolucionária"². Para Pereira o predomínio do anarquismo seria resultado de dois fatores básicos: a estrutura econômica semi-feudal do país, as relações pré-capitalistas e a origem camponesa e artesanal do operariado. Assim, o débil movimento operário brasileiro, somente com a fundação do Partido Comunista, fruto do amadurecimento político da classe trabalhadora, encontraria condições de realizar seus objetivos³. Por trás dessas análises, havia um modelo de desenvolvimento do movimento

1 PEREIRA, A. - A formação do PCB, Rio de Janeiro, Ed. Vitória, 1962.

2 PINHEIRO, F.S. e HALL, M. - *Alargando a história da Classe Operária: organização, lutas e controle*. Revista Remate de Males, nº. 5, Campinas, 1985, pg. 111.

3. HOBBSAWM observa que a história operária de dentro do movimento tendeu a identificar "classe operária" com movimento operário mesmo com organizações, ideologias ou partidos específicos. Mundos do Trabalho, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, pg. 18.

operário, onde o anarquismo era visto como erro, como desvio do curso histórico normal. O desprezo pelo tema levou essas análises e generalizações e esquematizações, fazendo com que se confundisse sob a denominação de anarquismo correntes muito diversas ⁴.

No início da década de 60, as memórias de antigos militantes anarquistas contestaram as análises realizadas por comunistas e socialistas.⁵

O livro de Edgard Leuenroth procurou reconstruir a história do movimento anarquista desde seus primórdios ⁶.

Edgard Rodrigues escreveu livros onde buscou enfatizar supostas características libertárias em diferentes movimentos sociais brasileiros desde o Quilombo de Palmares. Esse procedimento se assemelha ao do historiador anarquista Max Nettlau que encontrou o primeiro florescimento do

4. A existência de poucos estudos devia-se sem dúvida ao fato de que o anarquismo desagradava tanto a direita quanto a esquerda.

5. Gonzalo Ruvira em seu estudo sobre o anarquismo argentino observa que a análise socialista inspirou a maior parte das histórias gerais do movimento operário latino-americano. A essência dessa análise poderia ser resumida assim 1) a predominância anarquista estava ligada às condições econômicas e sociais: o atraso no desenvolvimento industrial, ausência de um autêntico proletariado, a origem nacional dos operários, na maioria italianos. 2) enquanto o socialismo se esforçava para organizar o movimento operário e dirigir sua luta contra o capitalismo, o anarquismo teria sido um fator de desordem, de confusão, que afastava os trabalhadores de suas justas reivindicações. 3) a ideologia anarquista estava desprovida de todo caráter científico e era ingênua, incoerente e utópica. RUVIRA, Gonzalo Zaragoza. Anarchisme et mouvement ouvrier en Argentine a la fin du XIXe siècle. Le Mouvement Social, avril-juin 1978, n.103.

6. LEUENROTH, E. - Anarquismo - Roteiro da Libertação Social, Rio de Janeiro, Editora Mundo Livre, 1963.

pensamento libertário na filosofia grega. Para Nettlau, uma história da idéia anarquista era inseparável da história de todos os desenvolvimentos progressivos das aspirações pela liberdade⁷. Destacando apenas certas atitudes que constituem a essência do anarquismo, esses autores descaracterizam o fato de que o anarquismo enquanto movimento surgiu num momento histórico muito preciso, na crítica ao capitalismo.

Os dois autores que trataram do anarquismo brasileiro vêem as primeiras lutas operárias contra o capital como a fase áurea da história do movimento operário em virtude da influência anarquista, a única ideologia verdadeiramente operária, já que traduziria fielmente os reais anseios de todos os oprimidos e, portanto, a única capaz de conduzir a luta pela emancipação do homem e pela organização da sociedade livre, sem perigo do restabelecimento de privilégios e dominações. O movimento operário posterior, para eles, ter-se-ia tornado autoritário e reformista. Essa versão do passado se contrapunha tanto a versão dos comunistas como à versão oficial associada ao getulismo. Ela tendeu a mitificar o passado.

A análise desses trabalhos põe em questão a complexa problemática referente a questão da memória, que tem dado margem a diferentes estudos e reflexões. Não pretendo aqui me alongar na discussão desse tema. É imprescindível, porém, destacar que a memória é sempre uma

7. NETTLAU, Max. - La anarquía através de los tiempos, Madrid, Jucar, 1978.

reelaboração do passado, que envolve diferentes faces: lembrar, esquecer, construir. Sem dúvida o historiador tem que estar atento para isso.

Pierre Nora resume de forma magistral a problemática questão da memória:

"Memória é vida. Seus portadores são sempre grupos de pessoas vivas, e por isso a memória está em permanente evolução. Ela está sujeita a dialética da lembrança e do esquecimento, inadvertida de suas deformações sucessivas e aberta a qualquer tipo de uso e manipulação. As vezes fica latente por longos períodos, depois desperta subitamente. A história é a sempre incompleta e problemática reconstrução do que já não existe. A memória sempre pertence a nossa época e está intimamente ligada ao eterno presente; a história é uma representação do passado" 8.

É preciso, pois, na análise dos discursos estar atento para o fato de que o passado é construído como dimensão imaginária do presente, ou seja o passado é utilizado como argumento no presente. O discurso, muitas vezes, reconstrói o passado para construir o presente, num processo onde o refazer da história é o fazer da política. Marx já observara isso no seu 18 Brumário:

"... a ressurreição dos mortos servia, pois, para glorificar as novas lutas e não para parodiar as antigas, para exagerar na fantasia a tarefa cometida e não para retroceder face ao seu cumprimento na realidade, para encontrar de novo o espírito da revolução e não para fazer vagar outra vez o seu espectro." 9.

* * * *

Os primeiros estudos acadêmicos sobre a classe operária no Brasil, tiveram como tema principal o

8. NORA, Pierre in NORA, P. (org.) Les Lieux de la Memoire, Vol. I Republique, Paris, 1984, p. 19 - citado por HOBBSAWM, E. J. - A Era dos Impérios, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

9. MARX, Karl - O 18 Brumário de Louis Bonaparte, Lisboa, Avante!, 1982, p. 23.

sindicalismo após 1930 e o anarquismo foi abordado apenas secundariamente. Esses estudos criaram a primeira periodização básica do movimento operário, dividindo-o em duas grandes etapas, tendo como referência a ascensão de Vargas ao poder. É necessário estar atento ao fato de que a periodização nunca é uma ação teórica desinteressada, mas um ato de poder, onde o historiador periodiza a história segundo a sua imagem do passado, do presente e do futuro. Periodizar é sempre generalizar e impor uma memória apagando as outras alternativas possíveis. Portanto, para cada momento há inúmeras periodizações possíveis e então toda periodização é uma construção ¹⁰. É certo, porém, que umas podem ser melhor justificadas que outras.

Em geral, os cientistas sociais vincularam a introdução do anarquismo ao movimento imigratório. Assim, grupos de estrangeiros (adeptos em seu país de origem) teriam procurado conduzir o movimento operário e propagado o anarquismo sem obter sucesso ¹¹. Ora, o fato dos anarquistas terem reproduzido comportamentos políticos elaborados na Europa, em condições econômicas e sociais diferentes não tira a legitimidade da sua ação.

Outros autores buscaram a explicação da vigência do anarquismo em diversos fatores, rompendo a exclusividade

10. CHAUI, MARILENA - Ideologia e mobilização popular, Rio e Janeiro, Paz e Terra, 1978.

11. Em geral os trabalhos dos cientistas sociais sobre o período foram marcados por uma limitada pesquisa empírica e pela frequente aceitação do discurso da classe dominante na Primeira República.

da relação imigração/anarquismo. Azis Simão vinculou penetração do anarquismo à organização político-econômica do país: a política do Estado e a posição da indústria na economia. Para ele o anarquismo, de certa maneira, corresponderia à política do Estado, ao propor que as relações de trabalho deveriam ser resolvidas diretamente entre patrões e operários ¹².

Historiadores como Sheldon Maram e Michael Hall pesquisaram mais profundamente as relações entre movimento operário e imigração. Para ambos, o grande obstáculo que o movimento operário teve que enfrentar na Primeira República foram as diferenças raciais e de nacionalidades no interior da classe, que por muitas vezes teriam comprometido o sucesso das ações coletivas. Os conflitos étnicos e raciais teriam se sobreposto aos interesses gerais e próprios do proletariado e colocavam sérios problemas para a organização da classe. Para Maram os conflitos existentes entre brasileiros e imigrantes e entre os próprios grupos etnicamente divididos foram as principais limitações do movimento operário:

"A consciência do trabalhador imigrante, as divisões étnicas da classe operária e a vulnerabilidade do trabalho organizado, as deportações e as campanhas xenofóbicas do governo - todos esses fatores com raízes na base imigrante do proletariado retardava o desenvolvimento do movimento operário brasileiro e eventualmente contribuíram para sua destruição." ¹³.

12. SIMÃO, Azis - Sindicato e Estado. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo, Dominus, 1960.

13. MARAM, Sheldon L. - Anarquistas, imigrantes e movimento operário brasileiro 1890-1920, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

Entretanto Hall observa que é possível que as condições específicas que os imigrantes encontraram ao chegar tenham tido um significado maior na explicação de sua história que os traços culturais adquiridos em suas terras de origem ¹⁴.

Para esses autores outro fator que contribuía para dificultar a organização operária e anarquista era a política de repressão, fortemente acentuada pelo etnocentrismo das camadas dominantes. A exclusão política de amplos setores da população pelo pacto de dominação vigente, também contribuiria para que os trabalhadores ficassem alheios aos problemas do país. A política oligárquica funcionaria como um fator de incremento para a adoção do anarquismo que abominava a participação dos oprimidos na política institucional.

Para Maram a adoção do anarquismo por setores do operariado estaria vinculada a certas características psicossociais do imigrante, sobretudo o seu desejo de não romper definitivamente os laços com a terra natal e o anarquismo o situava como integrante de uma classe universal e de um movimento internacional contra a exploração. Para ele, a recusa do Estado Brasileiro em reconhecer os direitos mínimos aos trabalhadores impediria também o desenvolvimento do socialismo reformista (ou outros movimentos ligados à política institucional) abrindo caminho para a difusão do

14. PINHEIRO, P. S. e HALL, M. - Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle. Revista Remate de Males, nº. 5, Campinas, 1985.

anarquismo. Segundo ele, embora o anarquismo permanecesse confinado a grupos de ativistas, a liderança deles foi aceita por amplos setores do operariado porque esses ativistas eram operários e portanto confiáveis aos olhos da classe, o que não ocorria com os socialistas.

Para Maram, o imigrante médio não tinha consciência de classe. Sua perspectiva era de ascensão social ou de volta ao país de origem.

Também os militantes pensavam frequentemente dessa maneira como nos mostra essa observação do anarquista Neno Vasco:

"Os imigrantes, de um modo geral, têm um único objetivo: fazer um pecúliozinho para retornar a seu país. Pelo menos isso é uma idéia fixa para eles na maioria das vezes. Essa atitude, a estranheza que sentia pelo nosso meio, as diferenças de língua e clima, a incerteza causada pela instabilidade da situação econômica e de moradia, militava contra a propaganda e ação de qualquer doutrina social." 15.

De fato, cerca de metade dos italianos que vieram para São Paulo antes de 1914 deixaram o Brasil. Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro observam que a partida para muitos era a única forma de protesto disponível 16.

Maram procurou encontrar outra explicação para a fragilidade do movimento operário na Primeira República para além da repressão do governo e dos empregadores, ainda que seja impossível negar que a intimidação era bastante eficaz.

Assim, os estudos sobre o proletariado no Brasil foram tomando grande impulso, consolidando a ruptura com uma

15. VASCO, Neno in LEUENROTH, E. - op. cit.

16. HALL, Michael e P. S. Pinheiro, Alargando...

historiografia oficial que por muito tempo "esqueceu" o movimento operário ¹⁷.

Um trabalho importante que pertence também a esse momento de ruptura é o de Silvia Magnani. Essa autora acredita que também a historiografia acadêmica foi marcada por preconceitos. No caso dos estudos sobre anarquismo, este preconceito revelou-se "na ênfase em apontar o seu caráter importado, seu confinamento a pequenos grupos de estrangeiros e sua incapacidade de atingir o trabalhador nacional."¹⁸. De fato, a predominância de estrangeiros no movimento operário ao menos em São Paulo, ocorria simplesmente porque o proletariado na sua maioria era estrangeiro.

Essa autora apontou para o fato de que para se compreender a presença anarquista e o movimento operário na Primeira República era necessário tanto conhecer melhor o operariado quanto a sociedade republicana que impunha limites a ação operária. Dessa forma em seu trabalho, Magnani procurou aprofundar o conhecimento da ideologia anarquista em São Paulo, tentando relativizar as interpretações que de alguma maneira privilegiaram o vínculo

17. Ginzburg observa que os historiadores "cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. "Quem constuiu Tebas das sete portas" perguntava o leitor operário de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo o seu peso." GINZBURG, C. - O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição São Paulo: Cia das Letras, 1987. p.11.

18. MAGNANI, Silvia Lang O Movimento Anarquista em São Paulo (1906-1917) São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 32.

anarquismo/imigração, analisando as relações entre a vigência do anarquismo e o meio social brasileiro, dando destaque ao vínculo anarquismo/Estado Republicano.

Assim, para Magnani, a difusão do anarquismo deve ser vinculada às condições sociais, políticas e econômicas da Primeira República, pois a organização política republicana, ao impedir a participação política dos trabalhadores, levou-os a buscar formas de atuação fora dos canais institucionais ¹⁹.

Para os anarquistas qualquer relação com o Estado era formalmente repugnante. Magnani porém acredita que na luta pelos direitos trabalhistas os anarquistas tiveram como interlocutores tanto os patrões como o Estado. Sabe-se no entanto, que eles julgavam a luta política através de canais institucionais equivocada e infrutífera e criticaram constantemente o caráter classista ²⁰ do Estado brasileiro e sobretudo o caráter fraudulento de todo processo político eleitoral. Para Magnani os princípios teóricos dos anarquistas foram, por vezes, esquecidos ante a problemática enfrentada pela nascente classe operária. Isso, para a autora, denota que o movimento anarquista não foi uma simples importação de um ideário político, mas que sua

19. Para considerar mais profundamente esta questão seria necessário investigar como era o sufrágio em outros países como a França e a Itália por exemplo, onde o anarquismo teve grande força.

20. Ainda que nas concepções anarquistas todo Estado, seja ele qual for, seja um instrumento e opressão, os anarquistas aqui alertaram para o caráter burguês do Estado brasileiro.

vigência no Brasil das primeiras décadas do século deveu-se às condições históricas então reinantes.

Sem dúvida esse trabalho trouxe uma grande contribuição ao estudo do anarquismo, mas a autora, ao privilegiar uma certa explicação política para a formação da classe e do movimento operário do momento, enfraquece ou desvaloriza outros aspectos importantes. Além disso, ela tendeu a supervalorizar a influência anarquista entre os trabalhadores.

Para Bóris Fausto a debilidade do movimento operário na Primeira República seria atribuída a diversos fatores, entre os quais a posição secundária da indústria no conjunto da economia, a organização político-jurídica (exclusão política das classes trabalhadoras e o não reconhecimento da legitimidade de uma legislação trabalhista) e a própria ideologia anarquista. Para o autor, a crítica anarquista era formulada em termos morais sem conseguir propor táticas e alianças que pudessem tornar viáveis seus objetivos. Para ele os anarquistas contribuíram para o isolamento do proletariado de origem estrangeira e foram ao encontro dos interesses das classes dominantes. Preocupado com as consequências políticas da ação dos anarquistas, Bóris Fausto exige deles exatamente aquilo que recusam: acredita que eles não compreenderam a natureza do Estado ao negarem-se a exercer pressões sobre ele nos combates pela cidadania. No plano da organização, é a recusa da instância política formal e a conseqüente não formação do

partido como núcleo agregador de interesses que para Fausto não só debilita os anarquistas como se torna o principal entrave na organização dos trabalhadores na Primeira República. Sem dúvida essa interpretação estava intimamente ligada ao trabalho de Eric Hobsbawn sobre o anarquismo andaluz:

"Se uma ideologia diferente tivesse penetrado o campo andaluz na década de 1870, talvez pudesse ter transformado a rebeldia espontânea e instável dos camponeses em algo mais foidável, porque mais disciplinado, como o comunismo tem por vezes, conseguido fazer. Isso não aconteceu. Dessa forma, a história do anarquismo, quase única entre os modernos movimentos sociais, é um fracasso incessante." 21.

É óbvio que esse trabalho de Hobsbawn estava ligado a um momento histórico muito preciso onde ele buscava demonstrar a importância e a necessidade do partido.

Hall e Pinheiro observam que, "mesmo um historiador tão eminente como Bóris Fausto" claramente se equivoca em diversos aspectos, quando fala discutindo a Primeira República da passividade da massa rural, por exemplo, quebrada somente por explosões importantes, mas desprovidas de conteúdo político.

A mesma idéia de rebeldia primitiva é atribuída por Bóris Fausto aos movimentos influenciados pelo anarquismo.

Hall e Pinheiro continuam a contestar o argumento:

"A tendência em anos recentes, além disso, foi mostrar que tais movimentos não são de modo algum 'pré-políticos' como Hobsbawn usa o termo, nem 'massísticos' no sentido de irracionais" 22.

21. HOBSBAWN, E. - Rebeldes Primitivos. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

22. PINHEIRO, P. S. e HALL, M. - Revista Remate de Males, op. cit., p. 110.

Esses dois autores alertaram para o fato de que as análises que pressupõem um modelo do que a classe deveria ser, escamoteiam e distorcem a consciência real dos trabalhadores em nome de sua suposta "apatia" ou falta de consciência ²³. Eles propõem uma interpretação que "ao invés de culpar as vítimas ou privá-las de capacidade de ação autônoma, procure dar conta da história da classe operária e do movimento operário como resultado das lutas concretas". ²⁴.

Para superar visões de apatia e de atraso geralmente imputados aos operários na Primeira República, é necessário recuperar a multiplicidade de expressões da classe operária.

"Não há porque continuar prolongando discussões para decidir se os operários tinham ou não intenções revolucionárias ou 'consciências corretas', forçando muitas vezes os sentimentos, pensamentos e práticas dos trabalhadores para encaixá-los em categorias predeterminadas e que por conseguinte, pouco ou nada tem a ver com suas vidas, possibilidades e preocupações concretas." ²⁵.

Alguns autores estrangeiros tiveram grande influência sobre essa renovação temática e teórica ocorrida na historiografia brasileira sobre o movimento operário: sem dúvida as reflexões de Haupt, Hobsbawm, Castoriadis e Thompson foram incorporadas aos novos trabalhos.

Os trabalhos de Thompson tiveram enorme influência sobre a forma de se pensar a classe e a consciência de

23. Idem, ibidem p. 99.

24. Idem, ibidem p. 102.

25. PINHEIRO, P. S. e HALL, M. - A classe operária no Brasil 1889-1930, Documentos vol. II. Condições de vida e de trabalho, relações com empresários e o Estado, São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 11.

classe: esse autor define classe como uma categoria histórica, ou seja, as classes são consideradas formações históricas que não aparecem só nos modos prescritos como teoricamente adequados, criticando assim a idéia de falsa consciência e frisando que as classes surgem na luta de classes. Portanto em cada época e em cada lugar os operários agem e lutam de maneiras diferentes:

"Nenhuma formação de classe propriamente dita da história é mais verdadeira ou mais real que outra e a classe se define a si mesma em seu efetivo acontecer." 26.

Assim como os outros autores, Thompson critica a idéia de classe estabelecida através do lugar no processo produtivo. Para ele a constituição de uma classe trabalhadora é tanto um fato de história econômica, quanto um fato de história política e cultural. Ele enfatiza que as experiências materiais dos trabalhadores são apreendidas segundo modelos interpretativos que se vinculam às suas próprias tradições políticas, e culturais. É claro que esses valores e tradições são mutáveis e o seu peso pode variar consideravelmente de um movimento para outro.

Tanto Hobsbawm como Thompson alertaram também para o fato de que numa sociedade não se pode compreender as partes sem se levar em conta a sua relação com o todo.:

"A história de qualquer classe não pode ser escrita se a isolarmos de outras classes, dos Estados, instituições e idéias que fornecem sua estrutura ..." 27

26. THOMPSON, E. P. - *La sociedad inglesa del siglo XVIII: lucha de clases sin clases? in Tradición, revuelta y conciencia de clase*, Barcelona: Crítica, 1979. p. 38.
27. HOBSEBAM, E. - *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p.13.

*"A história operária é parte da história da sociedade."*³

Além da influência do trabalho desses historiadores, o próprio momento histórico brasileiro, com as lutas operárias no fim da década de 70, trazia novas questões para as análises em relação ao movimento operário.

Isso tudo evidencia o fato de que todo texto tem um contexto, uma dimensão histórico-político-teórica que não pode ser esquecida. Já não se pretende apresentar uma imagem definitiva do passado, mas lembrar que cada história é uma experiência única desse passado.

É claro que não se pode concordar com as teorias que reduzem o trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica. Mas é preciso lembrar que todo trabalho historiográfico tem necessariamente um caráter parcial, fragmentado e provisório.

3. Idem, ibidem, p. 29.

TRABALHADORES E ANARQUISTAS NO COMEÇO DO SÉCULO

O movimento operário do começo do século, certamente não pode ser reduzido ou identificado ao movimento anarquista, uma vez que a experiência da classe operária integra diferentes comportamentos²⁹. Não se deve porém, num extremo oposto, negar a influência anarquista entre os trabalhadores nesse momento, uma vez que eles estiveram presentes em importantes momentos da formação da classe³⁰ e participaram da sua organização. Foram importantes na elaboração de novas formas de luta e na sua crítica radical da sociedade.

O movimento anarquista tinha por objetivo a divulgação de idéias políticas, bem como a de uma cultura e

29. Na importante introdução ao livro de documentos sobre o movimento operário F. S. Pinheiro e M. Hall observam que documento "(...) parecem indicar que a história da classe operária não pode ser confundida com nenhum partido, em decorrência da diversidade de experiências e de situações vividas pela classe.", A classe operária no Brasil 1889-1930, Documentos vol.I, op. cit., p. 10.

30. A classe operária é entendida aqui como o conjunto dos trabalhadores manuais urbanos.

moral operárias não contaminadas pelos dogmas da Igreja, do Estado e pela moral burguesa.

Seu objetivo, porém, não se restringia a propagação de um ideário político, cultural e moral mas buscava também incentivar a luta do operariado contra a exploração capitalista, noticiando na sua imprensa, o movimento operário internacional, através do apelo a diversas formas de ação (greves, boicotes, comícios, passeatas, fundação de sociedades de resistência, através da denúncia constante das ações opressoras da burguesia, quer nas relações de produção, quer a nível político (ação coercitiva do Estado, parcialidade da Justiça, etc.) ³¹.

No início do século, o movimento anarquista europeu reunia mutualistas, coletivistas, individualistas e anarco-comunistas. "Nesse quadro por si só complexo, insinuava-se ainda o anarco-sindicalismo, trazendo mais alvoroço do que geralmente se supõe ao já conturbado território libertário." ³² Sem dúvida o movimento não era homogêneo: simples diferenças e sérios antagonismos envolviam questões teóricas e práticas.

Também no Brasil os grupos anarquistas apresentaram diferentes orientações. Apesar da convivência e cooperação, alguns pequenos grupos atacavam a atuação anarquista nos sindicatos como reformista e não

31. MAGNANI, S. - op cit.

32. LUIZZETO, Flávio - Utopias anarquistas, São Paulo: Brasiliense, 1989.

revolucionária (nos jornais La Battaglia, La Barricata e Guerra Social, por exemplo).

Apesar da heterogeneidade de opiniões entre os anarquistas, havia unanimidade em relação a certos aspectos: a necessidade da abolição do Estado, a recusa da tática eleitoral e parlamentar, a oposição à idéia de um partido centralizado, defesa da ação direta, a valorização da individualidade. No Brasil, as influências foram muito diversas como veremos mais adiante.

* * * * *

Antes ainda do limiar do novo século, alguns grupos realizavam a tarefa fundadora da atuação anarquista na sociedade brasileira, que se tornara há alguns anos, República. Nesse momento, ainda no final do século XIX, alguns militantes deixariam vestígios da sua presença no movimento: Augusto Donati, Galileo Botti, Giuseppe Consorti, Felice Vezzani, Gigi Damiani, Alfredo Mari, Stefano Estrella, entre outros.

Em São Paulo, fundavam-se vários jornais: Gli Schiavi Bianchi, dirigido por Galileo Botti, L'Asino Umano, de Felice Vezzani e Augusto Donati, L'Avvenire com Giuseppe Consorti, Augusto Donati e Lodovico Tavani e Il Risveglio, escrito por Alfredo Mari e Gigi Damiani em 1898.

Referindo-se ao período anterior a 1900, o socialista Alceste de Ambris observara:

"...pululavam os jornais especialmente anarquistas, cuja a vida geralmente era brevíssima e toda a ação prática consistia na propaganda escrita e oral, em algumas comemorações e em periódicas demonstrações de rua."³³

Benjamim Mota, jovem advogado e ex-republicano, aderiu ao anarquismo em 1897. Gigi Damiani chegou também em 1897, aos 21 anos. Na mesma época chegaram também ao Brasil outros personagens que se tornariam grandes figuras do anarquismo: Angelo Bandoni, Giulio Soreli, Alessandro Cerchiai, Oreste Ristori, Luigi Magrassi e Neno Vasco. Juntos procuraram difundir a idéia anarquista entre os trabalhadores, denunciando as condições de exploração da mão-de-obra imigrante nas fazendas de café e nas fábricas da cidade, num momento em que o número de indústrias era pequeno mas a repressão já era grande, uma vez que o Estado Republicano e as classes dominantes atribuíam à ação de poucos elementos estrangeiros as manifestações de descontentamentos e o protesto dos trabalhadores.

Durante a Primeira República a grande imprensa e a intelectualidade ligadas às oligarquias dominantes difundiram a imagem da "planta exótica" para rotular as correntes anarquistas no Brasil e assim procuraram combatê-las. ³⁴ Os adeptos deste teoria sustentavam ainda que no Brasil não existiam conflitos entre operários e patrões. Não existindo conflito de classes seria impossível que ideologias como o anarquismo se difundissem no meio social

³³ Alceste de Ambris, *Il Movimento operaio nello stato de S. Paolo* Florença, 1900. Citado por PINHEIRO, P.S. e HALL, M. A Classe Operária no Brasil (Documentos, 1889 a 1930) Vol.1 O Movimento Operário São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

³⁴ MAGNANI, Silvia Lang O Movimento Anarquista em São Paulo (1906-1917) São Paulo: Brasiliense, 1982.

brasileiro. Nesse raciocínio o anarquismo estaria restrito a um pequeno grupo de agitadores profissionais, elementos subversivos, expulsos de seus países de origem e inadvertidamente acolhidos no Brasil.³⁵

O relatório de um chefe de polícia, de 1896, nos dá uma idéia do tratamento recebido pelos anarquistas:

"Em abril de 1894 tendo meu illustra antecessor, Dr. Teodoro de Carvalho, conhecimento de que nesta capital havia um grupo de estrangeiros anarquistas constituído grêmio de propaganda subversiva e vendo o perigo desta propaganda... fez prender a dez dos mais salientes sectários daquela propaganda, os quais tendo tido ordem de deportação foram remetidos para a Capital Federal, onde permaneceram presos até 1 de dezembro do mesmo ano. Postos em liberdade, em virtude do aviso do Ministério da Justiça daquela data, alguns deles voltaram a este Estado e, a despeito de terem prometido viver vida ordeira, aqui se constituíram em novo grêmio de propagandistas, fundando jornais e publicações perigosas para a ordem pública e realizando reuniões secretas de intuitos francamente anarquistas..."

É difícil avaliar o grau de penetração da ação anarquista apesar das afirmações de que alguns grupos já estavam constituídos. Mas é evidente que o Estado teme suas ações e os efeitos de sua propaganda no meio operário.

A continuação do relatório revela o esforço de organização dos grupos e a intensa repressão:

"Nessa constante prevenção via a saber que o grupo preparava-se para mais manifestações em 1 de maio de 1895 e para essa data reservara essa Chefia providências apropriadas, quando na noite de 17 para 18 de março foram presos Campagnoli Luciano e Venturini Atílio, na ocasião em que furtivamente distribuía e afixava manifestos anarquistas, pelos subúrbios da cidade. Medidas urgentes tiveram então de ser tomadas e dentro em pouco foram dadas buscas em várias casas suspeitas e presos mais 4 indivíduos, Giuseppe Consorte, Ludovico Tavani, Campagnoli Arturo e Alemo Andrea. Das buscas efetuadas resultou a apreensão de numerosos livros e jornais de propaganda revolucionária, muitos

³⁵ Magnani observa como esta teoria foi posteriormente retomada e reelaborada sobretudo por autores que buscaram "forjar e difundir a mitologia estadonovista da outorga da legislação trabalhista sindical". "Esta atitude buscava também negar a existência das lutas sociais no Brasil. Reafirmando implicitamente sua incapacidade política e a necessidade de tutela."

exemplares dos manifestos acima referendados e correspondências reveladoras de planos criminosos... Determinei que fossem retratados e recolhidos a cadeia, em prisão especial, até que em vista das provas do inquérito instaurado e por bem do sossego e segurança pública, fossem expulsos do território nacional.³⁶

Sem dúvida, as deportações contribuíam para o enfraquecimento do movimento. Contudo, os anarquistas pareciam sempre forjar uma nova forma de viver e continuar o que consideravam sua missão. Apesar das adversidades pareciam confiar sempre no dia em que alcançariam o paraíso da anarquia. Emma Goldman certa vez enviou uma carta ao Brasil para Neno Vasco onde observava:

"... a repressão é muito grande (...) no entanto, não nos importamos, o espírito da marcha revolucionária e o anarquismo triunfarão."³⁷

Ao escrever a história de sua vida Emma observava:

"(...) As circunstâncias às vezes nos desgastam, destroem nossas boas intenções, paralisam nossas energias e nos obrigam a fazer o inverso do que desejamos. Mas acredito também que quem tem força de caráter e perseverança supera suas circunstâncias."³⁸

Idéias deste tipo pareciam manter os anarquistas na firme determinação de difundir a doutrina.

* * * * *

Pode-se dizer que a partir de 1900 a organização operária começa assumir contornos mais precisos: formam-se as primeiras ligas operárias de chapeleiros, alfaiates, tecelões e outros. O movimento aumentava progressivamente: pertencem a esse período as grandes greves na fábrica Santa Maria (vidreiros) e nas fábricas Anhaia e Penteado

36 PINHEIRO, P.S. e HALL, M. op.cit. p. 240.

37 RODRIGUES, Edgar Os Libertários: Idéias e experiências anárquicas Petrópolis: Vozes, 1988.

38 LOBO, Elizabeth Emma Goldman São Paulo: Brasiliense, 1986.

(tecelões), que abalaram profundamente São Paulo e que foram os primeiros indícios do despertar operário, segundo os militantes. Alceste de Ambris, chegou a afirmar que depois da greve dos ferroviários "a burguesia paulista não poderá iludir-se de que o proletariado não exista." Certamente o entusiasmo do nosso socialista era proporcional ao seu desejo, mas suas observações sem dúvida devem ser levadas em conta. Pode-se afirmar que a classe operária ia se constituindo num sujeito coletivo, e construiu sua identidade na oposição aos seus inimigos.

É por volta desse período que uma segunda "geração" anarquista se formava, novos grupos se constituíam com a presença de italianos, brasileiros e outros. Iniciava-se a edição de jornais em português e criava-se novos instrumentos de propaganda. A educação, por exemplo, torna-se um aspecto importante da atividade anarquista, com a organização de bibliotecas, centros de estudos e escolas. O primeiro número do Jornal O Amigo do Povo, já enfatizava a necessidade da fundação de "Centros Educativos Anarquistas".

A imprensa registrava as festas, o teatro. O Amigo do Povo, jornal em torno do qual garvitavam diversos grupos anunciava nesse mesmo ano em suas festas apresentação de um drama de Sorelli, palestras de Cerchiai e Morales e onde o poeta Ricardo Gonçalves falava sobre Zola.³⁹ Falavam também do funcionamento dos centros:

³⁹ O naturalismo expandiu o campo da literatura como representação da "realidade", adotando como tema os oprimidos e explorados e mesmo as lutas dos trabalhadores.

*"O Centro de Estudos Sociais e Ensino Mútuo concede na rua Bento Pires, 19, de iniciativa do grupo editor de O Amigo do Povo, começou a funcionar regularmente no dia 22 do corrente, organizando o programa seguinte: lições - terças e quintas - às 7 da noite, domingo às 3 da tarde, palestra de sociologia aos sábados 7 da noite, leitura nos dias restantes às 7 da noite."*⁴⁰

Em 1903, publica-se o romance "Ideólogo" de Fábio Luz que representaria um marco deste tipo de propaganda do movimento anarquista no Brasil. A partir daí a "literatura útil" anarquista passaria a integrar o cenário da vida cultural da época.⁴¹

No mesmo ano, um relatório de um diplomata italiano informava aos Ministro das Relações Exteriores da Itália sobre suas conversas com o Barão do Rio Branco. Apesar do preconceito, das fantasias de conspiração e das confusões, o texto nos dá tanto informações sobre o movimento anarquista como sobre o pensamento e o medo das classes dominantes com relação aos operários e revelam que elas tinham a pretensão de livrar-se dos problemas sociais através da expulsão de alguns indivíduos, que julgavam responsáveis pelos protestos do operariado.

"O Governo brasileiro começa a preocupar-se seriamente com as proporções que a propaganda das seitas subversivas está assumindo neste momento. (...)

É na cidade de São Paulo que o grupo anarquista tem, pode-se dizer, o seu quartel general e é dele que os anarquistas dirigem os grupos menores

Isso fez com que Zola fosse verdadeiramente venerado pelos anarquistas.

40 Centro de Estudos Sociais e Ensino Mútuo, O Amigo do Povo São Paulo, 30-1-1904.

41 LUIZZETO, F. *O Recurso da Ficção: Um capítulo da história do anarquismo no Brasil* In: Libertários no Brasil São Paulo: Brasiliense, 1984. Para Luizzeto este tipo de propaganda visava atingir a outros segmentos sociais que não de trabalhadores. O alcance social do anarquismo é difícil de ser demarcado. Acredito que a literatura era lida tão bem por trabalhadores.

espalhados em outras regiões do Brasil (...). Nesta cidade onde pelo menos um terço da população é italiana, os anarquistas tem vários órgãos periódicos de publicidade e é também aí que se imprime com maior frequência os opúsculos de propaganda e os folhetos e libelos subversivos que não são distribuídos somente entre os operários do Brasil mas também enviados (...) a outros centros de imigração italiana.

Enviei ao Barão de Rio Branco um memorial (...) juntamente com uma lista dos anarquistas italianos mais perigosos de São Paulo com recomendação de proceder com todo o rigor que o caso requer. Disse-me o Barão de Rio Branco que está convencido da necessidade de providências enérgicas para reprimir a audácia dos agitadores estrangeiros, os quais gozaram até agora de uma excessivamente longa tolerância por parte das autoridades brasileiras. Tolerância da qual começam a ver-se os frutos na agitação das massas operárias e no caráter ameaçador das greves que se seguem nos principais centros industriais do Brasil.⁴²

Isto tudo parece demonstrar que já nesse momento a propaganda anarquista entre os trabalhadores tinha algum alcance pois o contrário não justificaria a preocupação constante das autoridades.

Em 1904, Ricardo Gonçalves, levava para o movimento anarquista aquele que seria um dos seus maiores militantes, Edgar Leuenroth. Ricardo levaria também para a grande imprensa a divulgação do ideário anarquista:

"Assim que, por volta de 1905-1906, surge no Comércio de São Paulo pequenos flashes da cidade, em geral nas colunas de canto, que não ocupavam mais do que um ou dois parágrafos. É a seção do 'Corvo' que entra como gancho para a crítica de aspectos inéditos da luta diária pela sobrevivência. O tom jocoso, a irreverência muitas vezes temperada de cinismo, traziam para o leitor da imprensa convencional opiniões e contrastes que lhe eram inteiramente inéditos."⁴³

Enquanto isso a imprensa anarquista apresentava seus diferentes temas. A defesa do pluralismo evidenciava as diferenças entre os libertários. Em 19/9/1902, Neno Vasco escrevia em O Amigo do Povo:

"Longe de nós a idéia de que nós tenhamos o monopólio da verdade."

42 PINHEIRO, P.S. e HALL, M. op.cit.

43 PRADO, Antônio Arnoni *O Cenário para um Retrato: Ricardo Gonçalves* In: PRADO, Antônio Arnoni (org) Libertários no Brasil São Paulo: Brasiliense, 1986.

Outro tema irrequente era o anti-parlamentarismo que mais do que a denúncia da precária democracia repullicana, era uma crítica à própria idéia de representação em todos os níveis da vida humana. Os temas anti-clericais e anti-militaristas estavam presentes constantemente e também os temas relativos a educação racionalista, inspirada no pensamento e na experiência do pedagogo espanhol Francisco Ferrer.

Com estas e outras formas de propaganda acredito que os anarquistas marcaram presença na sociedade brasileira daquele momento, estavam no cenário cultural da época numa relação de crítica e oposição.

"No meu tempo de moço, usava-se a palavra 'anarquista' como se hoje usa 'subversivo', isto é, para designar de maneira pejorativa as pessoas e os atos que questionam a ordem social."

Assim nos conta Antônio Candido, das suas lembranças do anarquismo, mostrando como os anarquistas povoaram o imaginário dos mais diferentes setores.

O Primeiro Congresso Operário, em 1906, representou um importante avanço para o movimento.⁴⁴ Ele não foi um acontecimento isolado mas ocorreu num momento de ascensão do movimento, marcado pelo aumento do número de greves, manifestações públicas, fundação de sindicatos, etc. É somente a partir desse momento que se pode falar de um movimento sindical estruturado. A Confederação Operária Brasileira, cuja a criação resultou desse Congresso, era a

⁴⁴ Isso não quer dizer que a maior parte do operariado seguisse seu programa.

primeira organização operária nacional que conseguiu obter alguns resultados. O jornal A Voz do Trabalhador permitiu pela primeira vez uma certa coordenação e troca de informações no interior do movimento operário em nível nacional. Era, sem dúvida, um esforço de construção de uma identidade entre os trabalhadores do país, onde o movimento operário tinha um caráter extremamente diversificado e regionalizado.⁴⁵ A influência dos anarquistas nesse Congresso foi bastante grande. No entanto, o caráter "nacional" da Confederação Operária Brasileira é questionável. Na verdade, a COB era mantida pela Federação Operária do Rio de Janeiro, com a ajuda da Federação Operária de São Paulo e da Federação Operária do Rio Grande do Sul. é claro que a participação anarquista nesse Congresso resultou do amadurecimento de idéias numa história anterior. Veremos isso adiante.

45 Paulo Sérgio Pinheiro acredita que as resoluções do Congresso podem ser consideradas como uma síntese das posições dominantes no movimento operário. (Isto só é verdadeiro em termos pois o próprio Edgar Leuenroth reconheceu que seu grupo, que conseguiu aprovação das maiorias das resoluções do Primeiro Congresso era minoritário.)

Pinheiro lembra também que a linguagem dos anarco-sindicalistas e dos sindicalistas revolucionários, dominava na esquerda revolucionária em todo o mundo, antes de 1917. Argumenta ainda que a historiografia tradicional ao se defrontar com esta questão parece esquecer-se que o nascente movimento operário realizava, à sua maneira, essa tendência. O marxismo nesta época era associado à social-democracia ou algo similar.

PINHEIRO, P.S. *O Proletariado Industrial na Primeira República* In; FAUSTO, Boris (org) História Geral da Civilização Brasileira São Paulo: Difel, Tomo III, Vol.III, 1981.

Por outro lado, associado ao entusiasmo crescente na observação da organização operária, as lideranças, em suas diferentes tendências, lamentavam frequentemente das dificuldades do desenvolvimento do movimento operário no Brasil:

*"a classe trabalhadora é constituída de elementos dispares e variados em raça, língua, temperamento, cultura e hábitos, o que torna mais difícil o entendimento e organização."*⁴⁶

Em São Paulo e Rio de Janeiro o imigrante veio a formar o suporte principal da força de trabalho desempenhando um papel crucial no início da industrialização. O mercado de trabalho industrial foi formado por imigrantes que fugiam das condições existentes nas fazendas.⁴⁷

Em São Paulo a influência dos italianos era muito grande. Sem dúvida, esse fato teve consequências na consciência e organização dos trabalhadores, ainda que não seja, obviamente, o único elemento explicativo. Em 1900, 92% dos operários industriais no Estado de São Paulo eram estrangeiros e 81% eram italianos.⁴⁸ A vasta maioria era composta de homens e mulheres vindos de áreas rurais.⁴⁹

46 Alceste de Ambris, op.cit.

47 Sobre os trabalhadores das fazendas ver ALVIM, Zuleika. Brava Gente. Os italianos em São Paulo 1870-1920, São Paulo, Brasiliense, 1986.

48 PINHEIRO, F.S.op.cit., p.139.

49 Na maioria dos casos os imigrantes vinham de zonas rurais e pobres de seus países de origem. os italianos chegaram num primeiro momento do Vêneto, região que no século XIX era extremamente agrícola e católica. Vários estudos se equivocaram ao superestimar o grau de engajamento político dos imigrantes.

O socialista Antonio Picarollo chegou a afirmar ao observar a cidade:

"tinha-se a impressão de estar na Itália, na Itália de além-mar, para onde juntamente com a língua, são transportados os costumes, as tradições domésticas, as festas populares, tudo enfim, o que nos pode lembrar de coração a nossa terra de origem."⁵⁰

Partindo dessa suposta homogeneidade étnica, alguns autores como Bóris Fausto, por exemplo, argumentam que o papel das divisões étnicas não deve ser privilegiado como aspecto limitador da organização operária. Ele supõe uma homogeneidade étnica em São Paulo devido a presença dominante de italianos que, no entanto, não teria garantido uma maior organização.

Entretanto, essa aparente uniformidade dos trabalhadores em São Paulo, deve ser relativizada quando se observa na imprensa operária referências a divisão entre os imigrantes italianos no Brasil. O regionalismo que afligia a Itália estendeu-se aos trabalhadores italianos em São Paulo. O jornal Il Fungolo escrevia em 1909:

"A grande coletividade operária é dividida e subdividida, tem a guerra latente no seu próprio seio...homens, brancos, negros, amarelos. A Itália é unificada, livre e independente, mas eu sou piemontês, você toscano, vós sois sicilianos, calabreses, vêneto, lombardo e não nos entendemos entre nós."⁵¹

Como se pode ver, o movimento operário em São paulo nos primeiros anos do século era chamado a se desenvolver em condições muito particulares. A experiência de deixar o seu país, as esperanças e sonhos desfeitos, o desejo de retornar

50 Citado por MARAM, Sheldon L. Anarquistas, imigrantes e movimento operário brasileiro, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.14.

51 HALL, M. e PINHEIRO, F.S. Alargando a História da Classe Operária op.cit. p.100

a uma pátria idealizada, a desilusão. Muitas vezes tudo o que queriam era tornar a vida um pouco mais suportável. Tudo isso fazia dessa história uma história muito particular.

UMA IDENTIDADE NA EXPERIENCIA

"... São Paulo do início do século ... um espaço físico povoado de imigrantes, de fábricas de tijolos a vista, de bondes ... de chapéus de palha e bengalas.

No bairro da Água Branca, onde vivíamos, no Belenzinho ou no Brás, como em Santana, onde viviam nossos parentes operários das primeiras fábricas de tecidos e primeiras pequenas metalúrgicas, fornos funcionando nos fundos dos quinatis, na Mooca, na rua Santa Efigênia, povoada de sapateiros, a margem do rio Tietê, com suas olarias, desde a Ponte Pequena à Ponte Grande, o enxame de trabalhadores de quantos ofícios se mantinham, com suas famílias em vida social apartada, em franca atividade cultural e artística."⁵²

Não há dúvida de que no Brasil do começo do século os operários constituíam uma pequena parcela da população que, no entanto, crescia gradativamente.

Essa classe operária constituiu-se numa experiência de diversidade, de diferença. No entanto, pode-se dizer que aqui, pessoas de origens culturais as mais diversas viviam uma experiência semelhante, que era uma experiência de classe, que produz uma certa identificação de classe. Todos estavam submetidos à exploração capitalista, a péssimas condições de moradia e trabalho, à discriminação e à violência. Compartilhavam a desilusão, o sofrimento, e algumas vezes a revolta. Viviam num mesmo cenário, conviviam

52 BATINI, Tito Memória de um Socialista Congênito Campinas: Ed.Unicamp, 1991.

nos cortiços, nas fábricas, nos bondes. Começavam a surgir, aqui, os bairros típicos das classes trabalhadoras, como afirmava um estudo sobre indústrias em São Paulo em 1901:

"Nem um conforto tem o proletário nesta opulenta e formosa capital. Os bairros em que mais se concentram por serem os que contém maior número de fábricas, são os do Brás e do Bom Retiro." ⁵³

"De 1892 a 1910 São Paulo teve sua população aumentada em 764 por cento, isto é, aumentou de 31.385 para 239.820 habitantes(...). Nas proximidades das novas linhas de bonde ou das estações das Estradas de Ferro, ao longo das velhas e tortuosas estradas rurais, cujos nomes antigos vieram até praticamente os nossos dias, foram surgindo então os novos bairros ditos operários. Os primeiros, pelos lados do Brás, Mooca, Lapa, Luz, Santana, via trezinho da Cantareira, Barra Funda, para lá dos bairros ricos, Campos Elíseos e Higienópolis. Enquanto isso, bairros velhos como o Bexiga, Bela Vista, a Liberdade, ganharam cortiços sobre cortiços, de gente que esperava a oportunidade para morar melhor (...)." ⁵⁴

O contato com um grande número de trabalhadores em condições similares, certamente levava à criação de certas formas de solidariedade.

As informações acessíveis deixam claro que muito poucos operários adultos conseguiam ganhar o suficiente para prover as necessidades básicas de sua família. Os custos alimentares, onde a inflação tinha maiores repercussões consumiam grande parte dos salários de uma família operária.

"Perguntava um articulista anônimo da Revista de Engenharia: Será possível a um operário que ganha na média 5\$000 diários, economizar a ponto de um dia tornar-se proprietário? ERAM necessárias 500 diárias completas de 5\$000 para se obter uma casa de arrabalde, o que evidentemente tornava aquela aquisição quase impossível pois a alimentação e o vestuário praticamente consumiam todo o ganho operário." ⁵⁵

Em 1910, a vida continuava bem difícil como nos informa esse artigo do jornal anarquista La Battaglia:

53 PINHEIRO, P.S. e HALL. op.cit. vol.2, p.28.

54 LEMOS, C.A.C. In: CARONE, Edgar Movimento Operário no Brasil 1877 a 1944 São Paulo: Difel, 1979. p.37.

55 C.A.C. Lemos Uma vila operária in: CARONE, E. op.cit. p.40.

"Aqui, nas várzeas do Brás, do Cambuci, da Barra Funda, do Bom Retiro e nos bairros populares, se comprime na mais horrível promiscuidade de sexos e idade, um gado humano no meio do qual não se descobrem mais distinções de família, de nacionalidade ou de raça."⁵⁶

Esse artigo, apesar do flagrante preconceito, fala sobre como a experiência comum apagava, ao menos na aparência, as diferenças. Mas muitas vezes, os trabalhadores esqueceram mesmo as diferenças e uniram-se para protestar contra as condições a que estavam submetidos.

As condições de trabalho eram péssimas. Artigos na imprensa operária frequentemente associavam a fábrica a uma cadeia: horas intermináveis de trabalho duro, violência e arbitrariedade de patrões e contramestres, perigo de acidentes, má-remuneração. Além disso, o trabalhador podia ser demitido a qualquer momento sem indenizações. Não existia nenhum sistema de previdência social ou aposentadoria, havendo apenas os monte-pios e poucas caixas de pensões privadas. Não havia também qualquer legislação sobre férias ou descanso semanal.

Os proletários viviam todos os dias a experiência coletiva de enfrentamento entre patrão e operário. Hobsbawm observa que as primeiras raízes do movimento operário encontram-se nessas experiências: ali os operários aprendem alguns princípios: de que na união está a força e que a ação coletiva serve para melhorar a situação de cada um. Uma certa consciência de coletividade, de ser operário, isto é,

⁵⁶ La Battaglia set. de 1910, citado em: *Comparação entre as condições de vida dos trabalhadores no Brasil e na Europa* in: PINHEIRO, P.S. e HALL, M. Vol.II, op.cit. p.53.

uma certa consciência de classe baseia-se na experiência muito específica de ser proletário.⁵⁷

Certamente os trabalhadores criaram laços de solidariedade. Uma solidariedade possível que se aprende no dia-a-dia. Muitas pequenas lutas certamente não chegaram até nós. Mas sabemos que eles se organizaram, em meio a todas as dificuldades e, em vários momentos, encontraram na luta a consciência de si mesmos. Afinal, como observa Sidney Chalhoub em seu estudo sobre trabalhadores escravos "lutar dentro de um campo de possibilidades delimitado historicamente por condições específicas de exploração econômica e controle social é afinal de contas, a experiência da esmagadora maioria dos trabalhadores em qualquer tempo e sociedade."⁵⁸

A classe trabalhadora em formação, começava a construir a sua identidade na sua vida cotidiana, em suas relações de trabalho, nas lutas diárias pela sobrevivência, em suas práticas culturais e religiosas e também no enfrentamento com a ordem estabelecida. Sem dúvida, nenhuma identidade é natural, ela se constrói na oposição ao outro. é claro que não se pode dizer que a classe operária teve um papel fundamental nos rumos dos acontecimentos na Primeira República, mas também não se pode dizer que não teve papel algum.

57 HOBBSBAWM, E. *Trajetória do movimento operário*. Revista Trabalhadores, Campinas: Secretaria Municipapl de Cultura, 1992. n.2.

58 CHALHOUB, Sidney Visões da Liberdade São Paulo: Cia das Letras, 1991.

Entre os projetos que procuravam construir uma identidade dos trabalhadores estava o dos anarquistas que, sem dúvida, participaram do processo de constituição da classe. Em alguns momentos talvez o anarquismo tenha sido uma forma encontrada pelos trabalhadores na defesa de sua identidade, e certamente os anarquistas interferiram no comportamento político dos trabalhadores.

OS ANARQUISTAS E A REGENERAÇÃO DO GÊNERO HUMANO

Para os anarquistas, o anarquismo era uma aspiração humana que deveria concretizar-se pela vontade humana. Mas então por que as massas trabalhadoras não eram anarquistas? Por que todo o gênero humano, segundo eles, estava degradado, em especial pela imoralidade que representava o capitalismo. Era, pois, necessário educar, deseducar, regenerar. No futuro, na anarquia, estaria a salvação do homem, enfim libertado de toda forma de autoridade e opressão. Mas para entrar no reino da liberdade, o homem precisava ser, já, livre. Portanto só a educação, criando novas mentalidades, despertando vontades, trazendo o homem mais próximo do que desejou a natureza, garantiria o êxito da revolução social. Por isso a educação adquire importância fundamental no pensamento anarquista e inúmeras iniciativas de natureza educacional, tanto no âmbito teórico como no prático são realizadas. A idéia de que saber é poder é uma das que revelam a influência iluminista no pensamento anarquista. De Rousseau, emprestaram a idéia de natureza humana.

No século XIX, os críticos do liberalismo, ao denunciarem os problemas da sociedade industrial, produziram tanto a imagem de uma sociedade futura mais justa e mais

feliz, quanto a imagem ideal de uma categoria social que poderia promover a transformação da sociedade degradada.

Nesse contexto se inserem as origens da doutrina anarquista, com Proudhon e Bakunin, que pensaram a construção de uma ordem social de "livres e iguais", sem qualquer forma de autoridade, nem de Deus, nem da sabedoria, nem do Estado e nem mesmo do consenso popular. Uma ordem social baseada na adesão dos homens às regras da Natureza e da Razão.⁵⁹ Sem lei e sem repressão, a nova sociedade seria baseada na obediência voluntária às normas da solidariedade e da justiça. Mas desde o início os anarquistas tinham o pensamento marcado por um dilema: a confiança na força da racionalidade humana e na bondade natural do homem e um certo pessimismo em torno das possibilidades de renovação da sociedade destruída.

É importante aqui destacar duas idéias desses autores:

Proudhon, em seu último trabalho, que chamou de *A capacidade política da classe operária*, identificou nos movimentos de ajuda mútua e de resistência do operariado, a possibilidade de regeneração da sociedade e imprimiu a ele a tarefa de mostrar à humanidade as normas da justiça e a necessidade de transformação social.

Já nos escritos de Bakunin as massas proletárias eram vistas como "força pura da natureza", uma vez que

59 PIOZZI, Patricia. *Construindo a ordem anárquica*. Revista *Transformação*, Uberlândia, 1990.

estavam imunes à contaminação da riqueza e do poder. Elas mostravam-se, no entanto, ignorantes e embrutecidas pelo trabalho.⁶⁰ Bakunin considerava que elas eram solidárias por "instinto e condição", mas como acostumaram-se a obedecer, seriam incapazes de uma crítica global da sociedade. Defende então a necessidade de se criar uma organização revolucionária, um instrumento artificial, com a finalidade de realizar um trabalho sistemático de propaganda, educação e exemplo.⁶¹ Dessas idéias se originariam muitas das elaborações posteriores dos militantes anarquistas, no que se refere à imagem que construíam dos trabalhadores e na sua relação com eles.

Como se vê, desde o início os anarquistas haviam eleito a classe operária como alvo da sua propaganda ainda que não como alvo exclusivo. No entanto, o problema conceitual e prático em torno da noção de classe é bastante complexo entre os anarquistas.

"Também no Brasil, os libertários vem lutando em favor da libertação não somente de uma classe, mas de todas as camadas sociais, e não somente para libertar uma nação, mas toda a humanidade."

Escrevia Agustin Souchy, militante alemão, no prefácio ao livro de Leuenroth.

Ugo Fedelli, militante anarquista italiano, observou que os anarquistas não negam a importância predominante do conflito entre as classes operárias e as

60 Durante toda a história do anarquismo, a ignorância será apresentada como um dos grandes inimigos na grande tarefa regeneradora da sociedade, juntamente com o Estado, a Igreja e o Capital.

61 FIOZZI, P. op.cit.

classes patronais, mas argumenta que o anarquismo "não se limita a essa visão restritiva dos conflitos sociais e procura atingir com sua crítica a todas as espécies de sujeição, seja esta econômica ou religiosa, seja política ou moral." Isso porque o conceito de "luta de classes" traria inevitavelmente consigo a supremacia de uma classe sobre as outras, conduzindo ao autoritarismo. Além disso, ele argumenta que as classes não são homogêneas e que uma ação contra o Estado ou contra o capitalismo é movida pela concepção que se tem de justiça, de igualdade e de liberdade e não pelo lugar ocupado em uma classe econômica. O que importaria então seriam a força das idéias e a força da vontade. Ao lema "todos os trabalhadores são irmãos" ele sugere que se oponha "todos os homens são irmãos".⁶²

Como se vê, os anarquistas acreditavam na possibilidade de identidade entre todos os homens, unidos em torno do desejo de construir uma sociedade mais justa, mais "natural" e mais "racional". Por outro lado, admitiam que na luta em que estavam empenhados se encontravam quase exclusivamente as massas operárias, pois eram elas que sofriam diretamente as consequências das injustiças sociais e seriam, pois, as principais interessadas em suprimir as causas dos seus sofrimentos.

Assim, no início do século os anarquistas vão endereçar os seus discursos às classes trabalhadoras,

62 FEDELLI, Ugo. *Luta de classes ou luta humana?* in: LEUENROTH, Edgard. op.cit. p.52.

procurando convencê-los de que sua desgraça constituía uma injustiça e que tinham uma solução revolucionária.

Certamente buscando valorizar o trabalhador, em alguns momentos os anarquistas articularam seus discursos em torno da defesa do trabalho, tentando criar uma identidade entre os trabalhadores, preocupando-se não em diferenciá-los do resto da massa dos despossuídos mas sim dos "parasitas" burgueses.

A atenção dos anarquistas para com os desqualificados era antiga. Enquanto o marxismo mostrava um grande desdém pelo *lumpemproletariado* e pelos camponeses, os anarquistas não acreditavam na existência de duas classes homogêneas - burguesia e proletariado - e apostavam em todos os trabalhadores, todos os explorados, para mostrar a todos os homens o caminho da verdade e da justiça. Portanto os anarquistas não concediam um papel específico ao proletariado industrial. Todos os pobres e oprimidos eram considerados potencialmente revolucionários.

Quanto ao alcance social do anarquismo no Brasil, é difícil de ser precisado. Em 1909, um relatório policial falava sobre grupos anarquistas em São Paulo:

"Grupo da "Battaglia", dirigido pelo conhecido anarquista Oreste Ristori, diretor proprietário do jornal do mesmo nome e por seu companheiro íntimo A. Cerchiai. Compõem-no numerosos tipógrafos e metalúrgicos e algumas suas mulheres. Formam o núcleo mais intelectual, realizam-se ali frequentes discursos de Ristori, de Cerchiai, de Damiani, de Sorelli, de Boni, e outros, para fins de propaganda e para angariar fundos para o jornal e para subscrições de solidariedade. Os filiados dispõem de meios discretos, sendo, quase todos operários que ganham de 7 a 10\$000 (réis) por dia! Por isso pouco perigosos."

"Grupo chamado "Ponte Grande". compõem-se de uma vintena de italianos, de mísera condição, quase todos lixeiros, sapateiros, operários de olarias, azeiros e outros ofícios baixos."

"Grupo "Pensiero ed Azione", também chamado grupo do Bom retiro. Dele fazem parte uma centena de operários quase todos pedreiros, carpinteiros e empregados das vizinhas oficinas ferroviárias; reúnem-se para conferências, festas e beberetes quase todos os domingos. Alma dele é um tal Enrico D Avino, jovem culto e diz-se, de nobre família de Lucca, que conseguiu constituir, como emanção do grupo, e com a cooperação direta do propagandista Tobia Boni, de Ristori, de Chiari Gino e outros, uma escola elementar mista, frequentada de maneira estável por cerca de cinquenta alunos, entre meninos e meninas, quase todos filhos ou parentes dos anarquistas do círculo. Dessa escola D Avino, que dela recebe a subsistência e seus amigos, fazem marcada e contínua propaganda subversiva, instilando nos jovens corações dos alunos o mais cruel ódio de classe, e a negação dos princípios religiosos e morais, expondo a contínuo vilipêndio sobretudo as pessoas da nossa Real Família, pior ainda do que faz o conhecido Damiani na Battaglia do companheiro Ristori!

"Grupo "Aurora", dirigido pelos anarquistas Pietro Frigeri e Vella Onofri, com uns quarenta aderentes e contribuintes voluntários. Reúne-se aqui e ali, sem sede própria, nos bairros baixos da cidade (Lavapés, Brás, Cambuci) apelidando-se também de Grupo do Cambuci, distribui opúsculos de propaganda, organiza farras e bailes nos quais, com frequência ocorrem rixas sangrentas; deles fazem parte diversos ladrões e desajustados."⁶³

Esse relatório revela que os grupos anarquistas eram constituídos em sua grande maioria por trabalhadores. A referência à presença de "ladrões e desajustados" é questionável, bem como as supostas farras, pois os anarquistas no Brasil parecem ter mantido uma moral bastante rígida e até puritana. No entanto, talvez esta referência não deva ser tão facilmente descartada. Na Europa há setores anarquistas que voltam seus esforços de propaganda para o *lumpemproletariado*. Não há razão para que isso não ocorresse no Brasil, ainda que sendo sem dúvida uma tendência extremamente minoritária. Além disso, como esses grupos

63 Relatório do comissário de Segurança Pública, Cesare Alliata-Bronner, funcionário do serviço especial de vigilância junto ao consulado italiano em São Paulo, ao Sr. Luigi Bruno, ministro da Itália, em Petrópolis, R.J., 30 de junho de 1909. Pinheiro, P.S. e Hall op. cit. vol. I.

tinham suas sedes nos bairros pobres da cidade, é possível que não houvesse um rígido controle sobre seus frequentadores. Há também o fato de que o relatório é equilibrado, apontando ladrões em um grupo apenas. Algumas vezes também a imprensa anarquista fazia referência a brigas em suas festas.

Mas de forma geral os anarquistas procuraram dar ênfase a respeitabilidade operária. Observem por exemplo esta carta de José Otiticica a um chefe de polícia:

"(...) Desafio a que me aponte V. Excia, ou quem quer que seja, um assassino, um só entre os anarquistas do Brasil, um ladrão, um incendiário, um desordeiro, um adulator, um vagabundo, um mendigo, um delator, um vigarista...Desafio porque tenho a certeza e os fatos o têm provado, de que, se algum trabalhador, tido por anarquista, cair na malandragem ou se apegar à bajulação eleitoral, será literalmente arredado dos meios libertários(...) Esses homens (anarquistas presos por V. Excia no ano passado) são homens de uma energia moral a toda prova, de modelar honestidade, cuja dedicação proclamamos altamente como título de honra. Para eles abrem-se as portas de minha casa, que eu fecho terminantemente aos subordinados de V. Excia, à vasa nacional que V. Excia cria e paga nesse antro de patifes, assassinos, bêbados e ladrões...que é a polícia secreta de V. Excia." 64

De forma geral, o anarquismo tinha um caráter de conversão quase religiosa: não era apenas um conjunto de idéias políticas, o anarquismo era uma forma de vida.

Assim observara Antonio Cândido nas suas memórias sobre o anarquismo:

"(...)pude sentir a extraordinária fidelidade dos anarquistas daquele tempo às suas convicções, a tenacidade com que as defendiam pela vida afora, mantendo elevada a temperatura da paixão libertária. E também a retidão com que viviam - honestíssimos, puritanos, achando que os valores morais eram os requisitos da revolução social." 65

64 PRADO, A.A. (org.) op. cit.

65 CANDIDO, Antonio. *Sobre a retidão*. in PRADO, A.A. (org.) op. cit.

O AMIGO DO POVO

"O anarquismo nos tomava inteiramente porque nos exigia tudo, oferecia-nos tudo. Não havia um recanto da vida que ele não iluminasse, ou ao menos assim nos parecia. Podia-se ser, católico, protestante, liberal, radical, socialista, até sindicalista, sem que nada mudasse na vida de cada um e, portanto, na vida. Afinal bastava ler o jornal respectivo, a rigor, frequentar uns ou outros cafês. Tecido de contradições, dilacerado em tendências e subtendências, o anarquismo exigia antes de tudo o acordo entre atos e palavras(...) foi por isso que chegamos à tendência extrema (naquele momento)..."¹

"É nas cabeças e nos corações que as transformações tem que fazer-se antes de tenderem os músculos e de mudarem em fenômenos históricos."²

"Precisamos de um jornal", disseram-se um dia os camaradas Benjamim Mota, Neno Vasco, Alessandro Cerchiai, Juan Bautista Perez, em uma das reuniões em que junto a outros anarquistas trocavam sonhos de uma sociedade futura. Diversos grupos articularam-se em torno do novo jornal e uniram os empenhos de propaganda num esforço coletivo. Era o ano de 1902. Esforços para viver de outra forma. Criar o

1 SERGE, Victor. Memórias de um revolucionário. 1901-1941. São Paulo, Cia das Letras, 1981.

2 O Amigo do Povo - 11-06-1904.

homem novo e com ele um mundo novo. Um jornal em português, tentativa de criar uma identidade.

Dispostos a despertar nos trabalhadores as energias morais que lhes dariam o controle do seu destino, eles propunham uma sociedade que além da destruição do Estado e da burguesia supunha a produção de uma outra humanidade: acreditavam que o caminho para a transformação da sociedade era a transformação das pessoas pela educação e pela propaganda. Propunham uma nova identidade, uma nova maneira de viver, atacando os valores da sociedade capitalista.

Ao criar esse jornal os anarquistas brasileiros seguiam os passos habituais dos militantes de outros países, mas também visavam criar uma experiência de informação alternativa em meio a grande imprensa e muitas vezes explicitamente em oposição a ela:

*"que jornal, que imprensa, que obra fazeis com os capitais da iniquidade? Fazeis uma obra miserável de bajulação, incolor, sem fé, sem ideal, procurando agradar a Deus e ao mundo exceto ao povo, ao pobre, ao trabalhador."*³

Como vimos anteriormente, os anarquistas atribuíam à educação a função de tornar possível o acesso a uma consciência revolucionária. Nesse esforço em favor da educação a imprensa era o principal meio de expressão das idéias, pois era o único veículo de grande alcance. Sobretudo

3 O Amigo do Povo. 25-06-1904.

procuravam transmitir aos trabalhadores a idéia de fazerem parte de um conjunto.

Abordavam as idéias centrais da tradição anarquista, mas certamente através de questões que eram centrais para o contexto daquele início de século no Brasil: a questão dos partidos, as leis, a república, o patriotismo, a polícia, a imigração, os costumes.

- O jornal e o grupo

O Amigo do Povo foi o primeiro jornal anarquista em São Paulo, em língua portuguesa a ter uma publicação regular.⁴ Durante seus três anos de existência (1902, 1903 e 1904) o grupo conseguiu criar 63 números do jornal. A frequência variou entre uma semana e quinze dias e o número de páginas entre três e quatro. Isso variava com a quantidade de recursos disponíveis e o estado de ânimo dos redatores e colaboradores. Situava-se à rua Bento Pires, 35. Não tinha um preço fixo, cada um pagava segundo sua vontade e não era recusado a quem o pedisse gratuitamente.

4 São Também desse período vários outros jornais anarquistas, que no entanto tiveram uma vida mais breve e eram escritos sobretudo em italiano: **La Terza Roma** (publicação do grupo socialista-anarquista Pensiero e Azione n. único, 20-09-1901), **Germinal** (editado pelo Círculo Educativo Libertário Germinal sob a responsabilidade de Angelo Bandoni e Diulio Bernardoni, 1902.), **La voz del destierro** (n. único em 1903, publicado por ocasião da expulsão de anarquistas argentinos), **La Nuova Gente** (publicação do grupo La Propaganda, 20-09-1903), com o mesmo título **La Nuova Gente** (redigido por Giulio Sorelli e Luigi Magrassi, 1903.) **La Battaglia** (publicado por Oreste Ristori, com a colaboração de Damiani, Cerchiai e outros, é fundado em 1904.)

Observavam porém que havendo quem o desejasse ler por curiosidade ou mesmo para combater seus ideais e não querendo pela subscrição voluntária parecer mostrar uma simpatia que não sentia, aceitavam assinaturas: cada série de 10 números custava 1\$000. Em 1903, passa a ser vendido também pelas ruas de São Paulo. Apesar das condições econômicas precárias do jornal, camaradas e simpatizantes conseguiram mantê-lo por esses anos, através da subscrição voluntária: exercitaram a solidariedade tão desejada...

Gregório Nazianzeno de Vasconcelos, o Neno Vasco era um dos militantes que estavam à frente do jornal. Era um advogado português, que chegara a São Paulo por volta de 1900. Logo tomou contato com outros anarquistas, difundindo a idéia do grupo de propaganda. De 1901 a 1911, data do seu retorno a Portugal, Neno Vasco teria um papel importante no movimento anarquista brasileiro.

Junto a ele estava Benjamim Mota, que após dirigir A Lanterna em 1901, passara de livre-pensador a anarquista, a mesma trajetória que seguiria Edgard Leuenroth pouco depois. Mota também era advogado e defendeu muitos militantes ameaçados de expulsão e escreveu um dos primeiros livros de autor brasileiro sobre o anarquismo: Rebeldias.⁵ A eles se juntaram Alessandro Cerchiai, italiano, intelectual,

5 Nesse livro Benjamim Mota escreveu: "De rebeldia em rebeldia contra as mentiras e contra as hipocrisias cheguei até o anarquismo, abracei o ideal mais humanitário que existe nas sociedades modernas, preocupando a atenção dos sábios, dos literatos e principalmente do proletariado, a eterna vítima do regime burguês. MOTA, Benjamim, Rebeldias, São Paulo, Tipografia Brasil, 1898.

lixeiro, professor, foi um dos principais colaboradores do jornal. Colaborou também com o jornal *Germinal* e depois fundou um outro *La Nuova Gente*. Em 1903 vai para a Argentina, de onde envia artigos para O Amigo do Povo. Em 1904 volta ao Brasil. Destacou-se na atividade de ensinar pelos métodos do pedagogo espanhol Francisco Ferrer.

Oreste Ristori, italiano, vindo do Uruguai, depois de ter morado também na Argentina, colabora também com *O Amigo do Povo*, antes de fundar o jornal *La Battaglia*.

Junto a eles estavam vários outros militantes: Giulio Sorelli, Tobia Boni, Angelo Bandoni, Gigi Damiani, Augusto Donati. Todos eles participariam da história posterior do anarquismo brasileiro. Outro participante ativo d'*O Amigo do Povo* era o espanhol Juan Bautista Perez, sobre o qual não encontrei nenhuma referência em outras fontes. Alguns artigos, conferências, pequenas referências permitem vislumbrar a participação de mulheres nesse movimento: Maria de Oliveira, Matilde Magrassi, Elisabetta Valentini, Sorelina Giordani, Tibi. Do Rio de Janeiro escreviam Motta Assumpção, Manuel Moscoso, Luis Magrassi, Elisio de Carvalho e Fábio Luz. Fábio Luz era médico, dedicou-se a população desfavorecida da zona norte do Rio e escreveu romances sociais (*O ideólogo*, 1903 e *Os emancipados*, 1906) além de várias peças. O Amigo do Povo era distribuído também em alguns cafés e esquinas no Rio de Janeiro.

Os grupos que se destacaram nesse período eram: Grupo Socialista anarquista O Amigo do Povo, Círculo Educativo

Libertário Germinal, Grupo Filhos da Era Anarquista, Grupo La Propaganda, Grupo Pensiero e Azione e Grupo Nuova Civiltá.

Em 15 de março de 1902 o jornal Germinal, editado pelo Círculo Educativo Libertário Germinal, dirigido por Angelo Bandoni anuncia a constituição do "Circolo socialista-anarchico Gli amici del popolo". No número seguinte observam:

*"Em São Paulo sairá em breve o periódico socialista-anarquista "O Amigo do Povo". Virá redigido em língua portuguesa. Ao futuro companheiro, o nosso cordial desejo de longa vida e de gloriosa batalha."*⁶

GRUPOS DE AFINIDADE

A base da vida política do anarquismo no Brasil nesse período era a cooperação voluntária entre esses pequenos grupos distintos, espontaneamente constituídos. O grupo era mesmo a célula organizativa do movimento anarquista tradicional. Elísio de Carvalho observava que os grupos eram

*"abertos a todos os individuos os quais podem entrar e sair quando entenderem, existindo ausência completa de obrigação e de sanção e sem outro objeto que não seja o desejo de viverem mais em harmonia com a concepção de vida social futura que concebe o anarquismo."*⁷

⁶ Germinal. 05-04-1902.

⁷ Kultur - março de 1904.

A maior parte dos grupos buscava, sobretudo através da imprensa, dar aos trabalhadores a convicção de que a sua desgraça constituía uma injustiça e que tinha uma solução revolucionária. Veja por exemplo esse anúncio de um dos grupos atuantes nesse momento:

*"O grupo anarquista Nuova Civiltá avisa aos companheiros que na primeira quinzena do próximo mês de julho porá em circulação o opúsculo "Fra Contadini" de E. Malatesta. Com esta obra nosso grupo iniciará uma série de publicações libertárias para concorrer ao grande movimento operário que agita nesta época a consciência mais pura da grande legião trabalhadora.(...) O objetivo principal do grupo será estender a propaganda anarquista na oficina, nesse ergástulo industrial onde o operário passa seu dia entre a vida e a morte - mas também estendê-la nas fazendas onde ao misero trabalhador falta o necessário."*⁸

Ao mesmo tempo sentiam uma grande preocupação pela teoria. Ser anarquista era ser "pensador". A preocupação com a formação de militantes levava a tentativas de criar escolas racionalistas para crianças e adultos. Francisco Ferrer foi a alma desse movimento e as notícias da sua Escola Moderna de Barcelona chegava aos mais diferentes lugares.⁹

Muitas vezes a ação de propaganda se limitava a publicações anti-eleitorais, anti-militares, anti-clericais e anti-burguesas e a apoiar campanhas a favor de presos. A

⁸ Germinal. 16-05-1902.

⁹ Sobre experiência educacional anarquista no Brasil ver JOMINI, Regina. op.cit. e LUIZZETTO, Flávio.op.cit.

tarefa essencial do militante era discutir o anarquismo com outros anarquistas e falar ou escrever nos jornais, comícios, campanhas, conferências. É provável que sensibilizassem muitos trabalhadores, da forma como sugere essas memórias:

*"Conheci um sapateiro...Depois ele foi para a América...deu-me alguns jornais para ler e eu li um pouco, porque estava entediado, mas depois fui-me interessando cada vez mais...Os jornais descreviam a miséria dos trabalhadores e sua dependência dos capitalistas e dos senhorios e o faziam de um modo tão vivo e tão fiel ao natural que realmente me espantei. Era como se antes meus olhos houvessem estado fechados. Que diabo, o que eles escreviam nesses jornais era verdade. Toda a minha vida, até aquele dia, era prova disso."*¹⁰

Algumas vezes os grupos relatavam suas experiências no que se referia a publicação dos jornais:

*"Cinco meses são passados desde que lançamos a iniciativa, e temos tido ocasião de ver a nossa obra (coroado de inesperado sucesso) cada vez mais se desenvolvendo e triunfando sobre diversas dificuldades que se nos apresentam - dificuldades morais e financeiras. O nosso jornal é hoje procurado lido e discutido. Os 600 exemplares já não chegam: urge aumentá-los..."*¹¹

10 Memórias de um operário alemão, 1911. Citado por HOBBSAWM, Eric. A Era dos impérios.

11 Aos amigos - O Despertar - 31-12-1904. p.1

Associado a esse entusiasmo crescente, sempre relatavam também as dificuldades financeiras que afligiam os jornais:

*"... (mas o rabugento administrador acusa um déficit que não é lá para quem redige, muito mesquinho)... Nenhum jornal vive exclusivamente de assinantes: todos tem uma mão conhecida ou desconhecida que os ajuda e em sua maioria são pagos pelos governos para dizerem tudo quanto é oposto à verdade. Mas visto ser precisamente a verdade que nós queremos tirar a limpo - der por onde der - não podemos contar senão com o apoio dos honestos... não numerosos por certo nesta época de prostituição política e não política. No intento de ajudar o jornal, constituíram-se um grupo filodramático que terá por fim proporcionar festas libertárias..."*¹²

Também O Amigo do Povo padecia desses problemas:

*"O deficit aumenta de modo considerável. Não sabemos como num país onde há um regular elemento anarquista, não pode sustentar-se nem um periódico quinzenal, aberto a todas as tendências libertárias, quando afinal as energias não se gastam noutra coisa. Entretanto com um pouco de boa vontade de cada um poderíamos fazer muito.(...) Seria conveniente que em cada povoação, onde possam colocar-se alguns exemplares, se encarregue de sua distribuição um companheiro ativo, que tratará e nos enviar mensalmente o dinheiro recolhido, pouco ou muito. Se obtivermos apoio os companheiros, poderemos dedicar-nos a outras iniciativas, como a publicação de folhetos e livros em português, o que hoje só lentamente fazemos".*¹³

O jornal de Gigi Damiani era o que mais espontaneamente falava da experiência de se criar um jornal anarquista,

12 Aos amigos - O despertar - 31-12-1904. p.1

13 O Amigo do Povo 13-02-1904.

apontando inclusive o número dos jornais impressos, aspecto sempre obscuro nos outros jornais:

"Ora o fato é que além dos exemplares que enviamos aos assinantes, aos grupos e os que são vendidos a título de propaganda, distribuimos mais trezentos; é pouco, mas atendendo às condições do jornal, já é alguma coisa. E visto diversos companheiros de outros estados terem elogiado a nossa obra, moralmente estamos satisfeitos. Em questão de finanças poderíamos estar melhor se muitos companheiros do interior nos animarem. Temos um déficit todos os jornais anarquistas o tem e nós também, perdio! 14

A revista Aurora de São Paulo anunciava assim sua chegada:

"...No campo político, sob o ponto de vista da organização e do método, a revista defenderá a Anarquia - a vida social assente sobre a iniciativa individual e o livre pacto, sem delegação de poder e portanto na luta presente, a ação direta dos indivíduos conscientes e solidários sobre o patronato e a autoridade do Estado. É quanto basta. Fazer promessas e longos programas é inútil, o tempo dirá o valor e a obra desta pequena revista, que procuraremos engrandecer e em que trabalharemos sinceramente."15

Se o sonho de cada grupo era ter o seu próprio jornal, o sonho seguinte era transformar o jornal num semanário, de forma que pudesse tornar mais produtente a propaganda, estando mais presente e podendo discutir acontecimentos

14 O Despertar - 08-10-1904.

15 Aurora, 01-02-1905, p.1

recentes. O Amigo do Povo, assim como os outros jornais, falava sobre esse desejo:

"O Amigo do Povo semanal - Sempre animados pelo ardente desejo de levar a nossa propaganda a maior altura possível, há tempo que temos a intenção de transformar em semanário esta folha. Dissemos que do resultado da rifa poderia depender o aparecimento semanal do periódico. (...) o grupo editor, numa de suas reuniões, discutiu largamente a questão, decidindo-se afinal de comum acordo que o periódico comece a publicar-se semanalmente, apenas tendo coberto o deficit que pesa sobre ele.16

"O Amigo do Povo semanal (...) esperamos também que os nossos amigos redobrem de atividade, conquistando para o jornal novos leitores e novas simpatias. Entre os meios de tornar conhecido O Amigo do Povo, ocorre-nos um, bastante simples, talvez produtivo: na quarta página vai um anúncio deste periódico, o qual poderá ser recortado e colado em lugares frequentados. Para que a folha se torne interessante nas diferentes povoações onde é lida, seria conveniente que um camarada de cada localidade nos mandasse de vez em quando pequenas correspondências...17

É difícil saber quantos anarquistas havia nesse período. Certamente não eram muitos - embora algumas vezes afirmassem o contrário - senão teria sido mais próspera a vida dos jornais. É certo que, como em outros países, havia um grande interesse geral pelo anarquismo. Isso porém não pode ser visto como prova da penetração anarquista entre os trabalhadores. É claro, entretanto, que devia haver simpatias difusas entre os operários por um ou outro aspecto da filosofia anarquista. Mas certamente havia uma grande

16 O Amigo do Povo, 30-01-1904.

17 O Amigo do Povo, 13-02-1904.

diferença entre um simpatizante e um militante. Talvez muitas pessoas não fizessem mais do que simplesmente comprar um e outro jornal.

Certa vez a carta de um leitor d'

O Amigo do Povo, alertava para a questão da relação entre os militantes e os trabalhadores:

*"...cumpre saber a quem se dirige a propaganda e em que termos se podem tornar exequíveis os vossos esforços. Não é preciso demonstrar que o remédio ou os conselhos que ministráis devem guardar relação com o grau, assim diremos, de tolerância ou orientação dos que pretendeis auxiliar."*¹⁸

Frequentemente o grupo apelava para os companheiros que sabiam escrever que dedicassem algum tempo à redação de assuntos que tivessem interesse para os operários.

Algumas vezes, o próprio grupo do O Amigo do Povo parecia desconhecer o alcance do jornal:

"...vamos hoje por em prática um meio de saber com quem contamos e também de evitar o inútil extravio de grande quantidade de exemplares do periódico que tantos esforços nos custa. Dirigimos o formulário abaixo publicado aos companheiros e amigos que, tendo recebido este periódico há muito tempo, ainda não deram sinais de vida (...)Recebe O Amigo do Povo? Quantos exemplares? Quantos deseja? Nome; Morada; Povoação; Remeto para subscricção..."¹⁹

Os militantes propriamente ditos estavam organizados em grupos de carácter diverso. A célula organizativa como vimos era o grupo de afinidade. As fontes nos dão notícia em um e

¹⁸ O Amigo do Povo 22-11-1903.

¹⁹ O Amigo do Povo 25-07-1903.

outro momento de alguns pequenos grupos. Poucos mais poderia haver se nem a policia soube deles e não são mencionados na imprensa. Não parece que esses grupos tivessem uma estrutura fixa. Provavelmente os membros novos entravam por recomendação de algum antigo -assim como Ricardo Gonçalves levou Edgard Leuenroth para o anarquismo - e continuavam juntos até que os desentendimentos ou a repressão desagregasse o núcleo.

Esses grupos eram primordialmente centros de discussão mas alguns se especializavam em atividades concretas. O grupo libertário Germinal, por exemplo foi responsável pela criação e manutenção de escolas, o grupo La Propaganda era responsável pela publicação de livros e opúsculos, o grupo Filhos da Era anarquista era responsável por mandar vir publicações estrangeiras, o grupo O Amigo do Povo se incumbia da criação dos centros de estudos sociais e das bibliotecas, bem como da publicação do jornal, tarefa que as vezes dividida com o grupo Nuova Civiltá. Outro grupo, O Grupo Filodramático Libertário, organizava as apresentações teatrais. É bem provável que um mesmo militante participasse ao mesmo tempo de diversos grupos.

Ao descrever os grupos anarquistas na França do mesmo período, Jean Maitron observa:

"Um grupo anarquista é um organismo muito particular e que não se parece em nada com as seções ou grupos de outros partidos. Não há nem sede nem cotização fixas e nenhum companheiro é obrigado a anunciar de onde vem, o

que faz e onde vai. A sala do grupo é um lugar de passagem onde cada um fala à vontade, lugar de educação e não de ação."20

Emile Gautier definia assim os grupos anarquistas:

*"simples encontros onde amigos se reúnem a cada semana para falar entre si de coisas que lhes interessam. A maior parte do tempo mesmo não se vê nenhuma nova figura, com exceção de um pequeno núcleo de 4 ou 5 fiéis."*21

Entretanto, procuravam sempre compensar o pequeno número com uma fé e uma força de vontade (quase) inabaláveis:

"Trabalhemos! somos poucos. Que importa? A nossa fé no Ideal grandioso de regeneração humana dará a força para todos os obstáculos que encontrarmos na nossa estrada. Milhões e milhões de seres que se debatem inutilmente nas trevas esperando a luz fulgurante que vai iluminar a estrada a percorrer. Todo um conjunto de mentiras e delitos espera a obra demolidora do nosso golpe (...). Trabalho penoso, mas necessário. Coragem !22

Ainda que formalmente desconectados, os pequenos grupos gravitavam em torno de um núcleo de atração, de onde vinha, talvez a liderança efetiva do movimento. O grupo reunido em torno do jornal O Amigo do Povo foi o mais importante no período. A imprensa teve em quase toda a história do anarquismo um papel capital como agente de ligação.

20 MAITRON, Jean. Le mouvement anarchiste en France I - des origines a 1914, FM/Fondations, Paris, 1983.

21 Idem, ibidem.

22 La Nuova Gente 15-11-1903.

A correspondência com outros grupos e jornais de outros países era muito frequente. O jornal La Nuova Gente escrevia por exemplo mensagens como essa, em francês:

*"Pedimos aos camaradas do estrangeiro que nos ajudem na nossa obra de propaganda, colaborando com o nosso jornal. Sua solidariedade, certamente nos tornará mais fortes para vencer o inimigo comum, o patrão, mais feroz aliás nesse país; para melhorar o coração e o cérebro dos pequenos filhos dos conquistadores e para fazer levantar a cabeça dos numerosos emigrantes que a Europa um pouco a cada ano joga nas fazendas onde a violência e a morte são a recompensa de seu trabalho. Aos jornais anarquistas de todos os países nós pedimos que se comuniquem com o nosso. Eles nos prestarão serviço."*²³

Algumas vezes, os grupos procuravam dividir tarefas com os outros jornais, mesmo os não anarquistas, como mostra essa observação da revista Aurora em 1905:

*"A narração de escândalos e prepotências pode ser enviada para a seção em língua portuguesa do quotidiano socialista Avanti! ou a La Battaglia desta cidade, ao Despertar de Curitiba ou ainda para assuntos religiosos ou clericais ao Livre Pensador. Eles não recusarão decerto as suas colunas."*²⁴

Muitas vezes colaboravam entre si como se vê em anúncios como esse que falavam de festas ou outras atividades que tinham por objetivo ajudar a um e outro jornais:

²³ La Nuova Gente 01-11-1904.

²⁴ Aurora - 01-05-1905, p.1

"Festa libertária - No sábado, 12 de dezembro no Éden Club na rua Florêncio de Abreu, Apresentar-se-a "La morte civile" de P. Giacometti e uma farsa. Durante o intervalo a orquestra que gentilmente se presta, dirigida pelo senhor A. Simosi executará um programa musical. Depois do espetáculo haverá um baile familiar. A festa é em total benefício do nosso jornal e d' O Amigo do Povo. Na nossa administração encontram-se os convites."²⁵

Os dados disponíveis sobre a composição profissional dos militantes são muito parciais. Os dados permitem supor que eram compostos na maioria por trabalhadores manuais. Quando se referiam às dificuldades financeiras do jornal, o grupo do Amigo do Povo observava:

"Já o dissemos a meses neste mesmo assunto: a nossa condição de trabalhadores assalariados mal nos permite contribuir com alguns vinténs para a subscrição e quando o periódico apresenta deficit, vemo-nos em grandes apuros para obter que continue saindo. Com um pouco de amor na tarefa, todas essas dificuldades se vencem facilmente; somos muitos e não é necessário gastar uma grande soma de energia. Como meio mais seguro de garantir a existência de hebdomadario, lembramos a formação de grupos auxiliares de O Amigo do Povo, especialmente nas localidades aonde mandamos bastantes exemplares. Desenvolvendo estes grupos alguma atividade, o periódico sairia sempre regularmente."²⁶

"Somos trabalhadores que vivemos dum salário e que na propaganda buscamos apenas a bela satisfação de trabalhar pela idéia e nada mais."²⁷

25 La Nuova Gente 15-11-1903.

26 O Amigo do Povo 30-01-1904.

27 O Amigo do Povo, 16-05-1903.

As fontes permitem observar a presença de tipógrafos, lixeiros, sapateiros, operários de olarias, pedreiros, carpinteiros, chapeleiros, ferroviários. Provavelmente vários trabalhadores aderiam ao anarquismo inspirados pela leitura de algum jornal. Certamente os mais instruídos liam para os demais e é bem possível que um mesmo jornal passasse por várias mãos e fosse conservado e relido.

As vezes um ou outro trabalhador enviava mensagens de estímulo para O Amigo do Povo:

*"Queridos camaradas do "O Amigo do Povo" - Saúde. ...Venho hoje com a minha rudeza de trabalhador manual, manifestar-vos em poucas e mal traçadas linhas a minha simpatia pelo vosso jornal e pela luta tenaz que tendes sustentado contra uma casta de gente que se ceva com os nossos direitos como as feras com o sangue de suas vítimas. O vosso jornal, a meu ver, pela tática de propaganda que adota, pela sua feição popular, é o melhor que se tem publicado em São Paulo e mesmo no Brasil."*²⁸

Mas é certo também que os anarquistas constituíam um grupo excepcional entre os operários. As experiências dos operários eram certamente muito diversas, como ilustra por exemplo, as memórias de Zélia Gattai. Quando seu pai terminara sua narrativa sobre a experiência do avô, um anarquista que viera da Itália e vivera por algum tempo na Colônia Cecília, Zélia logo se dirige ao outro avô perguntando se também ele havia sido anarquista, ao que ele responde:

"Não, não era anarquista nem monarquista. Nossa família não entendia nada de política. Éramos gente de igreja, todos

28 O Amigo do Povo, 30/05/1903.

católicos. Nossa história é muito parecida com a dos Gattai, mas completamente diferente..."²⁹

TEORIAS

"O que é a Anarquia, o que são os anarquistas, nós vamos dizê-lo: somos pelo mundo, alguns milhares, alguns milhões talvez - porque não temos outro mérito que não seja dizer muito alto o que a multidão pensa baixinho - somos alguns milhões de trabalhadores que reivindicam a liberdade absoluta, nada que não seja a liberdade, toda liberdade!"³⁰

Era próprio dos anarquistas referirem-se à história do anarquismo como a do desenvolvimento do espírito antiautoritário através da história da humanidade. Eles consideraram que sua doutrina estava de acordo com as aspirações fundamentais do homem e que em todos os tempos os povos lutaram nesse sentido. Assim a aspiração à liberdade, o espírito libertário seria inerente à natureza humana, remontaria à presença do homem sobre a Terra. Essa caracterização tão abrangente permitia encontrar pela história os mais diferentes tipos de anarquistas. Os seguidores de Tolstói, por exemplo, consideravam Jesus

29 GATAI, Zélia Anarquistas Graças a Deus São Paulo, 1980.
30 O Amigo do Povo 30-01-1904

Cristo o verdadeiro fundador da anarquia. Outros anarquistas reivindicavam Rabelais e La Boétie como seus precursores. Kropotkin também afirmava que os filósofos do XVIII romperam com a tradição religiosa e procuraram seu apoio na ciência e na razão e nesse sentido essa filosofia teria sido também anarquista.

Entretanto o anarquismo enquanto movimento surge num contexto muito preciso de crítica ao capitalismo e sua história envolve uma grande complexidade.

"Uma unidade de visão é irrealizável...ela será funesta pois será a imobilidade." argumentava Jean Grave no jornal Temps Nouveaux, em 1902. Mas para todos os teóricos anarquistas a anarquia era um estado social em que tivesse desaparecido toda autoridade. Esse era para eles o critério que permitia distinguir o anarquista dos outros socialistas. Assim o essencial da doutrina era destruir a autoridade sob suas várias manifestações: o Estado, o capital e a religião. "Bem-estar e liberdade são os dois objetivos libertários. E esse bem-estar é o comunismo, essa liberdade é o comunismo libertário", observava Sebastien Faure.³¹

Já na obra de Proudhon que embora bastante controvertida é considerada a primeira expressão da doutrina anarquista, a idéia de uma sociedade baseada na justiça englobava esses dois componentes: igualdade e liberdade. Sebastien Faure chegou a afirmar em sua Enciclopédia

31 MAITRON, Jean. op.cit.

anarquista que a doutrina anárquica resumia-se numa única palavra: liberdade.³²

É óbvio porém que as divergências teóricas iam muito além dessas questões sobre autoridade e liberdade e aqui, na experiência brasileira também florescia uma característica pronunciada de quase toda a imprensa libertária: uma quase absoluta despreocupação pela coerência doutrinária interna e pelas implicações teóricas gerais das afirmações particulares. A falta de uma organização de partido que exigisse uma uniformidade ideológica favorecia uma certa heterogeneidade na formação alcançada pelos militantes. Romero Maura, ao referir-se ao anarquismo barcelonês nesse mesmo período observa que a facilidade com que os órgãos de propaganda anarquistas abriam suas páginas a quem quer que desejasse expressar suas opiniões, ainda que não fosse um intelectual, permite dar conta do que pensavam grande parte os militantes.³³ O grupo editor do *O Amigo do Povo*, ainda que fosse claramente anarco-comunista, apresentava o jornal como "aberto a todas as tendências libertárias."

Havia uma desproporcional extensão na imprensa anarquista de traduções dos mais variados autores libertários estrangeiros. Isso parece refletir mais uma busca de autoridade que um esforço de crítica teórica.

32 Dicionário de Política

33 MAURA, Joaquim Romero. La Rosa de Fuego - Republicanos y anarquistas: La política de los obreros barceloneses entre el desastre colonial y la semana trágica 1899-1909. Barcelona, Ediciones Grijalbo, 1975.

Nesse momento, quando no movimento internacional havia campanhas homogeneizadoras o principal alvo era o individualismo exagerado. Talvez todas as diferenças entre stirnerianos, tolstoianos, kropotkinianos e outros trouxesse inconvenientes para o movimento, uma vez que num "processo comum na história de certas oposições revolucionárias, a torre de marfim se transformou em torre de Babel."³⁴

O anarquismo desses anos herdou várias noções da tradição revolucionária européia, da Primeira Internacional e mesmo do marxismo. Por exemplo a noção de função revolucionária e redentora da classe operária, o internacionalismo proletário, o conceito de luta de classes, o ateísmo. Mas os anarquistas estavam também profundamente impregnados de outras doutrinas. Os positivistas eram objetos de admiração. Seus métodos pareciam impecavelmente científicos, ainda que suas conclusões nem sempre fossem aceitas. Isso ocorreu, por exemplo, com as teorias de Lombroso sobre o criminoso nato e degenerado e cuja leitura era recomendada na imprensa anarquista. Aqui havia também ecos da verdadeira veneração que os anarquistas tinham por Spencer. Anselmo Lorenzo, anarquista espanhol, chegou a afirmar que "o positivismo e o socialismo são irmãos gêmeos": um era a revolução no mundo das idéias e o outro o era no mundo dos fatos. Assim a pouca cultura desses "intelectuais" anarquistas e seu afã por conclusões científicas acabavam por gerar todos juntos uma apreensão

34 MAURA, op.cit. p.241.

muito simplificada da sociedade. E certamente a magnitude das mudanças que propunham exigia deles uma concepção global do funcionamento dessa sociedade.

Inspirações teóricas: ecletismo e indefinições

"...quanto mais eu lia mais via abrir-se diante de mim um novo mundo desconhecido para mim." 35

O material que chegava até os anarquistas brasileiros eram sobretudo o italiano e o francês. Eles certamente liam tudo, comentavam entre si, interpretavam, recortavam, e publicavam. Um exercício interessante foi o de confrontar alguns dos textos originais com as publicações dos jornais, para observar como os textos eram lidos, como eram interpretados, o que se aproveitava e o que se rejeitava. De qualquer forma, é certo que não havia uma preocupação muito grande com a coerência teórica, e tanto n'O Amigo do Povo como em outros jornais, os anarquistas "misturavam" trechos e idéias, o que lhes parecia mais interessante do material que lhes chegava à mão. Portanto, qualquer esforço de classificação muito rígida é um tanto ilusória, sobretudo nesse momento onde as idéias e movimentos se gestavam. É inegável, porém, a grande

35 KROPOTKIN, P. Memórias de um revolucionário Buenos Aires: Tupac, 1943..

influência do comunismo anarquista de Kropotkin e sobretudo de Malatesta, bem como dos anarquistas franceses do período.

Quanto aos livros e folhetos vendidos na redação do jornal, privilegiavam obviamente as obras de escritores anarquistas, mas abriam espaço para outros críticos do capitalismo. Inspiravam-se e publicavam sobretudo os escritos de Malatesta. Depois transitavam de Kropotkin a Zola, passando por Faure, Tolstoi, Grave, Pietro Gori, Reclus, Sorel entre outros. Sem dúvida os movimentos anarquistas italiano, francês e espanhol influenciavam muito os anarquistas brasileiros. Um fato curioso é que não há referências a Proudhon e Bakunin, mas aparecem frases de Rousseau, por exemplo, tão criticado pelos anarquistas como inspirador dos revolucionários burgueses.

O Amigo do Povo reproduz certa vez um manifesto de um jornal anarquista francês, Le Libertaire, que destacava para a existência de diferentes tendências no movimento anarquista internacional:

"Num jornal anarquista lemos o seguinte manifesto: Camaradas: sob as denominações de individualismo, naturismo, individualismo libertário, reformismo, socialismo libertário e cristianismo anarquista, sobrevieram divisões profundas e que parecem irreconciliáveis no anarquismo tal como foi concebido primitivamente e durante numerosos anos. São essas seitas susceptíveis de associar os seus esforços sobre uma base nova do anarquismo ou estão destinadas a combater-se mutuamente para o maior prejuízo da ação comum?"

O Amigo do Povo, aproveitando a oportunidade, convidava também seus leitores para esse congresso por

escrito proposto pelo *Le Libertaire*, onde se respondesse ao seguinte questionário:

I - Que entendeis por anarquia?

II - Qual o vosso ideal quanto a sociedade futura, qual deve ser na vossa opinião a sociedade de amanhã?

III - Quais são, segundo o vosso parecer, as modificações sucessivas que a sociedade sofrerá para chegar a esse ponto?

IV - Quais são os meios que considerais melhores para apressar o advento do estado social que preconizais?

V - Considerais possível uma aliança no terreno da filosofia e no da ação entre os diversos agrupamentos de que falamos, e em caso afirmativo, qual pode ser a base?

VI - Pensais que possa existir uma aliança análoga entre as diversas frações do socialismo?

VII - Se estais afastados do anarquismo, depois de terdes estado a ele aderidos, quais as razões que vos fizeram abandonar o anarquismo?

VIII - Qual é a vosso ver, a conduta individual que, na atual sociedade, está mais conforme com vossas teorias?

IX - Qual é na vossa opinião a situação atual do anarquismo, qual tem sido a sua obra e que futuro lhe julgais reservado?³⁶

Esse questionário revela algumas das dúvidas que afligiam o movimento anarquista no momento.

Por essa ocasião o conflito mais evidente entre os anarquistas sobre as questões teóricas da doutrina eram as diferenças entre comunistas e individualistas. Os

36 O Amigo do Povo 27-12-1903.

individualistas no Brasil, como em outros países, citavam profusamente Stirner, Nietzsche e Ibsen. Max Stirner havia sido o grande inspirador dessa tendência, ao defender o que ele chamou de egoistas e o seu desejo de liberdade absoluta.³⁷

No Brasil essa tendência manifestou-se sobretudo no Rio de Janeiro, onde, no início do século, os individualistas uniram-se em torno da revista KULTUR, dirigida por Elísio de Carvalho. Essa publicação dava ênfase a questões teóricas e discussões filosóficas sobre a doutrina. Guardavam obviamente diferenças profundas em relação aos individualistas franceses, por exemplo, cuja opção individualista tendia a defesa e a prática de ações violentas e passavam a viver a margem do código. Sobre esse período na França, Victor Serge observara:

*"Foras da lei anarquistas atiravam na polícia e estouravam os miolos... erravam pela cidade sem evasão possível, prontos a se fazer matar em qualquer lugar, num bonde, num café, contentes de se sentir totalmente encostados contra a parede, disponíveis, enfrentando sozinhos um mundo abominável."*³⁸

No Brasil, os individualistas julgaram a educação sua principal estratégia e estiveram ligados a experiência da efêmera Universidade Popular, que tinha como objetivo a "instrução superior e educação social do proletariado". Nisso estava, sem dúvida um esforço pela democratização da

37 Ver revista Kultur: Combates pelo indivíduo.

38 SERGE, Victor opp.cit.

educação, o que era comum as mais diferentes tendências socialistas.

Citavam e criticavam Comte e os positivistas e travaram longas discussões com Teixeira Mendes que estava a frente do que se chamava Apostolado Positivista do Brasil. Mendes enviava longas cartas a Elysio em resposta aos artigos da revista.

Destacavam a importância da literatura anarquista comentando as obras de Fabio Luz e Manuel Curvello de Mendonça.³⁹

O grupo editor da Kultur comunicava-se com diversos outros grupos e periódicos e recebiam palavras de elogio e estímulo tanto daqui como de outros países. O Amigo do Povo por exemplo anunciou com grande entusiasmo o surgimento da revista.

Entretanto, ainda que se esforçassem para atuar conjuntamente, os anarco-comunistas opuseram-se muitas vezes às expressões de um individualismo extremado dos artigos de Mota Assunção e Elysio de Carvalho. A oposição mais explícita vinha de Gigi Damiani que, depois de uma passagem por São Paulo, era então um dos responsáveis pela redação do jornal O Despertar em Curitiba:

³⁹ Fabio Luz escreveu Ideólogo e Curvello de Mendonca Regeneracao. Sobre essa experiência da propaganda anarquista no Brasil através da literatura ver LUIZZETTO, Flavio, op. cit. - Pouco depois outro anarquista contribuiria para essa "literatura útil" anarquista: Avelino Fóscolo. Sobre ele ver Duarte, Regina Horta. Imagem Rebelde - a trajetória libertaria de Avelino Foscolo.

"(...) Nós bem compreendemos que aqueles que fazem certa literatura decadente...macaqueando Nietzsche, venham, depois, intuindo (interpretando Stirner a seu bel prazer e na sua presunção de ter-se transformado em super-homem e estrela de primeira grandeza) cuspir todo o seu olimpico desprezo sobre as massas em nome de um ideal(?) que tem a especialidade de ter carregado seu primeiro apóstolo para o manicômio(...) Porque no fundo de tudo quanto nos tem dito, nada ha de novo... os sabios da burguesia no-lo tinham cantado em todos os tons. Nao nos resta, pois, senão lamentar o fim de uma revista anarquista que se tinha anunciado tolerante e de juizo...e de apresentar os nossos sentidos pesames ao senhor Elisio de C., anarquista morto antes de nascer...Haverá um intelectual de menos entre nos...Eis tudo..."⁴⁰

Muitas vezes as outras tendências indispunham-se com os individualistas, destacando para o perigo que o individualismo extremado representava ao aproximar-se de um dos principais alvos da critica anarquista: o pensamento liberal.

O proprio Elysio havia destacado a existência de duas correntes bem distintas no então movimento anarquista brasileiro, no balanço geral que procurou elaborar nos primeiros números da sua revista:

"Torna-se necessário para evitar confusão, distinguir, dentro da doutrina anarquista no Brasil, os anarquistas comunistas e os individualistas anarquistas. Os primeiros, que tem por ideal o comunismo libertário como concebe Kropotkin, Reclus, Malatesta e Hamon, um sistema social no qual a propriedade (terra, instrumento de produção, etc) seja comum, são consideravelmente numerosos, calculando-se o seu número entre nós em perto de 10.000 seguramente. Eles são pela maior parte revolucionários, condenam toda tática parlamentar, defendem a greve geral, aprovam o sindicalismo, pregam a revolução social, e combatem a atual sociedade

40 O Despertar 08-10-1904, p.3.

*para estabelecer o comunismo, a sociedade futura sem governo, sem autoridade, sem leis, onde cada indivíduo produzirá segundo as suas forças."*⁴¹

Elysio observava então que o anarquismo individualista, o "defensor intransigente da autonomia individualista absoluta", era uma tendência minoritária representada por ele, por Mota Assunção, Juan Mas y Pi e outros. Defendiam que:

*"uma vez o Estado destruído, com todo o seu conjunto de leis e de juizes, o indivíduo satisfará plenamente as suas necessidades por sua atividade privada, admitindo ainda como possível a vida em comum (teoria do eu associado) mas praticada por associações dos egoísmos absolutos, como quer Stirner, visto que a livre expansão das energias e das paixões humanas basta para assegurar uma vida harmônica entre os homens."*⁴²

Havia ainda alguns anarquistas inspirados pela doutrina de Tolstói, cujo principal defensor era Manuel Curvello de Mendonça, além de Juan Corona, Pereira da Silva e outros.

Objetivos e estratégias

Um dos primeiros números do Amigo do Povo apresenta um artigo onde nossos amigos dizem a que vieram. Embora o texto apareça como de autoria do grupo, são, na

41 Kultur. 1904, p.IV.

42 KULTUR - 1904 p. XXIII.

verdade, trechos, ligeiramente modificados do Programa Anarquista escrito por Malatesta alguns anos antes.⁴³

"(...)Em frente do negro quadro, que queremos nós? Um reviramento completo. Queremos substituir o ódio pelo amor, a concorrência pela solidariedade, a procura exclusiva do próprio bem-estar pela cooperação fraterna para o bem-estar de todos, a violência pela liberdade, a mentira religiosa e pseudo científica pela verdade. Em frente das causas do atual estado de coisas queremos abolida a propriedade privada da terra, das matérias primas e dos instrumentos de trabalho, para que ninguém possa viver à custa do trabalho alheio e para que todos, dispendo de meios para sobreviver e viver, sejam independentes e livremente possam associar-se aos outros, para o interesse comum e segundo as suas simpatias; queremos abolido o governo, suprimido todo o poder que faça leis e as imponha aos outros - monarquias, repúblicas, parlamentos, exércitos, polícia, magistratura, qualquer instituição dotada de meios violentos; queremos a vida social organizada por obra de livres associações e federações de produtores e de consumidores, feitas e modificadas segundo a vontade dos associados, guiados pela ciência e pela experiência e livres de toda imposição que não derive das necessidades naturais, e que cada um, vencido pelo sentimento mesmo da indestrutível necessidade voluntariamente se sujeita; queremos os meios de vida e de desenvolvimento assegurados às crianças e a todos os incapazes de trabalho; a guerra às religiões e a todas as mentiras, acobertadas embora sob o manto da ciência; a ciência ao alcance de todos até aos seus graus mais elevados, a guerra ao patriotismo, as fronteiras apagadas, a fraternidade entre os povos, a família reconstituída pelo modo que resulta da prática do amor, livre de todos os vínculos legais, de todo o constrangimento econômico ou físico, de todo o prejuízo religioso, de todo o despotismo doméstico. Eis o que queremos".⁴⁴

Pode-se dizer que esse texto apresenta um resumo das idéias de Malatesta que como vimos era a principal

43 MALATESTA, E. Escritos Revolucionários. Editora Novos Tempos,

44 O Amigo do Povo 01-05-1902, p.1

orientação teórica dos anarquistas brasileiros desse momento. Os temas, questões e problemas apresentados durante a vida do jornal estariam de uma ou outra maneira ligados a essa profissão de fé inicial, a esse objetivo geral.

Mas esse mesmo artigo se perguntava sobre como conseguir o que desejavam. Os anarquistas acreditavam que tudo o que depende da vontade humana é realizável. Faltava encontrar o caminho. Eis um grande problema. A transformação deveria ser em proveito de todos os seres humanos. Assim sendo não poderia ser obtida pela força mas pelo livre consentimento de todos. "Persuadir, convencer é pois nossa primeira tarefa", observavam. Era necessário despertar a vontade criadora e transformadora presente em todos os homens. Seria pois absurdo querer impor o amor, a liberdade por meio da violência. O anarquismo era uma aspiração humana que seria alcançada pela vontade humana. Os anarquistas brasileiros, sem dúvida, compartilhavam dessa teoria e frequentemente deparavam-se com um dilema que acompanhou de perto todos os anarquistas: para transformar a sociedade era preciso transformar os homens e para transformar os homens era preciso transformar a sociedade.

Em agosto de 1902, Benjamim Mota, Neno Vasco, Augusto Donati e Juan Bautista Perez resolvem propor aos companheiros a reunião de um congresso operário socialista revolucionário na capital, sugerindo a discussão dos seguintes assuntos:

1 - Estado do movimento nas diversas localidades do Estado. Há consciências socialistas formadas?

2 - Relatórios sobre a propaganda socialista-anarquista e socialista-democrática no Brasil.

3 - As colônias anarquistas são úteis como meio de propaganda?

4 - Devem os socialistas-anarquistas trabalhar para a fundação das Universidades Populares e combater o alcoolismo?

5 - Como entendeis a união livre?

6 - Organização de propaganda e organização de classe.

As adesões ao congresso deveriam ser remetidas por carta em nome de grupos ou individualmente. As questões levantadas pelo grupo promotor demonstram um esforço de conhecimento e organização e uma certa indefinição com relação a qual seria o melhor caminho para a realização da tarefa revolucionária.

De fato as estratégias através das quais os anarquistas visavam atingir seus ideais envolveu muitas incertezas.

"(...) A simples propaganda, falada ou escrita, já o dissemos, é impotente para conquistar para as nossas idéias toda a grande massa popular. É indispensável uma educação prática que seja alternadamente causa e efeito de uma gradual transformação do ambiente. Convém que a medida que se desenvolvam nos trabalhadores o sentimento de revolta contra os injustos e inúteis sofrimentos de que são vítimas e o desejo de melhorar a própria condição, eles lutem unidos e solidários, pelo conseguimento do que desejam. A vantagem principal da luta pelos melhoramentos reside na luta em si. Os operários aprendem a ocupar-se dos seus interesses de classe, aprendem que o patrão tem interesses opostos aos seus, e que só

unindo-se e tornando-se mais fortes que os senhores é que podem melhorar as condições e por fim, emancipar-se(...)"⁴⁵

Esse artigo do O Amigo do Povo já revela uma influência do anarco-sindicalismo, ou ao menos uma resposta a ele. O fato é que a greve já aparecia como uma das principais atividades no caminho para as transformações sociais. Acreditavam que toda vitória, por menor que fosse, dos trabalhadores sobre o patronato seria um passo rumo à anarquia. Entretanto consideravam que a principal vantagem da luta econômica estaria na própria luta pois os trabalhadores precisavam se habituar a se reunir e a discutir juntos os interesses comuns. A greve era pois um ensaio da nova vida que seria criada após a revolução. Os anarquistas deveriam trabalhar para que a consciência e a organização dos trabalhadores crescesse tanto quanto possível. O resto viria por si só. Aderindo às idéias de Malatesta O Amigo do povo afirmava que a greve era uma necessidade da vida do proletário que não quisesse descer ou manter-se numa condição de vida absolutamente baixa, além do que a preparação da greve familiarizava os operários entre si. Enquanto uniam-se para o melhoramento imediato, preparavam-se para a futura emancipação.

Apresentavam então, notícias sobre as greves nos mais diferentes países, bem como em diferentes lugares do Brasil. As chamadas de solidariedade a trabalhadores grevistas eram frequentes.

45 O Amigo do Povo 24-05-1902.

Entretanto, do Rio de Janeiro em 1904, Manuel Moscoso escreve para O Amigo do Povo, argumentando que era perda de tempo trabalhar para a fundação de sociedades operárias onde seriam limitados os meios de propaganda, em virtude os seus regulamentos estreitos e cheios de formalismos onde haveriam imposições absurdas e disciplina.

Esse debate em torno da organização dos trabalhadores gerava divisões entre os anarquistas. O Amigo do Povo parecia concordar, seguindo Malatesta, que a maior força de transformação social era o movimento operário (entendendo operário como uma categoria extremamente ampla) e o movimento sindical e acreditavam que de sua orientação dependia em grande parte os rumos da revolução.

Como vimos, Malatesta argumentava que por meio das organizações fundadas para a defesa de seus interesses, os trabalhadores adquiriam a consciência da repressão em que viviam e do antagonismo que os opunha aos patrões e se acostumavam a luta coletiva e a solidariedade. No entanto havia a necessidade de organizações estritamente anarquistas para lutar tanto dentro como fora dos sindicatos para a realização integral do anarquismo e para impedir os germes da degeneração e da reação. Daí a necessidade de criar os grupos, núcleos em torno dos quais as massas deveriam agrupar-se. Isso porque consideravam que os movimentos criados pelos interesses materiais e imediatos, a luta sindical, tenderia ao reformismo. Por isso os anarquistas precisavam estar próximos ao movimento sindical para tornar

essa experiência um meio educativo e uma preparação moral e material para o futuro.

Em junho de 1904 surge o La Battaglia, jornal que se opunha às tendências sindicalistas do anarquismo, redigido por Oreste Ristori. O Amigo do Povo o anuncia com simpatia. Logo em seguida, porém publica uma carta onde se critica a violência defendida pelo novo jornal. É claro que as discussões e indefinições e confrontos entre os anarquistas brasileiros estavam intimamente relacionadas às discussões do movimento internacional.

Apesar dos objetivos comuns, os anarquistas divergiram muito sobre as estratégias, os caminhos a percorrer: eram questões (sobre as quais parece não ter havido consenso durante toda a história do movimento) atuar ou não junto aos sindicatos e como fazê-lo, se a educação e a propaganda por si só poderiam transformar a sociedade, o emprego ou não da violência. É claro que observando as experiências do passado, os anarquistas concluíam que as insurreições não poderiam ter êxito, uma vez que grandes forças eram sempre mobilizadas para a repressão aos movimentos. É nesse contexto que a greve geral revolucionária surge como uma nova tática, num momento em que ela não parecia fantasia. As greves gerais econômicas se multiplicavam nesses primeiros anos do século em várias partes do mundo.

Essas eram algumas das questões que dividiam também os anarquistas aqui. Às vezes, os artigos d' O Amigo

do Povo tendem a atribuir maior importância à questão da educação:

*"A regeneração da sociedade futura deve ser preparada desde já moralmente. O problema a resolver tem duplo aspecto, moral e econômico. A nós a resolução do problema moral, pela propaganda pelo ensino, pelo livro, pelo exemplo. A questão econômica resolverá por si só o próprio proletário, quando conhecer bem o seu valor..."*⁴⁶

Só em 1907 a confrontação entre Monatte e Malatesta no congresso anarquista de Amsterdã dividiu claramente as lutas do anarco-sindicalismo e do comunismo-anarquista. Como vimos Malatesta considerava o sindicalismo apenas um instrumento e acusava os anarco-sindicalistas de buscar uma ilusória solidariedade econômica em vez de uma efetiva solidariedade moral.⁴⁷ A questão da atuação anarquista nos sindicatos será tratada particularmente mais adiante.

Apesar da existência de tendências que agregavam os diferentes grupos, às vezes os próprios militantes olhavam com desconfiança a sua redução a um sujeito coletivo, como se vê nessa observação de Neno Vasco ao responder a um artigo de Elysio de Carvalho:

46 O Amigo do Povo 09-07-1904.

47 No Brasil, houve movimentos sindicais parcialmente anarquistas, o que se observa nas resoluções dos congressos operários. Isso revela o esforço dos grupos anarquistas em manter-se próximo ao movimento sindical, tentando evitar que este se tornasse "autoritário e reformista". No entanto é difícil saber em que medida a massa dos trabalhadores concordava com essa inclinação ou simplesmente adaptavam-se às orientações conferidas aos sindicatos pelas lideranças, buscando a defesa de seus interesses econômicos e imediatos.

"Dez mil comunistas! E eu no meio de tanta gente... Uff! deixem-me sair, deem-me licença meus senhores. Tenho sempre evitado os ajuntamentos: sofro de falta de ar e o calor e a poeira me incomodam.(...) O melhor seria talvez ter-me deixado desclassificado, pairando no vago, no indeciso, nem sim nem não, antes pelo contrário, numa indeterminação de nebulosa, em pleno céu azul, sob o sol claro...". "

OS INIMIGOS DO POVO: LEIS, REFORMAS E PARLAMENTOS

*"Nós estamos sob a República, mas tudo está ainda por fazer. Faz-se muita política e nós não temos o que comer."*⁴⁹

*"Para idéias novas, são precisos meios novos."*⁵⁰

"Ser ou não ser, tal é nossa divisa"⁵¹. Os anarquistas tenderam a resumir nessa fórmula hamletiana a exigência libertária. Assim as possíveis vantagens de uma tática legalista nem sequer entravam em discussão. É claro que essa postura estava intimamente relacionada a convicção de que a revolução era algo iminente, além do fato de que subestimavam demasiadamente a capacidade de resistência do capitalismo.

Já por volta de 1880, na Europa, as resoluções dos primeiros congressos puramente anarquistas estabeleciam como princípio a impotência das reformas e revoluções políticas e do sufrágio universal para melhorar a condição operária.

Consideravam assim legalidade e revolução como inimigas históricas e muitas vezes lançaram mão de lógicas simplistas para rechaçar os adversários. Julgavam que os socialistas aceitavam um jogo parlamentar falso, tornando-se

49 Lobos e lobos - Germinal, 15-06-1902.

50 GRAVE, Jean. A Sociedade Futura, Lisboa, Guimarães e Cia Editores, 1912.

51 MAURA

assim cúmplices das classes dirigentes. Para os anarquistas a única alternativa no quadro de uma democracia fraudulenta, consistia em recusá-la totalmente.

No que se refere as reformas sociais, os anarquistas procuravam convencer os trabalhadores de que se tratava de um desvio de energias uma vez que os homens só tinham uma alternativa: ser livres, integralmente livres, ou continuar sendo escravos. Assim diziam aos operários que não havia pior inimigo que o reformismo. Esses conselhos nem sempre foram muito populares entre os trabalhadores. Essa "incompreensão" acentuava muitas vezes a tendência dos anarquistas de se fecharem em círculos onde, muitas vezes, discutiam-se abstrações que deveriam ter bem pouco interesse para quem estava fora deles.

O aspecto essencial que fundamentava suas posições era a concepção de uma sociedade naturalmente harmônica. Sabe-se que os anarquistas preconizavam um retorno a natureza entendendo por isso o advento de uma sociedade regida por uma convenção de acordo com a Natureza e a Razão. Nessa sociedade, a ciência substituiria a lei, que era considerada uma imposição, uma violência à ordem natural. A convicção de que a sociedade sob a qual padeciam era gratuitamente caótica e de que a sua organização jurídica, administrativa e coercitiva era a barragem que desviava a história de seu caminho natural influenciava muito os anarquistas. Para derrubar a sociedade o mais importante era querê-lo, era preciso despertar nos homens a sua vontade

criadora. Conseguindo isso, o mais seria sorrir e cantar. Consideravam que tão más eram as condições de vida dos trabalhadores, tão grande era a injustiça reinante, que a produção de uma mudança fatalmente aconteceria. É provável que a crença nesse determinismo tenha ocupado um papel importante na concepção revolucionária anarquista .

É claro porém que os anarquistas não recusavam a colaboração com os "partidos burgueses" em nome de meras abstrações morais. Se queriam uma sociedade de homens dignos também estavam diretamente interessados em melhorar com a revolução o bem estar material dos trabalhadores. Este fator devia encerrar um potencial de simpatias operárias e esteve sempre presente entre os anarquistas.

A crença na esterilidade da via reformista, no entanto, era também baseada nos ensinamentos a economia política. Não havia dúvidas de que o capitalismo era incapaz de dar aos trabalhadores o que pediam, porque, se tentasse, deixaria de funcionar. A democracia burguesa era portanto impotente frente a questão social. O Amigo do Povo, julgando que o socialismo parlamentar era simplesmente uma nova "encarnação" da burguesia, definia assim os socialistas:

*"Socialista-parlamentar: animal feroz que a burguesia, por ele ameaçada, conseguiu domesticar."*⁵²

*"Socialismo velho: Proletários de todos os países, uni-vos. (Marx). Socialismo novo: proletários e todos os países, uni-vos aos burgueses."*⁵³

52 O Amigo do Povo. 22-11-1902.

53 O Amigo do Povo 06-12-1902.

Proudhon no seu Sistema das Contradições Econômicas já havia argumentado que qualquer reforma era impossível. Essa conclusão Proudhon havia tirado da sua experiência como deputado, julgando que o parlamento não oferecia espaço para novas idéias.

Jean Grave em seu livro **A sociedade futura**, cuja leitura O Amigo do Povo recomendava enfaticamente, observara:

"...aqueles que refletem um pouco nestas coisas reconhecem a impotência do parlamentarismo e procuram a sua emancipação por outro lado...Quer sejam sinceros, quer sejam ambiciosos, todos os que preconizam a via parlamentar só conseguem desvairar o trabalhador. Esse movimento deve ser completamente combatido".⁵⁴

Além disso, destacavam para o fato de que a era da democratização tornara-se também a época da hipocrisia pública.⁵⁵ Certa vez Neno Vasco argumentou:

"...o político ama o povo, mas detesta o indivíduo: amar o povo, que é uma abstração, dispensa de amar quem quer que seja."⁵⁶

Eram muito frequentes no Amigo do Povo frases como essas:

"A política é uma ciência que tem por único objeto o estudo dos meios mais convenientes para poder adormecer o mais profundamente possível a inteligência e a iniciativa dos trabalhadores".⁵⁷

54 GRAVE, Jean. A sociedade futura. Lisboa, Guimarães e Cia Editores, 1912.

55 Ver HOBBSBAM, A Era dos Impérios, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

56 O Amigo do Povo 02-04-1904.

57 O Amigo do Povo 01-05-1902.

O Amigo do Povo estampava assim em suas páginas a idéia de que a democracia burguesa tinha como objetivo iludir e desarticular a organização operária:

"Nunca é demais insistir sobre este ponto: a obra de organização operária autônoma foi - e é ainda - contrariada por todas as forças de obscurantismo e de reação, e também pelas forças democráticas que são sob um aspecto novo e hipócrita, a continuação das velhas sociedades em que floresce um punhado de parasitas sustentados pelo trabalho forçado de plebes inconscientes. A burguesia, pelo canal do estado, cuja função (independente de forma) consiste em velar pelos privilégios capitalistas, deu-se a essa tarefa de sufocação e desvio das aspirações da classe operária. Por isso, nas suas tentativas emancipadoras, o proletariado foi levado a verificar a identidade entre governos, de etiquetas várias, que ele sofreu; passou de um a outro regime sem se ressentir das mutações de cenário que a história registra com gravidade. Todos os governos o trataram com animosidade e malevolência." 58

Para os anarquistas, a história havia ensinado que todos os governos se pareciam e se equivaliam. Todos eram cínicos e hipócritas. Para reforçar esses argumentos relatavam a miséria e as desgraças dos pobres na França por exemplo: "estes fatos sucedem em Paris, cidade da civilização e da democracia burguesa".⁵⁹ "Isto é mais que doloroso, é irracional", diziam.

Denunciavam assim, o fato de que a sociedade capitalista era sustentada pela violência. Da Rússia à França a mesma loucura da repressão

"...isto de repúblicas e monarquias é tudo peta... Que o povo aprenda. Loubet e Nicolau nos braços um do outro - eis um símbolo."

58 O Amigo do Povo 16-11-1904.

59 Não se pode ir além - O Amigo do Povo. 30-01-1904.

Autocracias, democracias...histórias! tudo vem a dar na mesma..."⁶⁰

A crítica a República apegava-se em exemplos do Brasil e do mundo:

"Foi expulso do território americano o anarquista inglês Macqueen, preso hoje, Ah! do território da livre república norte-americana, ou "Numa jovem República" um artigo sobre a repressão dos trabalhadores em Cuba. Ou sobre a República da Argentina: "As infâmias de uma república. Soma e segue. E ainda há revolucionários que se deixam ficar pela república!" Ao mesmo tempo criticam Rodrigues Alves e a República brasileira.⁶¹ Quando ao referir-se a observação do diretor do "Comércio do Brasil" de que o governo brasileiro é o mais corrupto do mundo", O amigo do Povo conclui com humor: "Diabo, nesta história de corrupção governamental, se houvesse um concurso internacional, o júri ver-se-ia seriamente embaraçado quando de conferir o primeiro prêmio se tratasse. Pela sua própria natureza, todos os governos são mais corruptos uns que os outros".⁶²

Os anarquistas às vezes pareciam ter ilusões de que a República não viera para ficar. Em 1904 ano em que, especialmente no Rio, a República explicitava seu projeto político com a realização das reformas urbanas de caráter extremamente autoritário⁶³, O Amigo do Povo publica um artigo intitulado "A república que agoniza". Perguntavam ao povo brasileiro: o que pretendiam fazer face a essa triste desilusão? Voltar-se para o passado evocando a monarquia

60 Amigo do Povo, 21/06/1902

61 Amigo do Povo, 16-05-1903.

62 Amigo do Povo, Ver as seguintes datas: 05-2-1902, 01, 16 e 21-05-1903 e 11-06-1904.

63 Sobre isso ver: CARVALHO, J. Murilo de Os Restializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi São Paulo: Cia das Letras, 1987.

E também CHALHOUB, Sidney A Guerra contra os Cortiços Primeira Versão, n.19, Campinas: IFCH/UNICAMP, 1990.

que durante tantos anos envileceu e oprimiu? Permanecer indeciso diante dos crimes desta república de barões e conselheiros que "não era outra coisa senão o prolongamento" do regime anterior? Procuravam convencer os trabalhadores que essa república não dera nenhum passo no sentido da revolução social e que portanto não era mais possível confiar nela. Quando em 20-08-1904 a polícia proíbe uma festa d'O Amigo do Povo, o jornal faz um protesto observando que esse estúpido ato não servira nem para desacreditar a República, "porque não era possível desacreditá-la mais." Ofereciam então a anarquia como a única alternativa na busca da igualdade e da justiça.

O título do jornal - O Amigo do Povo - pode parecer estranho, mas Neno Vasco nos explica certa vez que o jornal tinha sido na verdade fundado por dois camaradas italianos que logo se ausentaram de São Paulo e acrescenta:

*"talvez valha a pena consignar que eu não teria escolhido semelhante título para a folha. Não sei, mas Amigo do Povo cheira-me a qualquer coisa de...democrático. É uma tabuleta manhosa."*⁶⁴

Gigi Damiani também atacava a república no seu O

Despertar:

"A hora é propícia para insistir sobre uma grande verdade, não por nós demonstrada, mas pela experiência do tempo e documentado por continuos acontecimentos: o governo é e será sempre governo, seja qual for o nome que ele assuma ou a forma de que ele se revista. Monarquia e República confundem-se no mesmo despotismo cego e feroz..."

64 Kultur, 1904.

Parte essencial dessa crítica era à da pretendida igualdade perante a lei. Registravam a dualidade da justiça burguesa, numa república cuja constituição dizia que todos eram iguais perante a lei:

*"nos compadecemos dos infelizes que expiam nas penitenciárias os crimes de toda uma sociedade; desses pobres de blusa e descalços que por falta de arte nas suas transgressões da lei, sofrem as fatais consequências da privação da liberdade, enquanto os grandes criminosos, as iminências do crime, passam sorridentes e tranquilos."*⁶⁵

*"Não há direitos para o pobre ao rico tudo é permitido... Ação, ação, não pedir leis."*⁶⁶

Junto a isso estava obviamente a crítica a polícia. Destacavam através de exemplos diários como a polícia protegia apenas os ricos, fato que deveria ser evidente aos olhos de todos. Neno Vasco argumentava que os ricos estavam acima das leis e que a chamada justiça não era mais que uma defesa de classe. Destacava que as preocupações da lei eram sobretudo defender a propriedade e o Estado, bem como reprimir a revolta dos explorados. Um texto de Urbain Gohier era citado no jornal por resumir o que pensavam a respeito das leis:

"Feitas por uma minoria, as leis só no interesse dessa minoria são promulgadas. Do mesmo modo que mantém escravas as mulheres, porque as leis são feitas pelos homens, mantêm na submissão os pobres e os fracos, porque são fabricadas pelos ricos e pelos fortes. Seja qual for a taboleta do governo, este é idêntico em todos os lugares e em todos os tempos, porque está em toda a parte e sempre nas mãos da mesma

65 O Amigo do Povo, 19-07-1902.

66 Canção Filhos do Povo - Hinos...

*classe. E com uma fatalidade espantosa, se alguém da multidão oprimida penetra no rebanho legislativo e governativo, imediatamente se lhe junta."*⁶⁷

Para ilustrar "como é perigoso e escorregadio o caminho da politiquice parlamentar e do legalismo" citavam exemplos como o "caso Millerand", um socialista francês que se tornara ministro.⁶⁸

Já no primeiro número do O Amigo do Povo, os anarquistas frisavam a sua diferença com os outros socialistas:

*"Nós somos socialistas. No momento em que do socialismo se faz uma matéria de ensino universitário, em que qualquer escravagista ou dominador não desdenha chamar-se socialista, nós, os socialistas tendo a Anarquia como fim e como meio, devemos reivindicar esse apelido, que é o pavão com cujas penas tantas galhas pretendem adornar-se."*⁶⁹

A crítica à política e à luta eleitoral se evidenciava também nos embates constantes com o jornal socialista Avanti! Essas polêmicas às vezes tomavam um tom inflamado. Os anarquistas criticavam as resoluções do Congresso Socialista:

*"os nossos socialistas legatários acham mais necessária a luta política que a organização forte das ligas de resistência".*⁷⁰

Ao se discutir a opinião dos congressistas a história torna-se tema do debate:

"Golfarelli diz que não temos o direito de discutir o passado de homens que pertencem a história (Esta é de tirar o chapéu!"

67 Idem, 01-05-1903.p.4

68 O Amigo do Povo, 30-05-1903.

69 Quem somos - O Amigo do Povo 19-04-1902.

70 O amigo do Povo 21-06-1902.p.2

*Então que diabo de liberdade é essa que pregam os legalitários, se querem privar-nos do direito de investigar a verdade, através da história? Se o conselho de Golfarelli fosse escutado nós seríamos forçados a admirar Cezar, Carlos Magno, Luís XIV e tantos outros, porque a história escrita pelos historiadores contemporâneos desses homens só lhes tece elogios e, foi a discussão sobre o passado, as investigações feitas pelos sábios e o progresso das idéias que nos fizeram ver quão monstruosos foram os atos desses homens glorificados pelos seus contemporâneos."*⁷¹

Assim de alguma maneira eles alertavam para as relações entre história e política ainda que apontassem a verdade como filha do tempo.

Apesar das divergências com os socialistas, em vários momentos havia colaboração entre eles nas ações concretas. Por isso, os anarquistas ficaram muito surpresos com a exclusão deles do segundo congresso socialista reunido em São Paulo em agosto de 1902.⁷² Argumentam que seu estranhamento se dera tanto pelo fato de que em São Paulo não existia um partido suficientemente forte para fazer concorrência nas eleições aos partidos chamados burgueses, mas também porque nas lutas de propaganda não se havia feito até então "entre esses dois partidos que pareciam trabalhar juntos", uma seleção propriamente dita. Entretanto Mota Assumpção observa que "(...) em questão de princípios, esses dois partidos nada podiam fazer juntos. Separa-os um

71 O Amigo do Povo, 21-6-1902

72 Segundo Alceste D'Ambris nesse congresso estavam representados 40 círculos e ligas, 32 de São Paulo, com 45 representantes, sendo 28 italianos, 13 brasileiros, 2 espanhóis e 2 alemães. in PINHEIRO, P.S. e HALL, M. A classe operária no Brasil. p.38.

abismo."⁷³ De fato, nesse momento, os socialistas estavam num processo em que afastavam-se da violência verbal para tornarem-se "principalmente políticos".⁷⁴ Assim apesar dos muitos objetivos e preocupações comuns, era nesse ponto da participação na política institucional que a cooperação tornava-se inaceitável, e fazia anarquistas e socialistas excluírem-se uns aos outros. Divergiam tanto sobre a estratégia a ser seguida como sobre a natureza do campo de batalha. Os anarquistas recusando "a política" tentavam recriar a política em outra esfera, queriam criar um novo espaço e novos instrumentos, diferentes daqueles instituídos pela burguesia. Tentavam politizar o cotidiano, numa concepção de política que envolvia a ética e a moral.

Assim, dentro desse raciocínio, os anarquistas no começo do século no Brasil como em outros países, lutavam também contra quaisquer organizações operárias reformistas. O Amigo do Povo, por exemplo, elogiava muito algumas sociedades e criticava outras que julgava reformistas. Talvez este tenha sido um erro de apreciação política dos anarquistas uma vez que isso isolava-os ainda mais.

Consideravam que as leis operárias de nada serviam:

"Se o operário não está convencido da reforma, não a sente, não a deseja, a lei é letra morta. O patrão não faz o mínimo caso delas. (...) Se os operários desejam a reforma e estão dispostos a defendê-la a todo momento

73 O amigo do Povo 16-08-1902.

74 Alceste D'Ambris.op.cit.

então a lei é absolutamente inútil e pode ser um estorvo a futuras conquistas.”⁷⁵

Assim se a política institucional era um campo de luta inconcebível para os anarquistas, era necessário criar outros novos, sob o risco de cair na esterilidade. Num certo momento, o sindicato passa a ser visto por muitos anarquistas como o espaço privilegiado para a ação. É o que veremos a seguir.

75 O Amigo do Povo - 26-03-1904.

RUMO AOS SINDICATOS: A DEFESA DA GREVE GERAL

Se houve uma filosofia medular que variou relativamente pouco com o correr dos anos, as concepções estratégicas mudaram sensivelmente. A reação à idéia de que só se derrubaria a sociedade através de insurreições surgiu a nível teórico, na forma do anarco-comunismo, cujos maiores representantes eram Malatesta e Kropotkin. O anarco-comunismo como concepção geral viria desempenhar uma função vital. Pode-se dizer que em todos os lugares a maioria dos anarquistas via com desgosto a fórmula terrorista, nesse momento. Os acontecimentos passados haviam demonstrado que o terrorismo era contraproducente.⁷⁶

A única maneira de não se limitar a divulgação teórica era então defender a formação de sociedades de ofício. Na Europa da virada do século os anarquistas se reuniam e discutiam. Os militantes organizavam grupos de estudos e debatiam questões locais e de outras partes. Pouco a pouco se difunde a nova fórmula: a greve geral revolucionária, que já estava em moda sobretudo na França. A partir dessa nova estratégia, os anarquistas decidem acelerar sua entrada nas sociedades de resistência para

⁷⁶ A década de 1890 havia sido um período de grandes atos de violência dos anarquistas no cenário mundial. Foram mortos o rei Umberto da Itália, a imperatriz Elizabeth da Austria, o presidente Sadi Carnot da França, o presidente McKinley dos EUA e o primeiro-ministro Cánovas da Espanha.

evitar que os socialistas se apoderassem delas. A idéia de greve geral aparece então como o grande instrumento ou mesmo o único meio possível na estratégia anarco-comunista.⁷⁷ Nos primeiros anos do século, as greves gerais se espalhavam por vários países.

Assim muitas vezes o ingresso dos anarquistas nas sociedades de resistência e seu esforço para presidí-las, tinha uma justificativa do ponto de vista libertário puramente tática: deter avanços socialistas ou de outras tendências. Muitas vezes, falavam de greve geral em termos similares aos sindicalistas revolucionários franceses mas continuavam agindo segundo as pautas anarco-comunistas.

Uma vez que já não acreditavam na eficácia das insurreições, como poderiam então preparar a revolução? Pela greve, mas concebida de uma forma muito especial. Não a greve reivindicativa que visasse a um aumento de salário ou a uma diminuição de tempo de trabalho, mas a greve, escola de dignidade e de luta, que desencadearia a greve revolucionária.

Já desde 1890, a orientação tática do anarquismo já havia se traduzido em um desejo de aproximação com os

⁷⁷ Romero Maura argumenta que os anarquistas catalães desse período não haviam abandonado o anarcocomunismo. A influência do sindicalismo revolucionário francês e o anarco-sindicalismo espanhol só surgiriam mais tarde. O autor observa que mesmo Ferrer que financiava o jornal *La Huelga General* e que passava a maior parte do tempo em Paris não se contagiou com o vírus sindicalista. Seus amigos íntimos eram os anarquistas "puros" como Paraf-Javal, Malato e outros. Para Maura o novo fervor pela greve geral insurrecional era outra versão da velha fé anarcocomunista no ataque revolucionário.

trabalhadores. Onde encontrar os operários senão nos sindicatos? Assim o problema da entrada nos sindicatos se impunha ao movimento internacional. Mas pode-se dizer que se tratava de uma mudança tática e não doutrinal: aos olhos dos anarquistas os sindicatos continuavam impotentes se seu objetivo consistisse em fazer obter um aumento de salário ou uma diminuição do tempo de trabalho. Todo melhoramento era visto como temporário ou ilusório. Entretanto era possível e necessário utilizar os sindicatos para evitar que estivessem nas mãos de outros. Os sindicatos se tornariam graças aos anarquistas centros de livre discussão. Não se deixando levar pelas promessas das impossíveis reformas, eles tornar-se-iam lugares de educação onde os operários aprenderiam que a emancipação econômica só poderia ser obtida pela revolução. Começava assim uma campanha cada vez mais ampla em favor da entrada dos anarquistas nos sindicatos e por muito tempo ele não deixaria de ser reconhecido como o melhor meio de luta de que dispõe a classe operária.

Na França, Fernand Pelloutier propunha que o sindicato se dedicasse inteiramente à resistência contra o capital esquecendo as agitações políticas. Pelloutier faz uma teoria do sindicato como "escola prática do anarquismo". Isso fez dele o pai do sindicalismo revolucionário, doutrina que só no congresso de Amiens em 1906 tomaria consciência de si própria, com uma existência separada do anarquismo.

Emile Pouget, outro anarquista francês, também defendia o sindicato. Ainda no fim do século XIX, ele foi um

dos primeiros a engajar-se na nova tendência. Certa vez ele observou:

"o problema é o seguinte: eu sou anarquista, quero semear minhas idéias. Qual o terreno onde elas germinarão melhor? Tenho já a fábrica, os cafés...quero algo melhor; um lugar onde eu encontro proletários que se dão conta da exploração a que estamos submetidos e usam a cabeça para encontrar o remédio. Esse lugar existe? Sim em nome de deus! E ele é único: é o grupo corporativo."⁷⁸

O sindicato continuava a ser visto como um agrupamento de resistência que ao mesmo tempo prepararia a revolução. Pouget exaltava a Greve Geral. Em 1900, tornou-se o redator do jornal da CGT, La Voix du Peuple e permaneceu favorável a entrada dos anarquistas nos sindicatos.

Certamente havia ecos de toda essa discussão no Brasil e um dos primeiros folhetos que foram publicados e distribuídos aqui era justamente **As Bases do Sindicalismo**, de Pouget, que O Amigo do Povo reproduzia frequentemente também em suas colunas. Esses artigos procuravam esclarecer de forma simples e didática o significado e a importância do sindicalismo:

"a palavra sindicalismo adquiriu, nos últimos tempos, um sentido mais amplo que o indicado pela etimologia. O significado, todo concreto, que ela tinha já, persiste; continua a indicar os 'adeptos da organização sindical'. Mas agora, além dessa acepção nebulosa e incolor, que, com um pouco de elasticidade, tanto poderia aplicar-se aos sindicalistas amarelos como aos vermelhos, tem outra nova e bem definida. A palavra sindicalismo tornou-se um termo genérico, exprimindo um "momento" da consciência operária. Este epíteto reivindicavam-no os trabalhadores que, tendo

78 Citado por MAITRON, Jean. op. cit. p.273.

abandonado as concepções doentias e ilusórias, adquiriram a convicção de que os melhoramentos - parciais ou extremos - não podem resultar senão da força e vontade populares. Sobre as ruínas das esperanças carneirescas e das crenças nos milagres que escoram as superstições tanto na providência estatista como na divina, elaboraram uma doutrina sã e verdadeiramente humana que tem raízes num exame e numa interpretação leais dos fenômenos da vida social." "

Pouget alertava porém que ainda que fossem partidários do agrupamento dos trabalhadores em sindicatos, consideravam que o sindicato não podia ter como único objetivo a disputa cotidiana com o patrão, mas questionar mesmo toda a exploração operária. Mesmo sendo o sindicato o agrupamento imaginado pelos "reformistas" e que permitia a batalha diária com o patrão por melhoramentos, ele deveria ser muito mais do que isso:

"é ainda o agrupamento próprio para levar a cabo a obra de expropriação capitalista e de reorganização social que os socialistas, ilusoriamente confiados no Estado, esperam da conquista do poder político." 80

Para Pouget, se o sindicato era no presente o organismo de luta e reivindicação dos trabalhadores contra os seus patrões, no futuro ela seria a base sobre a qual se ergueria a nova sociedade, enfim libertada de toda exploração e tirania.

O Amigo do Povo reproduzia trechos dos escritos de Pouget onde ele procurava demonstrar que a opção pelo sindicalismo não era uma idéia entre outras mas o resultado de um amadurecimento:

79 POUGET, EMILE. **Bases do Sindicalismo**. Porto Alegre, 1906.

Reproduzido também no Amigo do Povo de 25-6-1904.

80 POUGET, EMILE, op.cit.

"A concepção sindicalista não é deduzida dum sistema hipotético, saído pronto e armado de qualquer cérebro e não justificado pela experiência sociológica; provém do exame histórico dos fatos e da sua interpretação inteligente. Pode-se dizer que é a resultante e o coroamento de todo um século de lutas sustentadas pelas classes operárias contra a burguesia." ⁸¹

Mais do que um bom caminho, o sindicalismo e muitas vezes apontado como o único possível:

"...É a única garantia de bom êxito dessa, como de todas lutas humanas, é a perfeita união de vistas e de fins, a cooperação comum dos esforços, o amparo mútuo e o mútuo acordo, a solidariedade, enfim. (...) Nem poderão emancipar-se em quanto não achem na união a força moral, a força econômica e a força física de que necessitam para vencer a força organizada dos opressores. É na organização que se acha o centro nervoso que, num formidável impulso de energia, há de emancipar a classe trabalhadora." ⁸²

O Amigo do Povo reproduzia também textos onde Sebastien Faure defendia a greve geral como a melhor arma dos trabalhadores:

"...há de compreender que passou o tempo da resignação." ⁸³

Procuravam trazer para as páginas do jornal o máximo de notícias sobre as greves no Brasil:

"Os operários da oficina de Mayrink, da estrada de ferro "Sorocabana" cansados de reclamar o pagamento dos salários de alguns meses, declararam a greve que acabou com um completo triunfo. Chamado pelos grevistas partiu para lá o camarada Alexandre Cerchiai, que fez uso da palavra em público duas vezes em Mayrink e duas no teatro de São Roque, localidade onde residem quase todos os trabalhadores de Mayrink.

81 O Amigo do Povo, 3/9/1904.

82 Prefácio ao folheto de Emile Pouget, Bases do sindicalismo, op.cit.

83 O Amigo do Povo. 30-06-1904.

Neste teatro falou também, uma vez, o camarada Benjamim Nota."³⁴

Esse trecho nos revela o esforço de aproximação desses grupos anarquistas com o movimento dos trabalhadores, já nos primeiros anos do século. A continuação do relato revela também um esforço de ação conjunta com grupos de outras tendências:

*"Por fim abriu-se entre os grevistas vencedores uma subscrição que produziu 321\$200 réis, assim distribuídos: despesas de greve, 114\$000, pro-grevistas do Bom Retiro, 91\$110, para um opúsculo 53\$500, pro máquina do Avanti! 25\$000, para o Germinai 10\$000, para O Amigo do Povo 13\$000, para "No Café" 5\$000, para Entre Camponeses 5\$000. As listas de subscrição encontram-se na redação do Avanti! A nota das despesas da greve está em poder do camarada Giovanni Batini. Os operários de Mayrink vão constituir um a Liga de Resistência. Para esse fim partem amanhã para São Roque os camaradas Benjamim Nota, Boni e outros. No dia 20 do corrente o "Núcleo Filodramático Libertário" organizará uma festa no Salão São Roque."*³⁵

Algumas vezes trabalhadores escreviam ao jornal defendendo a necessidade de organização:

"O tema não é novo, nem fácil sobretudo para quem, como eu, trabalha desde manhã até a noite com um ferro de 5 kilos, encerrado num buraco onde falta o ar. Deixo pois o ruído das máquinas, como um prato de sopa, aspiro dois sorvos de ar livre, e para descansar escrevo também duas palavras, rudemente, sem procurar, porém, ofender susceptibilidades. (...) O que falta no Brasil para a organização operária é o exemplo, os fatos práticos. Não basta expor teorias mais ou menos ribombantes ou ficar a dormir nos círculos ou circulinhos... Aqui nunca se trabalhou praticamente pela formação de ligas, se alguma atividade foi desenvolvida por alguns anarquistas agora está quase extinta, caminhando para a morte. E se por um lado alguns

34 O Amigo do Povo, 6/12/1902.

35 O Amigo do Povo 06-12-1902, p.3.

*anarquistas se opõem ao movimento associativo, não sei porque também do outro lado, os socialistas legatários não se prestam ao ato prático. (...) Apelo simplesmente para os trabalhadores manuais, para aqueles que experimentam as privações na vida, para aqueles que sabem o que é trabalhar, para aqueles que são explorados e desejam coisas palpáveis e não promessas - exemplos e fatos e não palavreado."*⁸⁶

Essa fala evidencia que aqui como em outros países, alguns grupos anarquistas permaneciam hostis aos movimento sindical. O sindicato era então condenado não mais pela inutilidade, mas pelo reformismo, que faria perdurar a sociedade atual. Mas para a maioria dos anarquistas o sindicalismo cada vez mais era visto como a única alternativa à mentira democrática e parlamentar.

Romero Maura ao referir-se ao anarquismo espanhol, observa que em 1906, o anarquismo renasce, modificado. O jornal anarquista El Trabajo fazia seu protesto então reafirmando mais fortemente a defesa dos sindicatos operários:

*"...basta de exigir a dissolução das sociedades de resistência e só a criação de grupos de afinidade; o que se necessita, são sociedades de resistência, quanto mais fortes, melhor."*⁸⁷

Um outro jornal no mesmo período observava:

"Nós estamos completamente desorganizados...e a culpa é dos que, em vez de lutar para atrair os operários para as sociedades de ofício acreditaram que faziam melhor obra filosofando."

⁸⁶ Organização verdadeira - Carta ao O Amigo do Povo.

⁸⁷ MAURA, Joaquim Romero La Rosa de Fuego.

Assim os anarquistas acentuavam a defesa do sindicalismo revolucionário como estratégia a seguir, pois concluíam que era impossível que as sociedades operárias se tornassem anarquistas da noite para o dia. O sindicalismo revolucionário tornou-se então a possibilidade de racionalizar os esforços de difusão da idéia anarquista. Acreditava-se que se o sindicato se mantivesse fechado a toda interferência política, com autonomia de ação, ele tornar-se-ia certamente anarquista. Julgavam que num movimento sindical adequadamente organizado, sem burocracia, hostil a toda política reformista e a toda colaboração com o Estado, os operários iriam adquirindo uma consciência revolucionária.

Como no Brasil os anarquistas já haviam se encantado com a idéia da greve geral, esse movimento que atingia a França, a Itália e a Espanha tem ecos também aqui.⁸⁸

⁸⁸ Essa influência pode ser observada no fato de que no fim de 1905, grande parte dos anarquistas brasileiros se reagruparam em torno de um novo jornal *A Terra Livre*, onde a defesa da participação anarquista nos sindicatos é ainda mais acentuada.

EDUCAÇÃO E PROPAGANDA

Nos diferentes países, a propaganda pela palavra teve sempre um papel fundamental na ação anarquista. Enquanto alguns levavam "a idéia" nos meios mais diversos pelas reuniões e pelos jornais, outros organizavam conferências de propaganda em diferentes lugares.

Em São Paulo, as conferências eram constantes mas nem sempre muito tranquilas:

"O camarada Cerchiai realizou no dia 11, domingo, uma conferência sobre o tema: Cosa vogliono gli anarchici? O local designado nos convites impressos era o terreno pertencente ao Palácio Penteado; mas o proprietário quis também ajudar a deter a marcha da idéia: telefonou aos inquilinos que os poria no olho da rua, caso eles permitissem na sua propriedade uma conferência anarquista, isto é, contra o sagrado direito de propriedade... Apesar disso, bastantes amigos dirigiram-se para um outro lugar e aí ouviram com agrado o Cerchiai, que terminou o seu discurso incitando-os a trabalharem energeticamente pela causa"."

Cerchiai tornou-se um dos anarquistas mais atuantes nessas atividades de propaganda como se vê nessas curiosas e doces lembranças de Tito Batini:

"Alessandro Cerchiai, amigo de nossa família, que nos batizara em nome da liberdade, a mim e a meu irmão Pio Libero, derramando sobre nossas cabeças vinho Lambrusque, nosso mestre de primeiras letras, intelectual, militante político, que se empregara como lixeiro da municipalidade de São Paulo e como turmeiro nas

estradas de ferro. A noite roubava horas de sono para discursar aos companheiros de trabalho e escrever jornais defensores da classe."⁹⁰

Isso evidencia o propósito dos anarquistas em participarem da vida cotidiana dos trabalhadores. Como para Malatesta ir até o povo supunha a total identificação com os trabalhadores, ser um deles.

As diversas conferências que aparecem nos jornais feitas especialmente por Cerchiai e Benjamim Mota e incluía temas como "A ação imoral do parlamentarismo", "Gente nuova", "Os produtos da terra e da indústria", "Capitale e Lavoro", "A mulher na sociedade burguesa e na sociedade futura", "La donna nell'avviamento alla emancipazione del proletariato", "Il primo maggio", "La fine del Mondo", "Ressurreição Humana", a "Sociedade moribunda", "Maternidade voluntária" entre outros. Aqui também a propaganda em italiano e português.

No ano de 1904, o jornal reproduzia com frequência as conferências realizadas por Elysio de Carvalho sobre a Universidade Popular de Ensino Livre. Essa experiência, que duraria pouco, despertou grande entusiasmo entre os anarquistas de São Paulo que como os idealizadores da Universidade também visavam proporcionar ao proletariado uma educação "de acordo com os progressos da ciência contemporânea", "não com o fim de formar eruditos, sábios, doutores, mas criar vontades enérgicas, consciências altas e

⁹⁰ BATINI, Tito - Memórias de um socialista congênito. Campinas, Editora da Unicamp, 1991.

claras, inteligências luminosas, corações ardentes, homens integrais."⁹¹

Esses anarquistas entendiam também como sua missão difundir a idéia pelas cidades do interior: "Brevemente percorrerá algumas localidades do interior, o redator d'esta folha, Alessandro Cerchiai" Essas notícias eram frequentes n' O Amigo do Povo.

Era o início de uma atividade que ainda iria se manter por vários anos. Batini observa que em 1908, mesmo morando em Avanhandava, sua casa era visitada por propagandistas disfarçados de vendedores:

*"Lembro-me de Angelo Bandoni que trazia amostras de filtros - a um tempo traziam folhetos chegados da França, da Itália e da Espanha e os de São Paulo e Rio de Janeiro, dirigidos pelos anarquistas Alessandro Cerchiai ou Oreste Ristori, como de Santos o mensário A Questão Social de Silvério Fontes."*⁹²

No jornal havia espaço para notícias dessas conferências no interior, bem como dos grupos que ali se formavam. Em 11-06-1904, por exemplo, comentava-se as conferências realizadas por Bandoni em Piracicaba. Em virtude da ótima impressão que elas teriam causado entre os trabalhadores da cidade, um outro camarada Oreste Ristori foi chamado pelo Círculo Anarquista de Estudos Sociais. "A palavra convincente do camarada" teria conquistado a simpatia de muitos operários, que se dirigiram em grande número para outras três conferências nos dias 26, 28 e 29.

91 Conferência de Elycio de carvalho - O Amigo do Povo 23-04-1904.

92 idem, ibidem,

Nessa ocasião foram distribuídos vários opúsculos de propaganda. Segundo Atilio Artioli, ex-secretário do Círculo Socialista Avanti! de Piracicaba que havia aderido ao anarquismo, o grupo anarquista Germinal da cidade teria vivenciado um contínuo aumento das adesões dos trabalhadores, após as citadas conferências.⁹³

É difícil calcular a real influência dos anarquistas sobre os trabalhadores. Mas, cada pequena vitória era ardentemente comemorada como um passo rumo à anarquia. Acreditavam que:

"...ela se ampliará assim, ganhando pouco a pouco os homens e as coisas, até abraçar toda a humanidade e todas as manifestações da vida."⁹⁴

Não se tratava de chegar a anarquia hoje ou amanhã, mas caminhar em direção a ela, sempre.

Já nesse momento iniciam-se os esforços de criar escolas.

Em 11-06-1904, o jornal anuncia a realização de uma festa em favor da Escola Libertária Germinal. Os organizadores pretendiam encontrar nessa festa um número suficiente de pessoas dispostas a dar mensalmente 500 réis, tornando assim possível aos pais de família o pagamento de 2\$000 réis mensais por cada criança, incluindo aí livros e cadernos.

⁹³ O Amigo do Povo, 17/01 e 11/6 de 1904

⁹⁴ Malatesta, E. *Rumo à anarquia* in Escritos revolucionários São Paulo: Novos Tempos, 1989..

Os Centros de Estudos Sociais visavam a instrução de adultos. O Centro de Estudos Sociais e Ensino Mútuo, iniciativa do grupo editor de O Amigo do Povo, oferecia lições noturnas às segundas, quartas e sextas. Para os alunos e demais interessados, o centro possuía um "mesa de leitura" que funcionava todos os dias das 8 da manhã às 10 horas da noite.⁹⁵ O Centro de Estudos Sociais Jovens Libertários, instalado no bairro Barra Funda, também propunha-se a divulgar as idéias libertárias entre os trabalhadores e apresentava o seguinte plano de trabalho: aulas às segundas, quartas e sextas, discussões nos sábados e conferências nos domingos. A difusão desses centros continuaria a ser um dos objetivos centrais dos grupos anarquistas de São Paulo. O Amigo do Povo sempre recomendava aos camaradas que se dedicassem com especial empenho na criação de centros e bibliotecas.⁹⁶

As bibliotecas formavam-se com doações e trocas com outros grupos:

"A todos os grupos editores, bibliotecas e especialmente aos periódicos da idéia, pedimos encarecidamente que enviem ao menos um exemplar das suas publicações para a biblioteca do centro recentemente formado pelo grupo "O Amigo do Povo". Enviaremos como permuta as nossas publicações ou contribuiremos segundo as nossas forças para o pagamento do papel recebido. já se receberam alguns livros para a biblioteca."⁹⁷

95 O Amigo do Povo, 30-01-1904.

96 O Amigo do Povo 26-09-1903.

97 Amigo do Povo, 22/11/1903

Só em 1904, um artigo de Matilde Magrassi defendia de realizar comícios, associando-os à difusão de opúsculos e jornais, conferências e escolas, como um meio de aproveitar todas as ocasiões propícias para atrair o maior número de pessoas.

Parece que O Amigo do Povo preocupava-se mais com as atividades educativas cotidianas do que com as manifestações espetaculares ou de grande impacto. Procuravam também frisar que as conspirações dos anarquistas brasileiros eram fabricações apenas das cabeças dos governantes e que seus supostos segredos eram ditos a portas abertas, a quem quisesse entrar e ouvir:

*"Do nosso empenho em fazer propaganda nasce o esforço constante que fazemos para que as nossas reuniões e conferências sejam concorridas, conhecidas as nossas idéias. Nós não temos necessidade de conspirar, tendo a nossa obra de ser clara, o mais clara possível, o mais larga possível para ser profícua."**

O Primeiro de Maio

*"Vem ó maio trazer-nos dias novos"**

A importância do aspecto simbólico do Primeiro de Maio é presença constante. A cada ano tornava-se um momento privilegiado para educar. Os anarquistas ficavam

98 O Amigo do Povo 16-08-1902.

99 O primeiro de Maio - Hinos e cânticos libertários Rio de Janeiro, 1923. - AEL.

profundamente indignados com a tentativa de transformar a data numa comemoração oficial. O Primeiro de Maio era dia de protesto, não de festa. Nada havia para comemorar. Esforçavam-se para resgatar a memória dos mártires de Chicago: A recuperação ou a tentativa de construção de uma memória que fosse ao mesmo tempo lembrança, educação, impulsão para a luta era constante. Augusto Donati lembrava a prisão e expulsão dos anarquistas em 1893, 94, 95. Cerchiai lembra a repressão em 1898 em Milão. Mais tarde, um outro acontecimento tornar-se-ia o maior símbolo na construção dessa memória entre os anarquistas: a execução de Francisco Ferrer, que inspirara tantas experiências pedagógicas, desencadeara uma verdadeira sensibilidade internacional que crescia ano a ano.

O Amigo do Povo e outros grupos

O jornal funcionava também como um veículo para comunicações dos grupos e entre eles:

"O grupo Nuova Civiltá reúne todos os sábados, às 8 horas, na sua sede que é na rua Libero Badaró, n.82."

"O Circolo Educativo Libertário "Germinal"(com a redação e administração do

periódico socialista-anárquico do mesmo nome) transferiu sua sede para o n. 136 da rua Sélon. No dia 19 a escola racionalista libertária iniciou o curso noturno. Para esclarecimentos e adesões dirigir-se à sede do Círculo, das 8 às 10 da manhã, da 1 às 3 da tarde e das 7 às 9 da noite.

"Sábado 17, reuniram-se diversos camaradas para lançar as bases d'um Círculo Filodramático "Progresso" cujo fim será contribuir para a educação libertária da mocidade por meio do teatro. Um grupo que se encarregou dos trabalhos preparatórios, reunir-se-á amanhã, 25, às 2 1/2 da tarde, no n.49 da Avenida Tiradentes (Ponte Pequena, em frente à farmácia) apelando par a boa vontade de todos os camaradas que julguem proveitosa a iniciativa."¹⁰⁰

Partes do jornal eram escritas em italiano:

"Acta, non verba - Il gruppo anarchico la Nuova Civiltá previene i compagni che nella prima quindicina del prossimo Giugno, metterá in circolazione l'opúsculo "Fra Contadini" di E. Malatesta. Con quest'opera il nostro gruppo inizierà una serie di pubblicazioni libertaire, per concorrere al grande movimento rivoluzionario che agita in quest'epoca le concienze piú pure, della grande legione lavoratrice(...) Lo scopo precipuo del gruppo sarebbe di estendere la propaganda anarchica nella officine, in questi ergastoli industrialidore l'operaio passa i suoi giorni fra il dublo della vita e della morte" (Tobia Boni)

Gruppo S.A. "O amigo do povo" "I compagni che hanno a cuore il buon andamento del giornale, sono pregati d'intervenire alla riunione che il gruppo tera Domenica 25 corr. alle ore 2 pom. nel solito locale: Cambucy caminho do Ypiranga 9 e dove si discuteranno cose inerenti alla propagande. I volenterosi non manchino."¹⁰¹

100 Idem, p.4

101 O Amigo do Povo, 24/5/1902.

Os diferentes grupos distribuíam-se em vários bairros realizavam diversas atividades: as reuniões eram constantes, os estudos, conferências, festas, rifas, teatros. Procuravam criar espaços de sociabilidade para os trabalhadores em seus próprios bairros.

Aparecem no jornal o Grupo Socialista-anarquista O amigo do povo, que editava o jornal, o Grupo Anarchico Nuova Civiltá, Círculo Educativo Libertário Germinal, que mantinha uma escola libertária com o mesmo nome, Grupo Filhos da Era Anarquista, Núcleo Filodramático Libertário de São Paulo, que possuía uma sede alugada para suas atividades, Núcleo Filodramático L'attore Giovanile, Grupo Luz e Vida fundado com o fim especial de mandar vir publicações do exterior. Há também frequentes referências aos camaradas do Cambucy e da Ponte Grande, que constituíam grupos. Aparecem também como contribuintes outros grupos como Zapateros sin zapatos, Grupo Fermim Salvochea, entre outros. Comunicavam-se com O Círculo Libertário internacional que editava o jornal A Greve no Rio de Janeiro.

Além dos anarquistas, O Amigo do Povo estabelecia relações com outros grupos como a Liga Democrática Italiana, a Liga de Resistência entre Chapeleiros.

Nesse momento a festa era ainda vista como um espaço e momento favorável à propaganda. Há muitas referências simpáticas à festa:

"São Paulo - domingo, 11 do corrente, à noite, realizou-se uma festa dançante na Liga de Resistência entre operários sapateiros e anexos. Concorreram numerosos sócios, achando-se bem representado o elemento feminino. Para o magnífico êxito da festa, que se prolongou até a madrugada, contribuiu eficazmente o Circolo Mandolinístico "Giuseppe Silvestri". A meia noite houve uma loteria humorística com belíssimos prêmios, terminada a qual o socialista A. Bertolotti, a convite de vários sócios, disse algumas palavras, lembrando a todos os operários sapateiros a necessidade de se unirem, inscrevendo-se na Liga de Resistência, que trabalha pela conquista dos melhoramentos de que a classe necessita.¹⁰²

"Esplêndida a festa realizada no Casino Paulista, na noite de sábado, 9 do corrente, pela Liga de resistência entre chapeleiros. Representou-se o drama de A. Dumas - Una notte a firenze - que francamente estava ali um pouco deslocado. Em seguida, disseram algumas palavras, referindo-se sobretudo a greve da fábrica de Mataná Serricchio e a de Sorocaba os companheiros Raimundi, Valentini Diego e Benjamim Mota. Depois duma comédia num ato, fechou a bela festa um baile familiar. Não havia um só lugar vago: foi uma enchente completa."¹⁰³

Junto às conferências, "uma engraçadíssima farsa", ou "rifa de objetos de valor e outros de surpresa"¹⁰⁴ eram frequentes, bem como o baile. Há sempre referências à presença de mulheres e crianças. Apareciam às vezes referências a várias festas numa mesma noite. As festas

102 O Amigo do Povo 24-05-1902.p.3

103 Amigo do Povo, 16/8/1902

104 Essas rifas em benefício do jornal envolviam grande número de pessoas. Os resultados apareciam nos jornais com a lista dos números sorteados: os prêmios incluíam "cintos de couro para mulher", despertador, violão, barquinho, aquarela, "um chapéu de casca de árvore", uma cítara e sobretudo livros, números de revistas, jornais e folhetos: Memórias de um revolucionário de Kropotkin, A sociedade futura de Jean Grave, A razão contra a fé, de Benjamim Mota, El Proletariado militante, de A. Lorenzo, almanaque da revista Blanca, coleção de bilhetes postais ilustrados sobre a greve geral, Ideólogo de Fábio Luz, Poemas de Oscar Wilde, Luciola de José de Alencar entre muitos outros.

e conferências em geral realizavam-se em locais como o Casino Paulista (antigo Eldorado), Teatro Nasi no Cambucy, Teatro Gargi no Bom Retiro e com mais frequência no Casino Penteado, que ficava na Rua Rodrigues dos Santos, no bairro do Brás, junto à fábrica Penteado.

A primeira investida contra o baile só aparece em 1904, numa referência ao "inevitável baile". Ao referir-se a uma festa organizada pela União dos Trabalhadores Gráficos, O amigo do Povo conclui que "nada distinguiu...das banais festarolas arranjadas por uma das sociedades recreativas que pululam pela cidade."¹⁰⁵ A partir daí a hostilidade cresceria até tornar-se uma crítica feroz, como se observa nesse comentário do jornal A Terra Livre em 1907:

*"cremos que o baile facilita a degeneração e a imoralidade e que não é nem instrutivo nem moral, se é moral tudo o que aperfeiçoa e regenera a massa proletária."*¹⁰⁶

É possível que essa mudança tenha algo a ver um artigo publicado por Malatesta em 1904:

*"para combater de modo racional certa moral, é preciso opor-lhe, em teoria e em prática outra moral superior(...) A moral é a regra de conduta que cada homem considera como boa. Pode-se achar má a moral dominante de tal época, de tal país ou de tal sociedade, e achamos com efeito, a moral burguesa mais do que má; mas não se poderia conceber uma sociedade sem qualquer moral, nem homem consciente que não critério algum para julgar o que é bom e o que é mal, para si mesmo e para os outros."*¹⁰⁷

105 O Amigo do Povo, 23-07-1904.

106 A Terra Livre, 05-02-1907.

107 Os anarquistas e o sentimento moral in Escritos Revolucionários São Paulo: Novos Tempos, 1979.

é evidente a crença na necessidade de criar uma festa que se diferenciasse radicalmente das festas burguesas. Muitas vezes, o problema é unicamente o de que imagem apresentar de si: por exemplo quando o militante tem que apresentar aos olhos dos outros uma vida que desmintas as acusações de um adversário inclinado a imputar a subversão dos oprimidos à desordem dos costumes. No caso, certamente é isso, mas é também mais do que isso.

Já nesse grupo aparece algumas vezes a idéia da necessidade de um controle sobre si mesmo que deveria começar pela eliminação dos vícios:

"Com pedido de inserção, recebemos de Montevideo um manifesto da Liga popular de temperança "ao Povo" publicado como suplemento n.º de Natura, periódico mensal editado pelo "Centro Nature" e distribuído gratuitamente : (...) é bem fraco para destruir a tirania quem é incapaz de destruir a mais insignificante dentro de si mesmo, nas idéias e nos hábitos. A revolução deve começa-la cada um no seu interior (...) Nós precisamos de homens de forte vontade. Ora o alcoolismo, por exemplo, aniquila a vontade e a energia, entenebrece a inteligênciã, entorpece os músculos. Um dos mais evientes sinais da suprema abjeção a que desce o escravo, embrutecido e envilecido pela opressão e pela miséria, é na luta, que é a própria vida e em que nos é necessária toda a agudeza da inteligênciã, toda a força da vontade, mergulhar na noite do alcoolismo feita e inconsciência e de apatia.(...) Muitos são capazes de exercer a sua vontade, e empregar a sua energia numa obra de regeneração individual, social...¹⁰⁸

108 O Amigo do Povo 22-11-1903.

Para os anarquistas toda emancipação implicava no esforço de quem a desejasse. Portanto era necessário pensar, estudar, trabalhar muito lutar por essa emancipação.

Embora fosse próprio dos anarquistas tentar não fazer distinções entre massa e vanguarda, o esforço de moralizar as massas é evidente entre eles:

*"...vamos revolucionando a sociedade de baixo até acima, com a propaganda constante que fazemos, moralizamos os costumes, lançando as bases duma sociedade que se vai estabelecendo desde já...a revolução fazemo-la em casa, na rua, e em toda a parte. Por isso, onde quer que haja um anarquista, logo se nota a sua presença. Assim, o anarquista propaga, com o exemplo, a abstenção das bebidas alcoólicas. Sabe que a bebida enerva e atrofia; e deixando de se embriagar, leva os outros a imitá-lo. Na família, o anarquista é um modelo de cultura, respeita os filhos e a companheira e incita os outros a igual procedimento...Se alguém, chamando-se anarquista, fizesse política, recorresse ao Estado, ensinasse os trabalhadores mediante retribuição, levasse os filhos à igreja, desse escândalos com uma vida licenciosa e passasse os dias ou as noites na taberna, esse apesar do que dissesse em contrário, seria uma simples caricatura, nunca um anarquista convencido e consciente."*¹⁰⁹

O anarquismo tinha um caráter de conversão quase religiosa. Para muitos parecia se tornar um sentido para suas vidas. Ao referir-se ao seu amigo André Soudy, Victor Serge observava:

*"Ele se sentia renascer ao se ouvir chamar "camarada", ao se ouvir explicar que é possível, é necessário tornar-se um homem novo".*¹¹⁰

Entretanto, apesar de manterem uma moral rígida e até puritana, o grupo de O Amigo do Povo abria espaço para

109 O amigo do Povo, 30-05-1903.

110 SERGE, Victor. op.cit.

que as mulheres defendessem suas idéias revolucionárias sobre o casamento, a condição feminina, a maternidade e fizessem críticas às teorias que atribuíam à mulher uma inferioridade intelectual.

*"...o atual matrimônio: uma instituição que decide o futuro de dois seres é por isso mesmo uma das mais infames(...) como pode existir o amor entre uma escrava e um senhor? O casamento é a morte do amor.(...) Trabalhai conosco para a edificação de uma sociedade de livres e iguais, onde o amor seja a lei das livres uniões, onde a mulher tenha os mesmos direitos que o homem."*¹¹¹

Na verdade, era uma parte essencial da doutrina anarquista a defesa do que consideravam uma moral racional. Malatesta chegou a afirmar:

*"Nós proclamamos a máxima faça o que quiser e resumimos por assim dizer nela nosso programa, porque...numa sociedade sem governo e sem propriedade, cada um desejará o que deve."*¹¹²

A essência dessa nova proposta moral, era sem dúvida a crítica à moral burguesa que aparecia frequentemente no O Amigo do Povo:

"(...) Pela maneira injusta e arbitrária como se acha repartida a propriedade, a moral tem estado contida dentro de certos limites, comprimida pela força da autoridade econômica, política e religiosa. Chegou porém o momento de perguntar: em que se apóiam os privilegiados e exploradores? Com que direito privam o operário da liberdade e dos frutos do seu trabalho? (...) Os desgraçados que povoam os presídios não são nem a maior nem a pior parte dos criminosos. O roubo e o assassinato campeiam por todo o globo. Onde está a verdade? Onde a

111 O Amigo do Povo.02-08-1902.

112 MALATESTA, E. A anarquia e outros escritos. São Paulo, Novos Tempos Editora, 1988, p.47.

honradez? Ninguém sabe responder, porque tudo está invertido e desta inversão se ressentem toda a maneira de apreciar, toda a crítica. Ao que passa a vida a embolsar o produto o suor alheio, chama-se honesto. (...) Chama-se negócio ao roubo, honra à vileza, prudência à covardia e à hipocrisia a civilidade."

Nessa total inversão as virtudes dos anarquistas eram transformados em delitos:

"(...) Pelo contrário, a convicção recebe o nome de fanatismo, a franqueza o de desfaçatez, a sinceridade e a despreocupação o de loucura. (...)"

Mas acreditavam sempre poder transformar essa situação:

"(...) E a sua moral robusta, baseada sobre a solidariedade, sobre a liberdade, adaptando-se às necessidades eternamente variáveis, abre caminho pelo meio da burlesca moral de ouropel e triunfará, a despeito de quantos "homens honestos" existam sobre a terra."¹¹³

A Luta contra a Ignorância

"Eles acreditavam na razão como os católicos na Virgem Maria".

Romain Rolland

A ignorância é apresentada como um dos principais inimigos do povo. Só a instrução poderia ser o instrumento e o caminho para a conversão e como vimos os anarquistas defendiam a necessidade de diminuir as horas de trabalho

113 O Amigo do Povo 26-11-1903, p.1

manual dos pobres e instruí-los com conferências científicas, com lições populares: "estender o mais possível o direito de gozar a luz da ciência e os benefícios da civilização."¹¹⁴ Defendiam, como muitos, a idéia de que o homem evolui da ignorância para a razão. Sem dúvida o desejo de instrui-se e instruir as massas revelava a crença na necessidade de igualar-se ao inimigo para poder enfrentá-lo:

"No nosso século, os tiranos são ilustrados, tem a suficiente habilidade fundada na nossa ignorância".¹¹⁵

Os anarquistas partilharam com a sociedade da sua época uma fé incondicional na ciência. No Brasil, pareciam reconhecer a autoridade da ciência tanto quanto seus inimigos republicanos.

Sem dúvida o anarquismo brasileiro estava associado a um sistema de pensamento científicista e evolucionista:

"que a luz seja feita" "a marcha ascendente da espécie humana é só vagarosa porque estúpidas crenças lhe tem estorvado o passo."¹¹⁶

Spencer aparece n' O Amigo do Povo como fonte inspiradora. A luta anticlerical que estava ligada ao pensamento científicista, aparece no jornal, ainda que sem grande ênfase. Essa questão era central no jornal O Livre Pensador, publicado intermitentemente entre 1902 e 1914. Embora a luta contra a Igreja não se limitasse aos meios

114 idem, 30-05-1903.p.2

115 O Amigo do Povo. 16-08-1902.

116 O Amigo do Povo 02-08-1902.

anarquistas, havia um campo comum pois tanto Everardo Dias, José Oiticica ou Astrojildo Pereira foram anticlericais antes de serem anarquistas.

Os anarquistas procuravam mostrar que a ciência e a natureza longe de impugnarem suas idéias, conjugavam-se para proclamar a sua legitimidade. Dessa forma reapropriavam-se de algumas conclusões a respeito dos estudos de Darwin, por exemplo:

"E aos burgueses que veem dizer-nos a nós que a vida é um eterno combate em que os mais fracos estão destinados a desaparecer para darem lugar aos mais fortes, nós podemos responder: nós aceitamos as vossas conclusões. Vós dizeis que a vitória é dos mais fortes e dos melhor organizados? Pois bem, seja: nós os trabalhadores pretendemos essa vitória pelas vossas próprias teorias."¹¹⁷

Era próprio desse momento pensar a história como sinônimo de progresso. Parte essencial desse espírito era essa fé incondicional na ciência e na razão.

Toda a esquerda, nesse momento, acreditava na luta da razão contra a ignorância e a superstição, na luta do progresso contra o passado, na ciência e na educação.

Hobsbawm observa que nesse momento para a grande maioria das pessoas instruídas, especialmente os recentemente educados, as antigas verdades intelectuais não estavam em questão. Pelo contrário, eram continuamente reafirmadas por aqueles que ainda mantinham a fé no progresso. Esse autor argumenta ainda que o maior avanço intelectual do período foi o desenvolvimento maciço da

117 GRAVE, Jean, op.cit., p.33.

instrução e do autodidatismo populares e o aumento dos leitores nesses estratos. Isso teria sido também uma das principais funções dos movimentos da classe trabalhadora e um dos maiores atrativos para os militantes. E o que esses recém-instruídos absorviam e aceitavam, sobretudo os que eram politicamente de esquerda, eram

*"as certezas racionais da ciência do século XIX, inimiga da superstição e do privilégio, espírito que presidia a instrução e o esclarecimento, prova e garantia do progresso e da emancipação das classes menos favorecidas."*¹¹⁸

O Antipatriotismo Anarquista:

*O pobre tem uma pátria?
Que tenho eu co' a vossa glória
Vossos campos, vossa indústria,
Vossos rasgos de oratória?*¹¹⁹

*Guerra às pátrias
apaguemos os confins do mundo inteiro
Que o inimigo, o estrangeiro
Não é longe, é entre nós.*¹²⁰

Eric Hobsbawm observa que estamos hoje em dia tão habituados com a definição étnico-linguística das nações que esquecemos que ela foi essencialmente inventada em fins do

118 HOBBSBAM, Eric. A Era dos Impérios. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p.364.

119 O amigo do Povo 11-07-1903.

120 Hinos e Cânticos Libertários

século XIX. A base dos "nacionalismos" residia no fato de que as pessoas se identificavam emocionalmente com "sua" nação e podiam ser mobilizadas. Essas ideologias do nacionalismo e do patriotismo seriam apropriadas pela direita política, o que traria profundas consequências no século XX. Os anarquistas preocuparam-se profundamente com isso. Como a maior parte dos movimentos operários e socialistas desse momento, os anarquistas eram internacionalistas e chegaram mesmo a sonhar com um futuro em que todos falariam a mesma língua: o esperanto.

Um tema que era alvo constante das críticas anarquistas n' O Amigo do Povo era o militarismo e as guerras. Esse tema se vinculava diretamente ao anti-patriotismo anarquista, já acentuado nos primeiros números do O Amigo do Povo. Apresentavam e criticavam notícias dos lugares mais distantes.

Um dos principais aspectos do antipatriotismo anarquista era o esforço para amenizar os conflitos entre italianos e brasileiros, o que envolvia, sem dúvida atritos culturais e o medo da competição de uma mão de obra barata:

"Houve quem lançasse o grito de alarme sobre o perigo que nos ameaça: a invasão do italiano. a "língua de Dante" ganha terreno sobre a "língua de Camões". Estamos na hora negra dos perigos...este com as cores estão todas empregadas- perigo amarelo, negro, branco, cor de burro quando foge-intitulamo-lo um pouco jocosamente perigo macarrônico. Além da Divina Comédia(ah! comédia humana) é o macarrão que nos ameaça. O perigo complica-se com o aspecto culinário: estamos expostos a ter de abandonar a carne seca com feijão ou o cozido e arroz para

*mangiare i maccheroni, é a ruína dos nossos costumes(...)*¹²¹

O Amigo do Povo procurava dessa forma bem humorada destacar tanto a existência do conflito, como a sua inutilidade e sugeria a sua superação considerando-se que na prática já havia uma união entre todos:

"São Paulo é um laboratório perfeito. Assistimos a transformação à vista em tudo, desde a cozinha ao tipo de habitante. Basta percorrer as fábricas, os meios operários... Não há assimilação completa; há fusão. Os diversos elementos penetram-se".

Procuravam sobretudo mostrar que os conflitos étnicos, criavam lutas inúteis e dividiam os trabalhadores impedindo-os de enxergarem seus verdadeiros inimigos. Referem-se a lei de expulsão de estrangeiros, destacando como o governo pretendia criar rivalidades entre trabalhador estrangeiro e trabalhador nacional.

Em 11-06-1904 O Amigo do Povo publica um texto onde Luigi Magrassi critica a realização de um Congresso Colonial Italiano. Para escapar ao isolamento, era comum que os imigrantes se refugassem em sociedades de caráter nacional, que lhes oferecia um certo reconforto e algum divertimento. Ora muitas vezes essas associações nacionais tinham por tendência desviar os imigrantes, dos problemas especificamente operários. Por isso eram alvo de violentas críticas dos militantes. O Amigo do Povo então argumentava que só era útil a organização de todos os trabalhadores, de

121 O Amigo do Povo 20-08-1904.

todas as nacionalidades contra o inimigo comum: o capitalismo, o militarismo, a autoridade, "sob qualquer bandeira que se abrigue."¹²²

O pacifismo era a expressão maior do desejo de criar uma identidade e uma solidariedade internacionais. Era parte da fé numa possível e próxima fraternidade dos povos.

Anunciavam frequentemente as campanhas antimilitaristas de outros países:

"A França foi quem difundiu pelo mundo civilizado um apelo tão audaz que nos parece utópico...e que nem citaríamos se não se tivesse enraigado em nós a convicção de que a "utopia" de hoje é sempre a realidade de amanhã.(...) O apelo convida a suspender a fabricação e o transporte de armas (...)os soldados devem recusar o serviço militar (...) os povos não devem contribuir mais para os fundos de guerra, as "comunicações comerciais com a Rússia e o Japão devem ser interrompidas pelo boicote dos trabalhadores dos outros países. A iniciativa é grandiosa e boa, e tornando-a um fato, significa impor a cessação de uma espantosa carnificina."¹²³

Também aqui o desejo de afirmar a contracultura anarquista levava a criação e reprodução de poesias e canções:

*"Eu lembro-me de ti, do teu passado
quando mal despontava a doce aurora
ias alegre pelo campo afora
de enxada ao ombro de farnel ao lado,
Quando te via assim meio curvado
sobre essa terra que a tua alma chora,
não sonhava sequer que tu agora
trocasse pela caserna o campo amado
Abriram-te no peito o coração
mudaram-te o amor sereno e forte*

122 11-06-1904.

123 A greve geral militar - O Despertar - 30-11-1904.

no ódio vil essa ruim paixão
 Oh! meu irmão que triste a tua sorte!
 Outrora semeavas o pão
 e hoje...hoje semeias-nos a morte"¹²⁴

Para os anarquistas, a idéia de pátria era pois uma superstição sugerida à classe operária pela burguesia. Destacavam para o fato de que a exaltação dessa sentimentalidade patriótica visava amestrar o trabalhador na arte de defender aquilo que ele não possuía: a propriedade.

*"Precisamos, como o burro de La Fontaine, de meter por uma vez na cabeça que o nosso inimigo é o nosso dono - e depois não haverá mais ódios nacionais."*¹²⁵

Acreditavam que a própria época em que viviam obrigaria os indivíduos a considerarem a humanidade sua única pátria. O internacionalismo era a condição indispensável ao triunfo da revolução. Uma revolução social que se realizasse em qualquer parte deveria forçosamente encontrar eco nos corações dos trabalhadores de outros países, pois para os anarquistas só isso poderia salvá-la.

O Amigo do Povo tentava criar uma nova identidade entre os trabalhadores, tentava criar um discurso capaz de destacar ou produzir igualdades que negassem as diferenças:

"Precisamos, pois, mostrar que não temos pátria, que temos de criá-la, todos nós, os proletários de todos os países, de todas as línguas, de todas as cores, de todas as raças e que como nós também não tem pátria o burguês que nos rouba, sem se importar se é seu compatriota o roubado."

A própria idéia da constituição d'O amigo do Povo, um jornal em português, se inseria nesse projeto de desviar

124 Poema de Bento Faria. O Despertar. 30-11-1904.

125 GRAVE, Jean op.cit.p.49.

a hostilidade com relação aos estrangeiros. O antipatriotismo anarquista tentava desfazer as divisões étnicas que dificultavam a organização dos trabalhadores e impediam muitas vezes de reconhecer outros trabalhadores como iguais. Em outro campo, o antipatriotismo anarquista se contrapunha integralmente ao projeto das classes dominantes que nesse momento tentavam criar uma identidade em torno da idéia de nação, de nação civilizada.

Procuravam destacar o fato de que a idéia de pátria era uma construção astuciosamente elaborada:

"Se há uma palavra que pareça, hoje, exprimir uma idéia nobre e pura, é Pátria; os governos sabem manobrar essa palavra com uma perícia singular, e homens que detestam, e muito sinceramente, as tiranias deixam-se tyrannizar todavia, em nome da pátria. Quem ousaria confessar-se não patriota? Quem concebe mesmo que se possa deixar de ser patriota? E no entanto, a tirania do patriotismo, ao menos nesta época, não se funda sobre bases mais logicamente sólidas que as outras tiranias.¹²⁶

Nesse contexto, é também para evitar a hostilidade que se inicia a propaganda em português:

"Os nossos camaradas dos Estados Unidos, ameaçados de expulsão compreendendo essas verdades, desenvolvem uma ativa propaganda em inglês, a língua do país. Façamos como eles e quanto antes. Criemos uma atmosfera de simpatia, destruamos calúnias, preparemo-nos para as possíveis violências. Eis o motivo principal da fundação do nosso jornal - motivo suficiente, cremos nós, para que "O Amigo do Povo" mereça o decidido apoio - traduzido em fatos - dos nossos camaradas - por quem esperamos ser compreendidos. O mesmo poderíamos dizer quanto à iniciativa tomada pelo grupo Filhos da Era

126 O Amigo do Povo 22-11-1903.

anarquista para a publicação de um opúsculo em português.

Entretanto, para a publicação desse folheto (Al caffè, de Malatesta), além das subscrições abertas em São Paulo e no Rio, o grupo organizou uma festa, que no entanto teve uma presença inesperada. A polícia prende três dos camaradas e o dinheiro arrecadado é usado para libertá-los "das garras dos mantenedores da desordem".¹²⁷ Isso serve para ilustrar mais uma vez a situação de conflito constante e a grande repressão.

Considerações Finais

Em muitos momentos os anarquistas demonstravam uma fé messiânica no triunfo da anarquia:

"(...) Tudo passa. O horizonte tornar-se-á depois calmo e puro, o céu sereno. E o sol que despontar virá iluminar na Terra a cena mais tocante, o quadro mais comovente, o espetáculo mais soberbo que jamais se pode imaginar. Veremos novas forças se agregarem, o mundo assumir aspectos mais belos e risonhos e a vida, revestindo-se de formas mais brilhantes, encher-se de atrativos e encantos! E surgindo então vastas associações de homens livres no seio das quais cada um dará a medida de suas forças recebendo todos na proporção das suas necessidades, teremos atingido a idade de ouro, inaugurando assim o comunismo racional e científico, isto é, teremos assegurado o triunfo imperecível da generosa Anarquia. ¹²⁸

De fato para os anarquistas como para a maioria das pessoas essa foi uma era de esperança. As expectativas

127 O amigo do Povo 16-08-1902.

128 O Amigo do Povo 02-04-1904.

em relação ao futuro eram muito grandes: esperavam uma paz e uma cultura universais, acreditavam numa ciência que poderia responder a todas as perguntas, na emancipação de toda a humanidade, num futuro de bem-estar e felicidade. Hobsbawm observa que:

*"Não se tratava apenas de sonhos de revolucionários. A utopia através do progresso estava, sob aspectos fundamentais, embutida no século. Oscar Wilde não estava brincando quando disse que não valia a pena ter um mapa do mundo onde não figurasse a Utopia."*¹²⁹

Também para os trabalhadores essa foi então uma época de esperanças. As greves gerais multiplicavam-se no mundo e o Primeiro de Maio tornava-se o símbolo da confiança e da esperança da classe operária. Os militantes anarquistas buscavam dar aos trabalhadores a certeza do seu inevitável triunfo. Os sonhos pareciam não só plausíveis, mas certamente realizáveis. Esse otimismo incluía tanto os que acreditavam no futuro do capitalismo, quanto aqueles que aguardavam com esperança a sua superação. Poucos tinham dúvidas sobre para onde o progresso os levaria e se ele realmente corresponderia aos seus sonhos. Foi também esse espírito que tornou possível a existência do movimento anarquista. Ainda que se diferenciasse radicalmente de outros movimentos, o pensamento anarquista estava ligado por mil laços ao pensamento daquele seu mundo. Naqueles primeiros anos do século a esperança era seu pressuposto.

129 HOBBSBAM, Eric. A Era dos Impérios. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, p.

Enfim...

Procurei com esse trabalho destacar as atividades dos grupos de propaganda que eram a base da atividade anarquista no Brasil do início do século. Busquei evidenciar também a grande complexidade que envolvia as opções e atuações dos militantes e suas relações com grupos de outras tendências. Apesar do anarquismo, sem dúvida, fazer parte da história das utopias, procurei aqui compreendê-lo como parte da história dos movimentos operário e socialista.

Ainda que nesse momento o anarquismo em São Paulo se encontrasse nos "tempos das origens", é possível através desse estudo apontar para algumas hipóteses mais gerais:¹³⁰ para os anarquistas, a educação era a garantia da emancipação dos trabalhadores. Por isso as mais diferentes atividades realizadas pelos anarquistas em São Paulo nos primeiros anos do século tinham como objetivo a instrução e difusão da idéia anarquista entre os trabalhadores, preparando-os para a sociedade futura. Embora a historiografia tenha tendido a classificar como anarco-sindicalista toda a atuação anarquista nos sindicatos durante a Primeira República, creio que uma análise mais detida permitiu vislumbrar o fato de que essa atividade

¹³⁰ Ginzburg argumenta que a micro-análise de casos bem delimitados, num estudo intensivo, pode revelar problemas de ordem mais geral e até mesmo por em questão os paradigmas existentes sobre certos assuntos ou períodos. Ver: GINZBURG, C. Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História São Paulo: Cia das Letras, 1989.

expressou em muitos momentos uma mudança muito mais estratégica que doutrinal. O sindicato era mais um lugar, para alguns um lugar privilegiado, para difundir a idéia anarquista. Portanto, no sindicato ou fora dele, a atividade anarquista tinha por objetivo instruir, educar para a luta. Entretanto, anarco-comunismo, anarco-sindicalismo e sindicalismo revolucionário confundiram-se na história e na historiografia. Isso, sem dúvida, merece uma investigação mais minuciosa.

* * * * *

FONTES

A. Jornais e periódicos

- L'Avvenire - São Paulo - 1894/5.
- Folha do Bráz - São Paulo. Ed. Edgard Leuenroth e outros. 1899/1901.
- Il Risveglio (organo comunista-libertario) São Paulo. 1898/1899.
- A Lanterna - São Paulo - Ed. Edgard Leuenroth - 1901, 1904, 1909-16.
- O Amigo do Povo - São Paulo. Ed. Neno Vasco 1902/1904.
- Germinal (semanário anarquista) São Paulo. 1902/1904.
- La nuova gente (publicato a cura del grupo anarchico) São Paulo. 1903/1904
- La Battaglia - São Paulo . Ed. Oreste Ristori . 1904/1912.
- O Libertário - Rio de Janeiro. 1904.
- L'azione anarchica. (numero único publicado a cura di alcuni anarchici - São Paulo - 1905.
- A Terra Livre (Periódico anarquista). Ed. Edgard Leuenroth. Rio de Janeiro/São Paulo - 1905/08, 1910.
- A voz do trabalhador. orgão semanal da Confederação Operária Brasileira - Rio de Janeiro. 1908, 1909, 1913-15.
- O Despertar de Curitiba, Ed. Gigi Damiani, 1904.
- Kultur , Ed. Aluysio de Carvalho, Rio de Janeiro, 1904
- Aurora , São paulo, 1905.
- O Livre Pensador . São Paulo . 1903.

Folhetos

Pouget, Emile. As Bases do sindicalismo. Porto Alegre, 1906.

Merlino, Saverio. Por que somos anarquistas? São Paulo, 1904.

B. Livros

-LEUENROTH, Edgard - Anarquismo, roteiro da libertação social: antologia de doutrina crítica, história e informações. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1963.

-OITICICA, José. A doutrina anarquista ao alcance de todos. São Paulo, s.c.p., s.d.

GRAVE, Jean. A Sociedade futura. Lisboa, 1912.

BIBLIOGRAFIA

- ALVIM, Zuleika *Brava Gente Os Italianos em São Paulo 1870-1920* São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANARQUISMO e a democracia burguesa, o* - por E. Malatesta e outros, São Paulo, Global, 1986.
- ANSART, Pierre - *Marx et l'anarchisme - essai sur le sociologies de Saint-Simon, Proudhon et Marx* - Paris, 1969.
- ARAUJO, Paulo Eduardo Martins - *Domínio da Regra: condição do saber e do agir - Considerações sobre as Experiências Liberal e Anarquista na República*. Minas Gerais, 1988. (Dissertação de Mestrado)
- ARVON, Henri - *El anarquismo en el siglo XX*, Madrid, Taurus, 1981.
- AVRICH, Paul *Los Anarquistas Rusos* Madri: Aliança Editorial, 1974.
- BAKHTIN, Mikhail - *A Cultura Popular da Idade Média e do Renascimento*. São Paulo, HUCITEC/Ed. Universidade de Brasília, 1987.
- BAKUNIN, Mikhail - *O socialismo libertário*, São Paulo, Global, 1979.
- BAKUNIN por Bakunin - *Cartas* Brasília, Novos Tempos, 1987.
- BARRANCOS, Dora - *Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de principios de siglo*. Buenos Aires, Contrapunto, 1989.
- BARROS, Monica Siqueira Leite de - *As mulheres trabalhadoras e o anarquismo no Brasil*, Campinas, 1979. (Dissertação de Mestrado).
- BOLETIN de la Escuela Moderna*, Barcelona, Tusquet Editor, 1982.
- BURKE, Peter - *Cultura Popular na Idade Moderna*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- CAMPOS, Cristina Hebling - *O Sonhar libertário - movimento operário nos anos de 1917 a 1921*, Campinas, Unicamp, 1988.

- CARONE, Edgar *Movimento Operário no Brasil 1877-1944*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- CARVALHO, José Murilo de - *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CHALHOUB, Sidney - *Trabalho, Lar e Botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CHALHOUB, Sidney *Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CHAUÍ, Marilena - *Conformismo e resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CHESNEAUX, J.- Critique sociale et thèmes anarchistes chez Jules Verne. in *Le Mouvement Social*, juillet/septembre, 1966.
- CHEVALIER, Louis - *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIXe siècle*. Paris, L.G.F., 1978.
- DARNTON, Robert - *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- DE DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- DE DECCA, Edgar. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- DESANTI, Dominique - *Les socialistes de L'Utopie*. Paris, 1970.
- DUARTE, Regina Horta *Imagem Rebelde - A Trajetória Libertária de Avelino Fóscolo*. Tese de mestrado, Campinas, UNICAMP, 1988. mimeo.
- DULLES, John W. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus - *O curto verão da anarquia*. São paulo, Companhia das Letras, 1987.
- FAUSTO, Boris - *Trabalho urbano e conflito social - 1890-1920*, São Paulo, Difel, 1976.
- FERREIRA, Maria Nazaré. *A imprensa operária no Brasil - 1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978.

- GALLO, Sílvio - *Educação anarquista - Por uma pedagogia do risco*, Campinas, Unicamp, 1990. (Dissertação de Mestrado).
- GHIRALDELLI JR., Paulo - *Educação e movimento operário*, São Paulo, Cortez, 1987.
- GINZBURG, Carlo - *Os andarilhos do Bem. Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- - *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- - *Mitos Emblemas e Sinais: Morfologia e História* São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GORDON, Eric Arthur - *Anarchism in Brazil: theory and practice, 1890-1920*, Michigan, Ann Arbor, 1978.
- GRUPO Anarquista 1 de maio - Anecy - França - Federação Anarquista Internacional - *Malatesta* - Porto Alegre, L&PM, 1984.
- GUERIN, Daniel, comp. - *Bakunin, textos escolhidos*, Porto Alegre, L&PM, 1983.
- HALL, Michael e PINHEIRO, Paulo Sérgio. *A Classe Operária no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1981 (Vol.II)
- HARDMAN, Francisco Foot - *Nem Pátria, nem Patrão - vida operária e cultura anarquista no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1983.
- HAUPT, Georges - "Por que a História do Movimento Operário?" in *Revista Brasileira de História*, n. 10, 1986.
- HERBERT, P. Les artistes et l'anarquisme - in *Le Mouvement Social*, juillet/septembre, 1961, n.36.
- HOBBSBAWM, Eric. *Rebeldes Primitivos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- *Revolucionários*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

- *A Era dos Impérios 1875-1914* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- JOLL, James - *Anarquistas e anarquismos*, Lisboa, D. Quixote, 1977.
- JOMINI, Regina C. - *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*, Campinas, Unicamp, 1989.
- KROPOTKIN, Peter - *La moral anarquista*, Madrid, Júcar, 1978.
- *O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia, seu ideal, seus princípios econômicos*. São Paulo, 1933.
- *A conquista do pão*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.
- *La morale anarquica*. Milano Editrice Sociale, 1921.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.) - *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- LITVAK, Lily - *Musa libertária: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español: 1880-1913*, Barcelona, 1981.
- LOMBROSO, Cesare - *Los anarquistas*, Madrid, Jucar, 1978.
- LUIZZETTO, Flávio - *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional - 1900-1920*, São Paulo, USP, 1984. (Tese de Doutorado).
- *Utopias anarquistas*, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- MAGNANI, Sílvia - *O movimento anarquista em São Paulo - 1906-1917*, Campinas, 1979.
- MAITRON, Jean - *Le Mouvement Anarchiste en France - Des origines a 1914* Paris: F.M.Fondation, 1983.
- MALATESTA, Errico - *Comunismo Libertário*. Rio de Janeiro, Minha Livraria, s.d.
- - *Escritos Revolucionários* São Paulo: Novos Tempos, 1989.
- MARAM, Sheldon - *Anarquistas, Imigrantes e movimento operário no Brasil.(1890-1920)* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

- MARX, Karl - *O anarquismo* por K. Marx e F. Engels, São Paulo, Acadêmica, 1987.
- *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- MONÉS, Jordi - *Ferrer Guardia y la pedagogia libertária: elementos para um debate*, Barcelona, Icaria, 1980.
- PERROT, Michelle - *Os Excluídos da História*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- *Les Ouvriers en Grève*. (France, 1871-1890). Paris, Mouton, 1974, 2v.
- PINHEIRO, P.S. e HALL, M. Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle in: *Revista Remate de Males*, n.5, Campinas, 1985.
- PIOZZI, Patricia. "Construindo a Ordem Anárquica: algumas considerações em torno da doutrina social de Proudhon e Bakunin." in *Revista Trans/form/Ação*, n.13, 1990.
- PRADO, Antonio Arnoni, comp. - *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1986.
- PROUDHON, P.J. - *El Estado*. Buenos Aires, TOR, s.d.
- *La moral de las ideas*. Buenos Aires, s.d.
- *Que es la propiedad?* Valencia, Sempere, s.d.
- RAGO, Margareth - *Do cabaré ao Iar - A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- REBERIOUX, Madeleine - *Culture et militantisme in Le Mouvement Social*, avril-juin, 1975, n.91.
- RECLUS, Elisee. *Evolução, revolução e ideal anarquista*. São Paulo, La Tribuna Espanhola, 1904.
- RODRIGUES, Edgar - *Nacionalismo e cultura social*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1972.
- *Os anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil*, São Paulo, Global, 1984.
- RUDÉ, George - *Ideologia e protesto popular*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

SEIXAS, Jacy Alves de. *Anarchisme, syndicalisme révolutionnaire et participation politique au Brésil: mythe et histoire*. Paris, 1989. Thèse(Doctorat)

SERGE, Victor *Memórias de um revolucionário 1901-1941* São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SCHMIDT, Afonso - *Colônia Cecília - uma aventura anarquista na América*, São Paulo, Anchieta, 1942.

SIMÃO, Azis *Sindicato e Estado: Suas relações na formação do proletariado de São Paulo* São Paulo: Dominus, 1966.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, 3 vols. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

----- *A Miséria da Teoria* . Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

TRAGTEMBERG, Maurício - *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária* in *Revista Educação e Sociedade* n. 1, 1978.

WOODCOCK, George - *Anarquismo, uma história das idéias e movimentos libertários*, Porto Alegre, L&PM, 1983.

----- - *Os grandes escritos anarquistas*, Porto Alegre, L&PM, 1981.

ERRATA

- p.2, linha 17 - onde se lê: influenciado, leia-se influenciada.
- p.7, linha 6 - onde se lê: pode mostrar-se uma interessante, leia-se mostrou-se interessante.
- p.11, linha 26 - onde se lê primeiro, leia-se primeiros
- p.17, nota 19, onde se lê países, leia-se países; na nota 20 onde se lê instrumento e opressão, leia-se instrumento de opressão.
- p.29, linha 21, onde se lê garvitavam, leia-se gravitavam.
- p.50, nota 4 - Acrescente-se que o jornal *La Battaglia*, ao contrário dos outros jornais ali citados teve uma longa existência, permanecendo a sua publicação até 1912.
- p.72, nota 37 acrescente-se 1904; nota 38, p.50.
- p.84, nota 51 onde se lê MAURA, leia-se MAURA, Joaquim Romero. op.cit.
- p.91, onde se lê Minos, leia-se Minos e Cânticos Libertários, Rio de Janeiro, 1923, AEL.
- p.92 nota 67, onde se lê idem, leia-se *O Amigo do Povo*
- p.107, nota 92, onde se lê idem, leia-se BATINI, Tito, op.cit.
- p.112, nota 100, onde se lê idem, leia-se *O Amigo do Povo*, 16-08-1902.
- p.125, nota 122, leia-se *O Amigo do Povo*